

Esparta e sua Lei



Sol Negro Edição

Extraído do texto de Eduardo Velasco no site: *Legio Victrix*.

Endereço: (<http://legio-victrix.blogspot.com.br/>)

Material original do site do Partido Nacional-Socialista Brasileiro (PNSB).

Endereço: (<http://nacionalsocialismo.com>)

Edição e montagem **Sol Negro EDIÇÕES DIGITALIZADAS**: A. van Helsing

Esta obra é dedicada a todos os combatentes, que diante da degradação generalizada e continua na historia do mundo, não abaixam a cabeça e se mantêm firmes, a si e aos seus. Pois como dizia Nietzsche na sua, Genealogia da Moral, todo livro é um escrito de combate.

O editor.

“Se tivesse que escolher um lema, seria este: ‘Duro, puro, seguro’, - em outras palavras: inalterável. Este seria o ideal dos fortes, a quem ninguém abate nada corrompe nada faz mudar; dos que se pode esperar a união com o Eterno, por que sua vida é ordem e fidelidade.”

(Savitri Devi, “Memórias e Reflexões de uma Ariana”, Capítulo 1).

Capítulo 1 – Introdução

“Se um ariano europeu, em nossa época, não mostra mais que desprezo pelos valores “cristãos e democráticos” do Ocidente, e deseja uma sociedade inspirada na Esparta antiga, é de prever que, se é de espírito combativo, seja adicto à fé hitlerista”.

(Savitri Devi, “Memórias e Reflexões de uma Ariana”, Capítulo 1).

Esparta foi à primeira reação massiva contra a degradação da Idade de Ferro, e como tal, veio marcada com um selo sombrio do quais muitos aprenderam. Todas as tradições militares de elite são herdeiras do que levou a cabo em Esparta, e isso nos assinala a importância da missão espartana. O historiador e sacerdote de Apolo no santuário de Delfos, Plutarco (46 EC-125 EC), em suas obras “Antigos Costumes dos Espartanos” e “Vida de Licurgo” nos dá valiosa informação acerca da vida espartana e sobre as leis espartanas, e muito do que hoje sabemos acerca dos espartanos é graças a ele. Xenofonte (430 AEC-334 AEC), historiador e filósofo que mandou seus filhos para que fossem educados em Esparta, é outra boa fonte de informação, em seu escrito “Constituição dos Lacedemônios”. Platão (427 AEC-347 AEC), em sua conhecida obra “A República” nos mostra seu conceito de como há de estar regido um Estado superior, enumerando muitas das medidas que parecem diretamente tiradas de Esparta, pois nela se inspirou.

Hoje em dia nossos doutrinadores do Sistema ensinam vagamente que Esparta era um Estado militarista e brutal voltado completamente para o poder, e cujo sistema de educação e treinamento era muito duro. Apresentam-nos aos espartanos, de maneira geral, como soldados eficientes, toscos e acéfalos, aos quais “só interessava a guerra”. Dita imagem é um reflexo deliberadamente distorcido do que realmente foram, e que se deve principalmente ao que nos contaram alguns atenienses decadentes, endereçados com a má fé dos que ostentam o poder, que pretendem tergiversar a História para servir a seus interesses.

Os espartanos deixaram uma pegada espiritual indelével. O simples fato de que ainda hoje em dia o adjetivo “espartano” designe qualidades de dureza, severidade, resistência, estoicismo e disciplina, nos dá uma ideia do enorme papel que cumpriu Esparta. Foi muito mais que um simples Estado: foi um arquétipo, foi o máximo expoente da doutrina guerreira. Por trás da fachada perfeita de homens aguerridos e mulheres atléticas se escondia o povo mais

religioso, disciplinado e ascético de toda Grécia, que cultivava a sabedoria de um modo discreto e lacônico, longe da euforia e das baixeiras urbanas que já então haviam feito sua aparição. Nesse escrito veremos como a História colocou sempre a Esparta por cima de Atenas.

É-me impossível finalizar essa introdução sem fazer referências ao filme “300”, apesar de que a maior parte do texto foi escrito antes que saísse o filme em 2007. Creio que, segundo se vá lendo, se verá que (à margem de sensacionalismos na ambientação, facilmente reconhecíveis por qualquer um com um mínimo de cultura) o modo de ser dos espartanos históricos não tinha nada a ver com os personagens que nos apresenta esse filme, que tenta nos tornar mais “abertos” aos espartanos, apresentando-os de uma forma mais “simpática” para as mentes modernas – o que não me parece mal, posto que de outro modo o filme não tivesse sido produzido e as mensagens positivas teriam ficado, portanto, sem transmitir. Dito isso, não digo que “300” não sejam bons (pois o é), nem que não transmita bons valores (pois os transmite).

Porém em outro nível, Esparta me brinda a desculpa perfeita para tocar temas muito importantes...

Capítulo 2 – Origens de Esparta

“Felizes tempos aqueles do passado remoto em que um povo dizia a si mesmo: ‘Eu quero ser o amo de outros povos!’ E é que, irmãos, o melhor deve dominar e o melhor quer também dominar. E ali onde se ensine outra coisa, é por que falta o melhor.”

(Nietzsche, “Assim Falou Zaratustra”, Terceira Parte, As Velhas e Novas Tábuas, 21).

“Confessemos, pois, sem rodeios, de que forma surgiu sempre na Terra toda cultura superior: Uns homens dotados de um caráter muito próximo à Natureza, bárbaros em todo o sentido terrível da palavra, homens de presa em posse de uma força de vontade de uma Vontade de Poder ainda intactos, se lançaram sobre raças mais fracas, mais civilizadas, mais pacíficas, dedicadas quiçá ao comércio ou ao pastoreio, ou sobre antigas culturas esgotadas, cuja última força vital se extinguia em brilhantes fogos artificiais no âmbito do espírito e da corrupção. A casta aristocrática sempre foi em seus primórdios à casta dos bárbaros: sua supremacia não radicava tanto na força física como na psíquica. Eram homens mais completos, o que equivale a dizer “feras mais completas”, em todos os sentidos.”

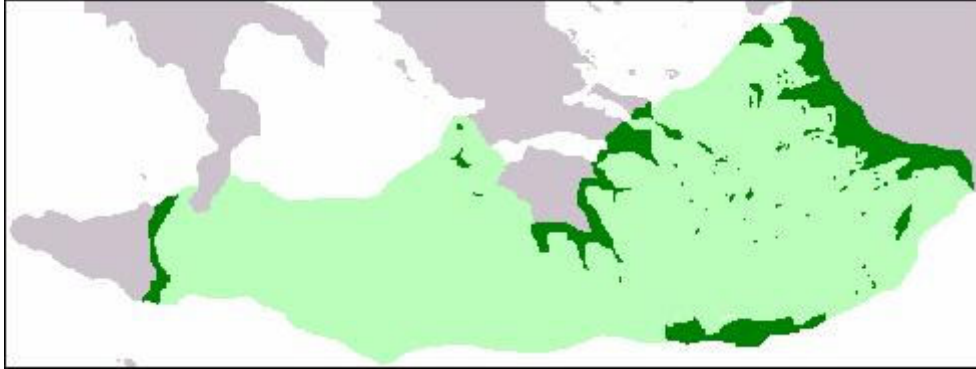
(Nietzsche, “Além do Bem e do Mal”, Parte 9, 257).

Antes das grandes invasões arianas, a Europa se encontrava povoada por diversos povos pré-arianos, alguns dos quais tinham sociedades avançadas as que me inclino a considerar como despojos de civilizações desaparecidas e esquecidas, concretamente “Atlântida”.

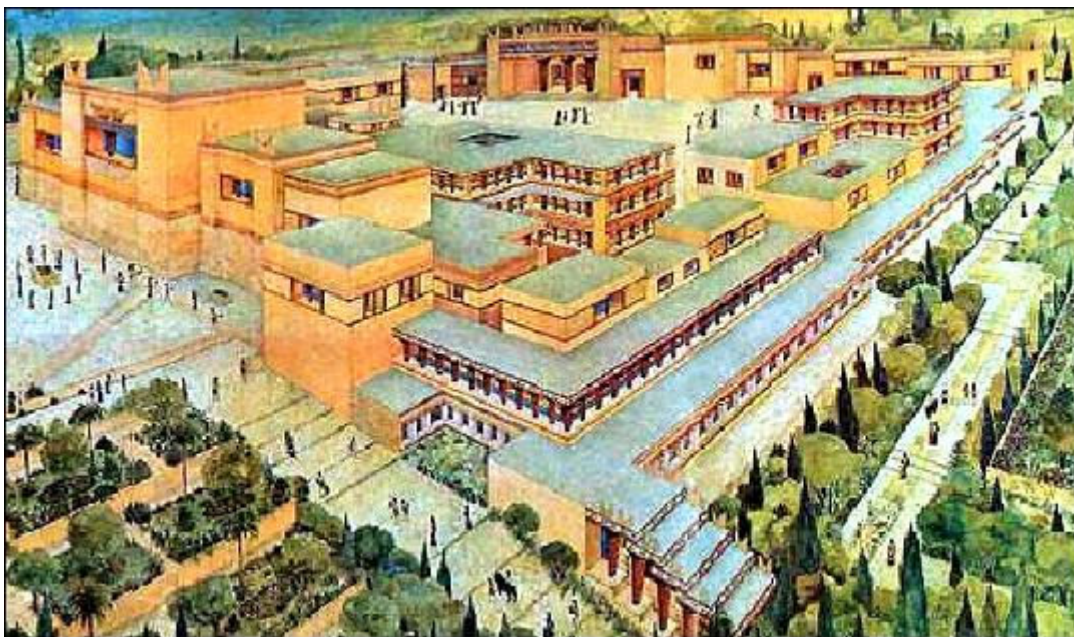
No Sul e no Oeste da Europa habitavam povos mediterrâneos com influências camitas e semitas. No resto da Europa havia povos mongoloides ou misturas entre estes e os mediterrâneos. Os antigos lapões (os ugro-fineses) hoje em dia, ainda que com sangue ariano, é um vestígio do povo mongoloide que habitou a Europa em tempos remotos, assim como os vascones o eram de um povo similar, mais mediterrâneo.

Em um princípio, a maior parte da Grécia estava habitada por povos mediterrâneos que os posteriores invasores helenos chamariam pelasgos. Ao redor de 2700 AEC, floresceu a civilização minoica (nomeada assim em memória do lendário Rei Minos), baseada na ilha mediterrânea de Creta, muito influenciada por Babilônia e os caldeus, claramente relacionada com os etruscos e inclusive com Egito (pelo qual lhe foi atribuída uma origem “atlante”), e conhecida por seu “Culto ao Touro”

telúrico, o Palácio de Cnossos, os sacrifícios rituais, construções carentes de fortificações e uma arte abundante em espirais, curvas, serpentes, mulheres e peixes, tudo o qual coloca a essa civilização dentro da órbita das culturas matriarcais pré-arianas, de caráter telúrico e focado na Mãe Terra ou *Magno Mater*.

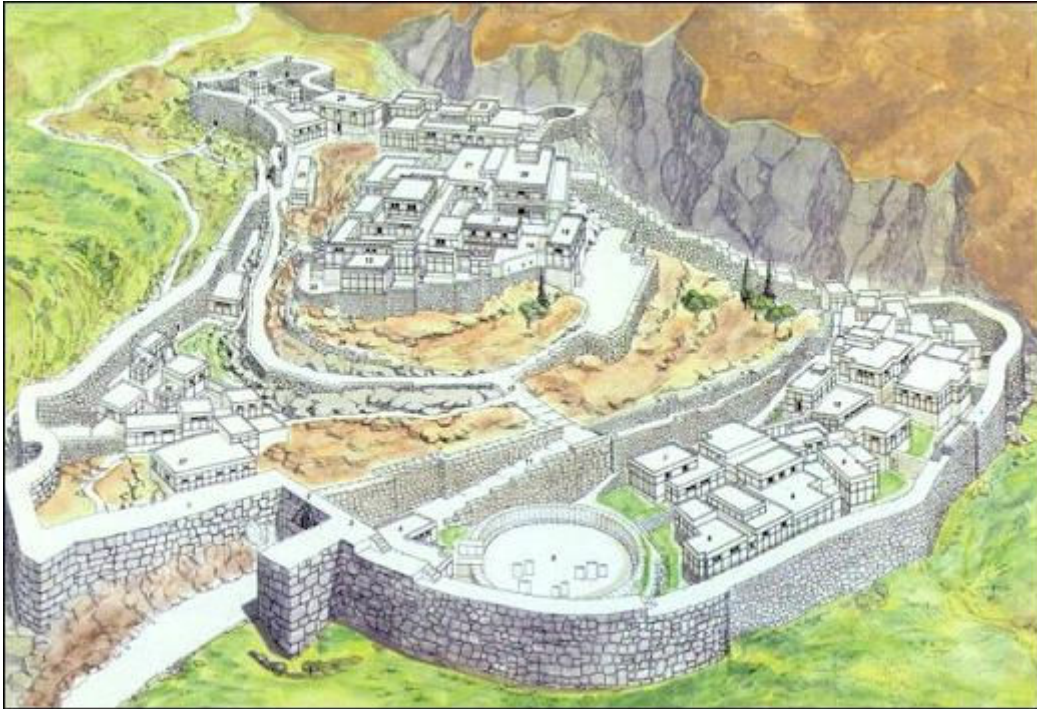


Segundo a mitologia helênica, á medida que os primeiros helenos periféricos iam avançando na Grécia e entrando em contato com estes povos, os minoicos acabaram exigindo, como tributo anual, 14 varões helenos jovens para serem sacrificados ritualmente (a lenda de Teseu, Ariadne, o labirinto e o minotauro são reminiscências dessa época).



Por volta de 2000 AEC houve uma invasão ariana por parte da primeira onda helênica, que inaugurou o que a arqueologia denomina “Idade do Bronze”. Os helenos eram um povo ariano (ou indo-europeu) que, em sucessivas ondas bastante separadas no tempo, invadiu a Grécia pelo Norte. Tratava-se de um povo áspero, mais avançado, unido, marcial e vigoroso que os pelasgos acabaram submetendo aquelas terras. Estes helenos eram

os famosos aqueus aos quais se referem Homero e as inscrições egípcias. Trouxe a Grécia seus Deuses, seus símbolos solares (inclusive a Suástica, utilizada posteriormente por Esparta), as carruagens de guerra, o gosto pelo âmbar, assentamentos fortificados, um idioma “indo-europeu” (o grego, que acabaria se impondo à população indígena), o sangue nórdico em escala massiva, o Patriarcado e suas tradições caçadoras guerreiras.



Os aqueus se foram assentando na Grécia, erigindo-se como casta dominante, sem chegar a um princípio a Creta. A primeira destruição dos palácios minoicos (por volta de 1700 AEC) foi provavelmente devida a um grande terremoto do qual há evidências, e não a uma invasão aqueia.



Os aqueus, enfim, acabaram dando lugar à civilização chamada micênica, centrada na cidade de Micenas, na Argólida. Em 1400 AEC, os aqueus tomaram à força a Ilha de Creta, destruindo os palácios e finalizando definitivamente a civilização minoica ainda que, até certo ponto, acabaram adotando algumas formas exteriores da mesma, coisa que fazem muitos arianos desenraizados que pisoteiam uma civilização superior, porém já decadente: isso ocorreu na Mesopotâmia, na Pérsia e em Roma, por exemplo.

Foram os aqueus os que, ao redor de 1260 AEC, sitiaram e arrasaram Tróia, em uma cruzada de Ocidente-Oriente capaz de unir a todos os aqueus, geralmente propensos a guerrear entre si. Na “Ilíada”, Homero os descreve como um bando de bárbaros loiros, de mentalidade viking, arrasando uma Tróia refinada, morena e civilizada. Após esse processo, toda a costa ocidental da Ásia Menor, assim como o Mar Negro e o Bósforo, ficou submetida à influência grega, um processo que terá um peso descomunal na História.



Ao redor de 1200 AEC, houve de novo um imenso fluxo migratório. Infinitudes de povos arianos se deslocavam com grande tumulto, na direção Sul e na direção Leste. Todo o mediterrâneo oriental sofreu grandes convulsões sob os pseudo vikings “povos do mar” e outras tribos arianas que invadiram as estepes do Leste, Turquia, Palestina (os filisteus procediam dessa invasão) e Egito, e que inauguraram a “Idade do Ferro” arqueológica no Mediterrâneo Oriental.

Enquanto à civilização micênica dos aqueus, também foi arrasada por uma dessas invasões. As menções apocalípticas que se fazem na história tradicional grega (fogo, destruição, massacre) fizeram com que muitos historiadores pensassem equivocadamente em grandes terremotos ou revoltas. Nessa lendária invasão, muito mais numerosa que a anterior, se utilizaram já armas de ferro, superiores às armas de bronze dos aqueus. Os dórios, pertencentes à dita migração, e antepassados dos espartanos, irromperam na Grécia com extrema violência, destruindo em sua passagem cidades, palácios, povoados, etc. Os dórios tomaram Creta, e a civilização micênica dos aqueus desapareceu abruptamente. Argólida – terra de Micenas – nunca esqueceria isso, e ainda que já com sangue dórico, o Estado de Argos, junto com seus domínios, se oporia teimosamente ao poder espartano em séculos posteriores.

O assentamento anterior dos dórios havia estado nos Bálcãs e na Macedônica, onde viviam em estado bárbaro, porém não haviam habitado sempre nessa zona, mas sim acabaram ali como resultado de outra migração procedente de ainda mais ao Norte. A tese mais sensata é a que coloca o lugar de procedência dos dórios junto aos celtas, os itálicos, os ilírios e o resto de helenos, nas chamadas “Cultura dos Túmulos” e a posterior “Cultura dos Campos de Urnas” (“o de Halstatt”), civilizações arianas semibárbaras e tribais que floresciam na Europa Central, ao Norte dos Alpes e ao Sul da Escandinávia ocupada pelos protogermanos. Segundo o historiador grego Heródoto (484 AEC-426 AEC), os dórios tinham seu lar mais primigênio “entre as neves”, razão pela qual me inclino a considerar a tese hiperbórea como válida para explicar a procedência dos helenos.

Convém que façamos uma ideia de como ficou o mapa racial da Europa depois das últimas invasões helênicas. Ao Norte da Grécia, no que hoje é a Bulgária, habitavam os tracios, povo ariano que viveria por muito tempo em estado bárbaro e logo semibárbaro, e cuja ferocidade admirou tanto gregos como romanos. No que agora é a Irlanda, Grã-Bretanha, Espanha, França, Sul da Alemanha, Suíça, Áustria, República Tcheca, Eslováquia, Hungria, Sul da Polônia, alguns núcleos do Leste e Turquia, etc., viviam os celtas. Na Escandinávia, Dinamarca, Holanda, Polônia, e no Norte da Alemanha, habitavam os germanos. Mais ao Leste viviam os baltos e os eslavos, povos arianos numerosos destinados durante milênios a serem as muralhas da Europa contra as hordas amarelas da Ásia.

Esse mapa representa a distribuição dos povos arianos na Europa ao redor do ano 500 AEC, setecentos anos após as últimas invasões helênicas e quase mil anos antes das invasões germânicas que inaugurariam a Idade

Média. O vermelho representa as zonas habitadas pelos helenos. O violeta representa o Império Persa, que chegava até o Afeganistão, englobando a diversos povos arianos e não arianos, que não represento. O amarelo representa o Egito. O verde representa as zonas habitadas pelos celtas. A laranja representa as zonas habitadas pelos germanos. E o azul representa as zonas habitadas por outros povos arianos, entre eles os itálicos (latinos, úmbrios e samnitas), os ilírios, os vênéticos, os trácios, os dácios, os eslavos, os baltos e os povos iranianos das estepes (citas, sármatas, alanos). Também estariam englobados no mapa iberos, tartessos, ligures, etruscos, pictos, lapões, sardos, berberes, cartagineses, líbios, e uma variedade de povos semitas, ugro-fineses e asiáticos que não represento.

Em toda a Europa, após as invasões, existia uma luta (primeiro aberta e depois mais sutil) entre a mentalidade dos invasores arianos procedentes do Norte e a concupiscente mentalidade nativa, mediterrâneo-mongolóide. O Leste, Finlândia, Itália, a Península Ibérica e a Grécia foram exemplos, e geralmente o resultado foi sempre o mesmo: os invasores hiperbóreos se impuseram apesar de sua enorme inferioridade numérica, estabelecendo-se como nobreza por cima de uma plebe descendente do povo aborígine submetido. No Peloponeso, essa luta latente resultou no fruto sobre-humano de Esparta, do mesmo modo que, posteriormente, a luta entre itálicos e etruscos deu lugar a Roma.

Cada época e cada lugar tem sua própria raça dominante. Naquela época e naquele lugar, os dórios eram a raça dominante. Um aspecto físico imponente, grande estatura, cabelos loiros, olhos azuis e corpos sólidos, grandes qualidades para o combate, uma alma de gelo e fogo, uma disciplina nata e uma brutal vocação guerreira que lhes era natural, lhes distinguiam dos nativos concupiscentes, pacíficos, morenos e completamente voltados para as voluptuosidades do gozo terreno.

Como havemos de imaginar aos antigos dórios? Exatamente como qualquer povo ariano em seu começo: tribos errantes, racistas e violentas. Os dórios em particular (e entre eles concretamente os espartanos, que se mantiveram estritamente apartados do resto do povo) conservaram seus traços raciais durante mais tempo: séculos depois da invasão dória, os cabelos loiros e a estatura elevada ainda eram considerados próprios do ser espartano. Isso se deve a que (como na Índia) a grande epopeia ancestral da invasão ariana permaneceu durante longo tempo na memória coletiva do povo, e o racismo dos dórios, junto com sua obstinação em permanecer como elite seleta, deu lugar a um sistema de separação racial que pôde conservar durante séculos as características primigênicas dos invasores originais.

O nome dos dórios provém de *Dorus*, filho da lendária Helena. Os aristocratas dórios se chamavam Heráclidas, pois diziam descender, ademais, de Hércules, atribuindo-se assim uma ascendência divina. Os dórios, divididos em três tribos (hileus, dimanes e panfilios) se encontravam guiados por esta linhagem régia, junto com os oráculos – sacerdotes helenos, equivalentes aos druidas célticos. Para os heráclidas, a invasão da Grécia era um mandato divino, nominalmente de Apolo “O Hiperbóreo”, Deus preferido dos dórios. Todas as incursões dórias eram inspiradas por oráculos e estavam convencidos de que naquelas terras lograriam se assentar e construir algo grande.

Durante os quatro séculos posteriores, de 1200 AEC a 800 AEC, surgiram uma etapa que a História moderna chama de “Idade Média Grega”, na que os dórios se erigiram em aristocracia dos aborígenes e formaram pequenos reinos “feudais” que lutavam permanentemente uns contra os outros, como gostavam de fazer os invasores arianos desenraizados de todas as épocas – o mesmo panorama se viu entre os celtas e os germanos. Essa etapa foi uma idade heroica, individualista e de glória pessoal, na qual os germanos buscavam um crepúsculo esplendoroso. Muitas batalhas se decidiam ainda por duelo de campeões: o melhor guerreiro de um lado se enfrentava com o melhor do outro. Isso representava a mentalidade heroica, porém insensata da época: “os fortes se destroem entre si e os fracos continuam vivendo.”.

Por aquele tempo ainda não se havia alcançado na Grécia a imagem do depurado guerreiro-senhor equivalente ao posterior cavaleiro medieval. Os dórios seguiam sendo, pois, bárbaros, no sentido mais honrado. Todos os arianos começaram assim, desde os persas até os romanos, e desde os indo-iranianos até os ingleses. TUDO começou com o bárbaro ariano, com as hordas arianas desenraizadas, porém unidas, fortemente armadas, que não se misturavam com os aborígenes. Nunca devemos esquecer como começaram nossos ancestrais: como bárbaros nobres e violentes, arrasando tudo com sua passagem.

Nietzsche já assinalou a importância do caráter “bárbaro” na formação de toda aristocracia. De fato, inclusive quando semelhantes invasores se estabelecem e forma Estados, o caráter básico bárbaro segue subjazendo sutilmente nas formas de ditos Estados, ainda ascendentes. Esparta, Roma e o Reich são exemplos disso.

Durante a Idade Escura, em 1104 AEC, os heráclidas alcançaram o Peloponeso, guiados sempre por seus oráculos. A história espartana explicava corretamente que os dórios invadiram há Grécia 80 anos após a

destruição de Tróia e que, liderados pelo Rei Aristodemo, conquistaram a Península.

Pausanias (século II EC, não confundir com o príncipe espartano que derrotou as persas na Batalha de Platea), em sua “Descrição da Grécia”, entra em mais detalhes. Diz-nos que os dórios, procedentes de uma região montanhosa do Norte da Grécia chamada Oeta, expulsaram do Peloponeso os aqueus micênicos, guiados por Hilo, um “filho de Hércules”. Em todo caso, acabaram sendo derrotados pelos aqueus. Depois, em um processo definitivo denominado o “Retorno dos Heráclidas”, os dórios se assentaram definitivamente no Peloponeso prevalecendo sobre os aqueus, e houve grandes distúrbios em toda a península. A frase-dogma do “retorno dos heráclidas” era a maneira que tinham os dórios de justificar a invasão do Peloponeso: as famílias nobres dórias, aparentadas distantemente com as famílias nobres aqueias (tanto dórios como aqueus eram helenos), se apresentavam para reclamar o que legitimamente lhes pertencia.

Tal legitimidade era discutível.

A nova torrente de sangue ariano, cortesia dos dórios, acabaria por revitalizar a Hélade em longo prazo, mantendo-a na vanguarda espiritual e física da época, junto com Irã, Índia, um Egito que já não era o que havia sido, e China.

No Sul da península do Peloponeso, os dórios estabeleceram seu principal centro, a cidade de Esparta, também conhecida por seu nome anterior, Lacedemônia. O território sobre o domínio de Esparta foi conhecido como Lacônia.

A cidade original de Esparta ou Lacedemônia não era propriamente tal, mas sim que se compunha de várias aldeias (em um princípio guarnições militares) diferentes, porém próximas e unidas, cada uma com seus sumo sacerdotes, e seguindo assim um modelo de distribuição campesina que teria agradado a Walter Darre. As aldeias eram cinco (Pitana, Cinosura, Mesoa, Limnas e Amiclas), e essa disposição indica uma memória ancestral, pois se dizia que Hiperbórea constava de quatro ilhas que rodeavam a Ilha de Thule, a quinta, cada ilha tendo uma cidade e estando governada por um druida. Esparta se construiu como pequena reprodução de Hiperbórea, sem dúvida inconscientemente. A cidade mesma careceu de muralhas defensivas, pois confiava orgulhosamente na ferocidade de seus guerreiros. O Rei Antacildas chegou a dizer que “os muros de Esparta são seus jovens, e seus limites o ferro de suas lanças.” Inteligentemente a ausência de muralhas lhes ajudava a manterem-se alertas e a não deixar-se

relaxar. Adolf Hitler disse, com uma mentalidade idêntica: “Uma excessiva consciência de segurança provoca em efeito em longo prazo um relaxamento das forças. Creio que a melhor muralha será sempre uma parede de peitos!”.

Esparta, porém, se encontrava rodeada de defesas naturais, já que estava situada no vale do Rio Eurotas, entre altas montanhas, com a cadeia montanhosa do Taigeto ao Oeste e o Parnón ao Leste, porém, contudo, o carcer de muralhas demonstra a segurança e confiança em si mesmos e em sua capacidade que tinham os espartanos.

Na Hélade, três acabariam sendo as principais correntes arianas: Por um lado os ásperos dórios, que falavam um rude dialeto helênico que gostava do emprego do “a” e do “r”. Por outro lado, os suaves jônios, que procediam de uma invasão helênica anterior aos dórios, vestiam-se com roupas bufastes ao estilo oriental e falavam um dialeto helênico mais amável ao ouvido, que empregava muito a “i” e a “s”. Os demais povos da Grécia eram chamados eólios, falavam um dialeto que parecia uma mistura de dório e jônio, e provinham dos antigos aqueus misturados até certo ponto com os pelasgos e posteriormente com os invasores dórios e jônios – pelo quê em ocasiões também se os chamava, erroneamente, aqueus.



Capítulo 3 – Primeiro Desenvolvimento de Esparta: As Guerras Messênias.

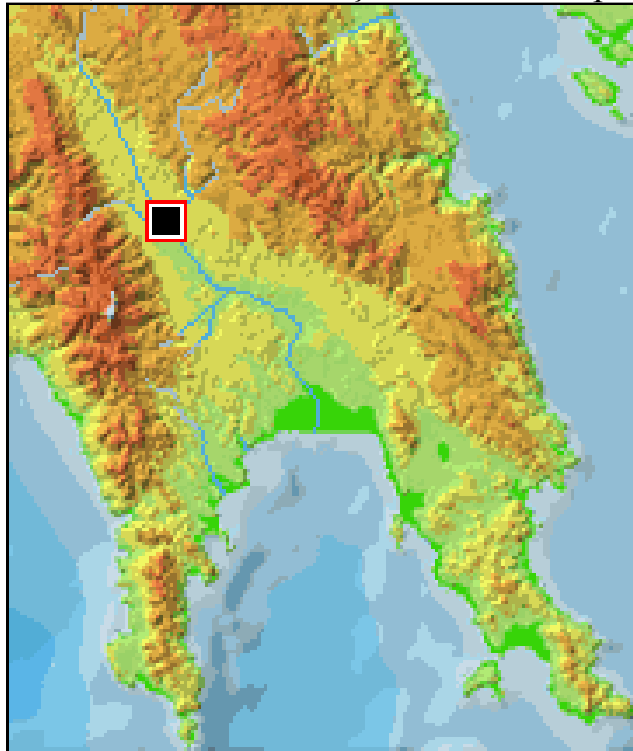
“A Força é o Direito”

(Ditado anglo-saxão)

“Como na vida corrente, o “gênio” necessita de um estímulo, muitas vezes até literalmente um empurrão, para chegar a iluminar-se, da mesma forma sucede na vida dos povos com a “raça genial””.

(Adolf Hitler, “Minha Luta”, Volume I, Capítulo IX).

Durante o século VIII AEC, Esparta, como o resto dos povos da Hélade, constituía uma pequena cidade-estado governada por uma monarquia e uma oligarquia aristocrática de ascendência dórica. Motivados por um crescimento demográfico e uma necessidade de recursos e de poder, os espartanos olharam para o Oeste e decidiram que mais além dos Montes Taigetos, na Messênia, criariam uma nação de escravos para lhes servir.



Ao redor de 743 AEC, em uma ocasião na qual os messênios estavam festejando e oferecendo sacrifícios a seus deuses, Esparta mandou a três meninos disfarçados de donzelas. Esses pequenos soldados, bem treinados, portavam espadas curtas debaixo de suas túnicas, e no despreocupado ambiente festivo não tiveram problemas para infiltrar-se em territórios messênio. Desde dentro, espreitaram a uma multidão messênia, que estava

desarmada, e a um sinal dado, começaram uma sangrenta carnificina no grosso da multidão. Assim, a massa messênia pôde eventualmente sobrepujar aqueles valorosos garotos. Depois do incidente, os varões messênios se agruparam enfurecidos e marcharam sobre a Lacônia. No combate que se desatou, caiu um dos reis de Esparta. Assim começou a Primeira Guerra Messênia.

Depois de quatro anos de guerra e uma grande batalha, nenhum lado havia ainda conquistado a vitória. Aquilo era uma resistência “surda”, ao estilo da guerrilha, e provavelmente os exércitos organizados haviam sido relativamente desbaratados após a primeira batalha. Assim, os messênios haviam sofrido tantas perdas que o caudilho guerreiro messênio, Aristodemo, se retirou com seus homens a uma fortaleza no Monte Itomé. Aristodemo visitou o oráculo para lhe pedir conselho em sua resistência contra Esparta. O oráculo lhe respondeu que para resistir contra Esparta, uma donzela de uma antiga e respeitável família messênia deveria ser sacrificada aos Deuses. Aristodemo, grande patriota, não vacilou ao sacrificar a sua própria filha. Quando os espartanos ouviram isso, se apressaram a fazer a paz com os messênios, pois davam grande importância a esse tipo de assunto.

Depois de alguns anos, porém, os espartanos resolveram atacar aos messênios de novo. Houve outra grande batalha, porém de novo a vitória ainda não foi conquistada por nenhum dos dois bandos. E posto que o rei messênio houvesse caído, o caudilho Aristodemo passou a reinar sobre os messênios. Ao quinto ano de seu reinado, puderam expulsar de seu território as forças espartanas.

Assim, o Rei Aristodemo parecia estar sob uma sombria maldição. Em um templo messênio, um escudo caiu da mão da estátua da Deusa Artemisa. A filha sacrificada de Aristodemo se lhe apareceu como figura etérea e lhe pediu que retirasse a armadura. Ele o fez. E ela lhe coroou com uma coroa de ouro e lhe vestiu com uma túnica branca. Segundo a mentalidade da época, todos esses sinais significavam que a morte de Aristodemo se avizinhava. Os homens antigos tomavam essas coisas com muita gravidade. Não se tratava de superstição, se tratava de desentranhar os sinais arquetípicos que se repetiam na Terra como eco do que sucedia no Céu. E, segundo isto, negros presságios gravitavam sobre Aristodemo. Uma densa depressão se apoderou de sua mente. Começou a pensar que tanto eles como sua nação estavam condenados à escravidão. Crendo que havia sacrificado sua filha em vão, se suicidou sobre sua tumba.

A guerra ainda durou vinte anos, e foi só após esse tempo que os espartanos puderam exterminar a resistência messênia e arrasar a fortaleza do Monte Itomé.

Alguns messênios fugiram do Peloponeso, e os que permaneceram passaram a ser tratados com mais dureza que os próprios helotas (a plebe) da Lacônia. Ficaram relegados a ser vassalos de Esparta em uma fértil planície (tão fértil que a chamaram Planície Feliz). Foram obrigados também a pagar a metade da produção de sua terra a seus amos espartanos.

Porém os messênios (muitíssimo mais numerosos que os espartanos) não estavam satisfeitos com esta situação de povo “secundário” e submetido. Surgiu um ousado e valente líder messênio chamado Aristómenes que, apoiado pelos Estados de Argos e Arcádia, predicou a rebelião contra Esparta. Por causa disso, e ao redor de 650 AEC, começou a Segunda Guerra Messênia. Essa guerra teve ainda mais caráter de guerra de guerrilhas que a anterior. Com um bando de seguidores leais, Aristómenes protagonizou numerosas incursões em territórios espartanos, inclusive arrasando dois povoados. Três vezes celebrou um estranho sacrifício chamado Hecatombia, ritual que só estava permitido executar quem já havia matado mais de cem inimigos.

Os espartanos consultaram então ao Oráculo de Delfos. Ali se lhes disse que acudissem a Atenas para procurar um líder. Isso não deve ter agradado aos espartanos, pois suas relações com Atenas não eram boas, e tampouco agradou aos atenienses pelo mesmo motivo, porém ambos Estados respeitavam as decisões saídas de Delfos, e não se opuseram. Os atenienses, porém, atuaram com má fé: mandaram um mestre coxo chamado Tirteu (conhecido pela posteridade como Tirteu de Esparta), pensando que não valeria como capitão militar. Ademais, Tirteu era um grande poeta. Seus cânticos de guerra inflamaram o ardor guerreiro dos espartanos e elevaram sua moral. Na batalha seguinte contra os messênios, os espartanos marcharam já enaltecidos, cantando suas canções. Com tal impulso, forçaram a Aristómenes e aos seus a se retirar a outra fortaleza na montanha chamada Ira, em cujos pés se estabeleceram um acampamento espartano. Essa situação, praticamente de cerco, durou onze anos. Aristómenes às vezes conseguia romper o cerco espartano de Ira e se dirigir até a Lacônia, submetendo-a a assassinatos e saques. Duas vezes foi capturado pelos espartanos, e duas vezes escapou. Na terceira vez, foi capturado junto com 50 de seus homens, e foram passeados vitoriosamente por Esparta como se tratasse de um triunfo romano. Depois, foi levado ao pé do Monte Taigeto e atirado por um precipício, o famoso *Kaiada* (tereí mais que dizer disso posteriormente). Segundo a história grega, só se

salvou Aristómenes, que sobreviveu milagrosamente à queda e pode sair do abismo seguindo um burro. Em pouco tempo, voltou à fortaleza de Ira e de novo se pôs a frente de seus homens.

Porém os espartanos acabaram infiltrando um espião na fortaleza, e uma noite, depois que Aristómenes voltou de uma de suas incursões, a fortaleza foi traída. Na batalha cruenta que se seguiu, se diz que Aristómenes foi ferido e que, juntando seus homens mais valentes, rompeu as linhas espartanas e fugiu para Roma, onde morreu pouco depois. É mais que provável que esse mito fosse construído para revitalizar o orgulho messênio: inclusive disseram 250 anos mais tarde que Aristómenes foi visto em um campo de batalha combatendo contra os espartanos.

Os espartanos, enfim, conquistaram com a lança e a espada suficientes terras para manter a todo seu povo e aos povos submetidos. Subjugaram os messênios, venceram a multidões hostis muitíssimo mais numerosas que eles mesmos e as submeteram indiscutivelmente a seu domínio. Abarcando toda a metade sul do Peloponeso, incluindo o território original de Lacônia e o conquistado de Messênia, Esparta se converteu no maior Estado de toda a Hélade (três vezes maior que o Estado ático de Atenas). À diferença dos demais Estados helênicos, Esparta havia escolhido ser uma potência terrestre e continental, de território compacto, em vez de se dedicar à navegação e a colonizar zonas distantes da Grécia, como fizeram outros Estados helênicos na Ásia Menor, Itália, no Mar Negro ou na África. Ao menos em parte, isso devia Esparta a seu imenso potencial agrícola: Messênia era a terra mais fértil do mundo grego, e enquanto Atenas sofria carência crônica de grãos continuamente e devia ir às costas do Mar Norte para busca-lo, Esparta não teve problemas nesse sentido.

Pensemos por um momento em como esses combates, terrivelmente ferozes e longos, e que quase destruíram a própria Esparta, puderam influenciar o caráter espartano. As guerras messênicas marcaram para sempre sua mentalidade. Em última instância, os mestres dos espartanos foram seus próprios inimigos, os audazes messênios, e as cruentas guerras que os forçaram a manter. Eles foram os que instauraram em Esparta a paranoia militarista e a preparação para o combate que caracterizou Esparta. Foram às guerras messênicas que fizeram entrar em crise a aristocracia espartana e, por pura necessidade, buscar a melhor forma de prevalecer sobre seus inimigos. Esparta jamais teria sido o que chegou a ser, se no combate tivesse topado com um povo não ariano. Sustentar uma guerra prolongada contra elementos brancos de alta qualidade, inimigos audazes e temíveis dos quais se orgulharem, despertou a força espartana.

Talvez seja essa a única vantagem das desafortunadas e malditas guerras fratricidas, tão típicas da Europa.

Capítulo 4 – Licurgo e a Revolução

“Os primeiros que criaram foram os povos, e só depois o fizeram os indivíduos: realmente, o próprio indivíduo é mais uma criação recente. Em um tempo, os povos se impuseram uma tábua do bem. O amor que anseia mandar e o que deseja obedecer criaram conjuntamente para si estas tábuas.”

(“Assim Falou Zaratustra”, Primeira parte, As mil metas e a única meta)

Como disse, entre 1200 e 800, houve 400 anos de Idade das Trevas. Os homens daquela época atuavam por glória pessoal, quer dizer, sua conduta estava inspirada nas gestas lendárias de antigos heróis individualistas. Irmãos de sangue se matavam insensatamente entre si, ao invés de se unir em uma terrível vontade comum, não buscando já a glória pessoal, mas sim a glória da estirpe. A própria Esparta estava imersa nesse sistema heroico, porém fratricida, onde cada homem transitava seu caminho buscando a própria imortalidade. Os nobres dórios se matavam entre si enquanto a plebe proliferava. Esparta não era senão um reino mais dos muitos que existiam na Hélade, e ademais em condições bastante tumultuosas e caóticas. Porém no fim dessa Idade das Trevas surgiu a figura do mensageiro de uma nova era: Licurgo, o pai de Esparta, o porta-voz do sangue dório, o homem que fez de Esparta o que depois chegaria a ser.

Voltemos ao tema: Após ter sufocado a rebelião messênia com grande dificuldade, os espartanos se encontraram com o inquietante panorama de estar à beira da derrota, muito vulneráveis, com as rédeas de uma população estrangeira ressentida e hostil que lhes superava em quantidade de mais de 10 para um. E não se tratava de escravos não arianos fáceis de submeter, mas sim de povos brancos com uma porcentagem significativa de sangue dório, que conservavam sua identidade, seu orgulho e sua Vontade de Poder. Todos os espartanos estavam bem conscientes de que os subjugados voltariam a se rebelar algum dia, mais cedo ou mais tarde, e que deveriam se preparar para essa ocasião. Nesse ambiente cruel, se Esparta pôde preservar sua pureza e sobreviver, foi graças a Licurgo.

Não se sabe quando viveu Licurgo, porém no século VIII AEC é provavelmente a melhor estimativa. Alguns dizem que pertence ao século IX AEC – quer dizer, antes das guerras messênicas – e outros o situam no século VII AEC. Em todo caso, sua personalidade extraordinária personalidade é a do criador de novas leis, transmutado de valores, “dado de tábuas”.

Licurgo é meio histórico e meio legendário. Seu nome significa “Condutor de Lobos”. Era um veterano das guerras messênias, e heráclida, pois pertencia à linhagem real dos Agidas, sendo filho menor do Rei Eunomo. Este havia suavizado o regime para contentar as multidões, porém as mesmas multidões se arrebataram por isso, e caiu apunhalado com uma faca de açougueiro. Herdou o trono seu filho maior, o Rei Polidectes, porém tendo logo morrido, Licurgo – seu irmão menor – lhe sucedeu no trono. Seu reinado durou 8 meses, porém foi tão correto, justo e ordenado em comparação com a anarquia anterior, que conquistou o respeito e o amor de seu povo para sempre. Quando Licurgo soube que sua cunhada – a rainha anterior – havia ficado grávida de seu irmão e defunto rei, anunciou que o fruto da gravidez herdaria o trono, como era correto, e que, portanto Licurgo passava a ser meramente regente.

Porém essa rainha viúva e grávida, esposa do rei anterior e cunhada de Licurgo, era uma mulher ambiciosa que queria seguir entronada, razão pela qual propôs a Licurgo casar-se com ele e matar o bebê herdeiro do trono após o nascimento, para que pudessem continuar a ser rei e rainha, e após eles, seus próprios descendentes. Licurgo se enfureceu com essa proposta e a rechaçou veementemente em seu interior. Porém, como uma resposta negativa teria significado que o partido da rainha se alçaria em armas, mandou mensageiros para aceitar falsamente a proposta. Por outro lado, à hora do nascimento do bebê, enviou servos com ordens de que em caso de nascer uma menina, a entregassem à mãe, e em caso de nascer um menino o entregassem a ele. O bebê nasceu varão, e lhe foi entregue tal como ordenou. Durante uma noite na qual jantava com os chefes militares espartanos, Licurgo mandou trazê-lo, com a ideia de dar a conhecer aos líderes que já havia um herdeiro. Erguendo-o nos braços e sentando-o sobre o trono espartano, exclamou “Homens de Esparta, eis aqui um rei nascido para nós!” E posto que o herdeiro ainda não tivesse nome, o batizou como Carilao, “Alegria do Povo”.

Com esse gesto, o Regente Licurgo afirmava sua lealdade ao herdeiro e futuro Rei e deixava claro que deveria ser protegido, ademais se converteu em seu guardião e protetor até que tivesse idade para reinar.

Entretanto, Licurgo como Regente era altamente reverenciado por seu povo, que admirava sua retidão, honradez, sabedoria e pureza. A Rainha Mãe, porém, não havia perdoado seu rechaço e que tivesse raptado e apresentado Carilao. Por meio de manipulações e intrigas, ela fez difundir o rumor de que Licurgo conspirava para assassinar seu sobrinho e se converter assim em rei de Esparta. Quando esse rumor chegou aos ouvidos

de Licurgo, decidiu exilar-se até que Carilao tivesse idade suficiente para reinar, contrair matrimônio e deixar um herdeiro ao trono espartano.

Em seu exílio, Licurgo viajou por distintos reinos estudando sua lei e costumes para poder melhorar as leis espartanas após sua volta. O primeiro país onde esteve foi a ilha de Creta, assentamento dório herdeiro de Mecenas e de renomada sabedoria, onde Licurgo travou amizade com o sábio Tales, convencendo-o de que fosse a Esparta a ajudar-lhe em seu propósito. Tales apareceu em Esparta como um músico-poeta-um tipo de trovador -, lançando canções de honra e disciplina ao povo espartano, e preparando-o assim para o que viria. Os sediciosos e ambiciosos abandonaram voluntariamente seus desejos de riqueza e luxos materiais para unificar-se em poderosa vontade comum com sua estirpe. Licurgo também visitou a Jônia, onde não só estudou Homero, mas sim que se diz que o conheceu pessoalmente (aqui é patente que certas datas não batem). Recompilou sua obra, a escreveu e logo a apresentou a seu povo, a quem agradou muitíssimo, iniciando-se assim a célebre fixação espartana por Homero. Outra notável façanha que se lhe atribuiu a Licurgo foi ser um dos fundadores dos Jogos Olímpicos.

Licurgo fez, ademais, uma viagem ao Egito, onde passou tempo estudando o treinamento do Exército. Fascinava-lhe o fato de que no Egito os soldados o fossem durante toda a sua vida, já que nas demais nações os guerreiros eram chamados às armas em caso de guerra, e voltavam a seus trabalhos anteriores em épocas de paz. Ainda que sem dúvida não fosse este o único propósito de sua viagem a Egito, já que na época esse país era aonde iam todos aqueles que buscavam iniciação na sabedoria antiga. Licurgo deve ter tido acesso a conhecimentos, práticas, mestres e iniciações que fizeram dele um homem superior.

O espartano Aristócrates disse que Licurgo viajou também a Espanha (“Ibéria”), à Líbia e à Índia, onde conheceu os famosos sábios gimnosofistas, com os quais também se entrevistaria Alexandre Magno séculos mais tarde. A escola gimnosofista valorizava, entre outras coisas, a nudez às inclemências da intempérie como método de curtir a pele e fazer resistente o corpo e o espírito em geral.

Enquanto Licurgo esteve fora, Esparta decaiu. As leis não eram obedecidas e não existia poder executivo que castigasse os infratores. Os homens retos sentiam saudades da época da regência de Licurgo e lhe pediam: “É verdade que temos reis que levam as marcas e assumem os títulos de realiza, porém enquanto às qualidades de suas mentes, nada os distingue de

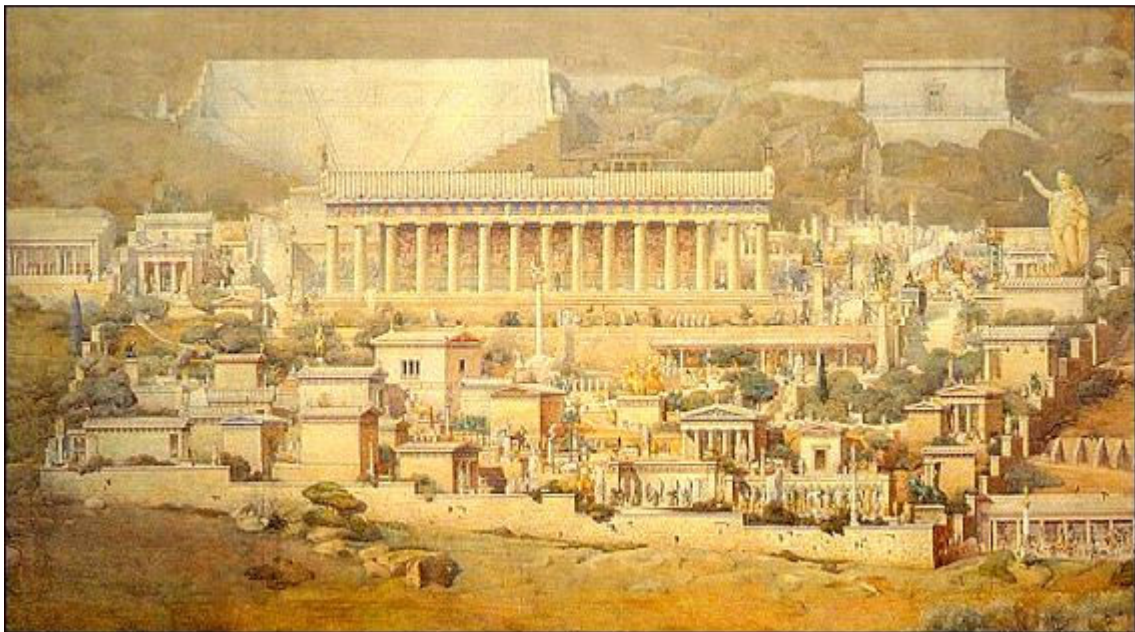
seus súditos. Só tu tens uma natureza feita para mandar e um gênio para ganhar obediência.”.



Licurgo voltou a Esparta, e sua primeira ação foi reunir os 30 maiores chefes espartanos para lhes informar de seus planos e lhes motivar ardentemente. Depois de que esses homens lhe juraram sua lealdade, lhes ordenou reunir-se armados na praça do mercado ao amanhecer com seus seguidores, para insuflar terror nos corações daqueles que rechaçaram as mudanças que planejavam. Confeccionou-se uma lista negra de inimigos potenciais para que fosse caçado e eliminado caso necessário. Esse dia a praça se abarrotou de fanáticos seguidores de Licurgo, e o efeito foi tão impressionante que o próprio Rei se refugiou no Templo de Atena, pois pensava que havia uma conspiração contra si. Porém Licurgo lhe enviou um mensageiro para lhe informar que a única coisa que queria era implantar novas leis para melhorar Esparta e a fortalecer. Assim reconfortado, o Rei saiu do templo e, dirigindo-se à praça se uniu ao partido de Licurgo. Com Licurgo, os dois reis e os 30 líderes militares, dito partido contava com 33 membros.

Mas, ainda com o apoio do Rei, o que havia de fato feito Licurgo era claramente um golpe de Estado, uma conquista do poder, uma imposição de sua vontade: uma revolução. Havia unido seu povo, inculcando-lhe o sentimento de coesão que deve caracterizar toda grande aliança: “a Espécie é tudo, o indivíduo nada.” Ou como disse Adolf Hitler a seus leais seguidores: “Tu não és nada; teu povo é tudo.”.

Após ter elaborado suas leis e feito os reis jurar que as respeitariam, informou que viajaria ao Santuário de Delfos (centro religioso mais importante da Hélade, considerado Umbigo do Mundo) em busca do conselho de Apolo, para ratificar sua decisão. Próximo a Delfos, núcleo marginal de população dória, havia as ladeiras do Monte Parnaso, um santuário dedicado a esse Deus, que se dizia ter matado ali a serpente Píton (um ídolo telúrico relacionado com os povos pré-arianos). Existia ali toda uma escola iniciativa, dória até a medula, a qual acudiam personagens notáveis de toda a Hélade em busca de conselho, iniciação e sabedoria. No templo de Apolo havia uma sibila ou pítia, sacerdotisa virgem que se acreditava possuía um vínculo especial com dito Deus e, como ele, dons de vidência que a tornavam capaz de ver o futuro e realizar oráculos, profecias. Após receber solenemente a Licurgo, a Sibila o qualificou de “mais Deus que homem”, disse que era um eleito dos Deuses, anunciou que suas leis eram boas, e abençoou seus planos para estabelecer a Constituição Espartana, pois faria de Esparta o reino mais famoso da Terra.



Com a benção da sacerdotisa, Licurgo estabeleceu a Constituição Espartana e suas leis tão duras e severas, leis de tradição oral que proibiu escrever para que cada indivíduo as assimilasse em sua alma ao longo de anos de treinamento, prática e interiorização que o tornariam portador de tais leis a onde quer que fosse, e em qualquer situação. Sua intenção não era criar um sistema mecânico, quadriculado, rígido e frio, mas sim uma roda viva, flexível e adaptável cuja lei fosse, não só o sentido comum e a lógica, mas sim também sua intuição e instinto ancestral.

Por aquela época Esparta estava rodeada de vizinhos hostis difíceis de repelir, e com apenas uns 9 mil homens não militarizados para atuar em

caso de guerra ou crises. Porém Licurgo previu que se cada um deles fosse selecionado e treinado duramente nas artes da guerra desde a infância, lograriam triunfar sobre seus adversários ainda que esses fossem superiores em número. Ao longo de gerações, o povo espartano se endureceria tanto que não teria inimigos a temer, e sua fama se estenderia pelos quatro pontos cardeais. Desde então, os varões espartanos se converteram em algo mais que guerreiros. Converteram-se em lutadores de um propósito, lutadores com uma missão de vida, lutadores empenhados de corpo e alma, sacrificados inteiramente em honra de seu ideal. Converteram-se, pois, em soldados – talvez os primeiros da Europa.

Licurgo não pretendia precisamente instaurar uma espécie de democracia. Em uma ocasião um homem fez perante ele um elogio da mesma, dando um discurso inspirado. Licurgo, após ter escutado todo o discurso em silêncio, lhe respondeu: “Excelente, agora vai e dá o exemplo instaurando uma democracia em tua casa.” E temos de ter em conta que naquelas antigas “democracias” gregas só votavam os cidadãos, ou seja, varões de sangue helênico puro que tivessem alcançado a maioridade. Não tinha, pois, nada a ver com a ideia democrática moderna. Apesar disso, não faltam os enganadores que nos tentam vender inclusive que Esparta era uma espécie de sistema comunista, só por que o Estado (ariano até a medula e não judaico como os do Comunismo) estava onipresente e por que os espartanos sabiam compartilhar – entre si. Esparta, que levou ao extremo a aristocracia elitista, o racismo mais impiedoso, o culto à guerra, o militarismo, a divisão por “classes sociais” e a opressão aos escravos, um estado comunista, quando seria infinitamente mais acertado dizer que era um Estado Nacional-Socialista, Fascista, Racista, um Totalitarismo Ariano!

A grande revolução das leis de Licurgo, não obstante, não foi totalmente pacífica. O povo espartano logo viu que as leis eram extremamente duro inclusive para eles, helenos de boa estirpe dória, pois se haviam acostumado com a comodidade e com o luxo que chegam sempre ao vitorioso quando este não se mantém fanática e prudentemente em guarda. O sóbrio, ascético e marcial socialismo predicado por Licurgo, que obrigava a todos os homens jovens a desprender-se de suas famílias e comer com seus camaradas, não foram bem recebidos entre muitos. Houve uma onda de indignação e uma turba enfurecida se reuniu para protestar contra Licurgo. A turba estava composta por antigos indivíduos ricos que achavam degradante a regra militar que proibia comer a não ser que fosse a uma mesa coletiva com os camaradas de armas. Quando Licurgo apareceu nas redondezas, a multidão começou a apedreja-lo, e ele se viu forçado a escapar para salvar sua vida. A multidão furiosa o perseguiu, porém Licurgo – homem robusto e resistente apesar de sua idade – era tão rápido

que em pouco tempo só um garoto chamado Alexandre estava em seu encalço. Quando Licurgo se voltou para ver quem lhe perseguia com tanta agilidade, Alexandre lhe acertou no rosto com um bastão, arrancando-lhe um olho. Licurgo não deu sinais de dor, apenas parou e, com o rosto ensanguentado, deu frente a seu perseguidor. Ao lhe alcançar o resto da turba, viram o que o impetuoso jovem havia feito: um ancião venerável, parado solenemente perante eles, com um olho vazio regado de sangue. No mesmo instante sentiram uma imensa culpa, vergonha e arrependimento. Aquela era uma época muito respeitosa com os mais velhos, especialmente com homens tão carismáticos e nobres como Licurgo. A multidão envergonhada acompanhou Licurgo até sua casa para apresentar desculpas, e lhe entregaram Alexandre para que o castigasse como ele achasse conveniente. Licurgo, já caolho como Odin, não repreendeu o jovem uma única vez, mas sim lhe fez conviver com ele. E logo Alexandre aprendeu a admirar e emular o austero e puro modo de vida de Licurgo.

Como tradição derivada daquele acontecimento, os anciãos renunciaram ao costume de assistir às reuniões estatais com bastões.

Depois que o povo espartano jurou as leis de Licurgo, esse decidiu abandonar Esparta pelo resto dos seus dias. Sua missão estava cumprida e ele sabia disso. Agora tinha que morrer dando exemplo de uma grande vontade. Vendo como sentia nostalgia por sua amada pátria, e sendo incapaz de viver separado dela, se matou de fome. Um homem que havia nascido por um propósito sagrado, uma vez cumprido o propósito, já não tem por que seguir atado à Terra. O suicídio ritual já foi praticado por muitos homens excepcionais cuja missão havia terminado, homens aos quais, após cumprir seu destino, já não ficava nada a fazer no mundo; ou mesmo haviam perdido o direito à vida.

Também Nietzsche falou da “morte voluntária”:

“Há muitos que morrem demasiado tarde e alguns que morrem demasiado cedo. Ainda nos resulta estranha essa máxima que aconselha morrer a tempo. E isso é precisamente o que ensina Zaratustra: que há que morrer a tempo. Claro que, como podemos pretender que morra a tempo quem nunca viveu a tempo? Mais valeria não ter nascido. Isso é o que tem a desejar Zaratustra aos homens supérfluos.”

(“Assim Falou Zaratustra”, Primeira Parte, A Morte Voluntária)

Outra versão relata que, antes de partir a Delfos, Licurgo fez jurar ao povo espartano que seguiria suas leis ao menos até que voltasse de Delfos. E, tendo-se suicidado sem voltar jamais a Esparta, os espartanos não ficaram

com outra opção além de acatar para sempre as leis de Licurgo. De um modo ou outro, fica claro que Licurgo foi um homem excepcional, poderoso e valente, de vontade inquebrantável.

Licurgo foi um avatar, um precursor, um líder de vanguarda, um homem a frente de seu tempo, um mensageiro dos Deuses. Possuía o poder real, o carisma sagrado dos grandes chefes, reis e imperadores – esse “certo poder que atraía as vontades”, nas palavras de Plutarco. Ele chegou e converteu uma massa caótica de grande potencial latente no exército mais eficaz da Terra. Ele imprimiu a seu mundo uma nova inércia: a sua; e lhe deu um novo aspecto: o que ele queria. Após sua morte, se ergueu um templo em sua honra e lhe foi rendido culto como a um Deus. E foi a partir de sua época que não só Esparta, mas sim a Grécia inteira, voltou a brilhar, pois começou a chamada era clássica da Grécia.

Xenofonte admirou enormemente a Licurgo, dizendo que “alcançou o mais alto limite da sabedoria”. Savitri Devi se referia a ele como “o Divino Licurgo”, e recordou que “as leis de Licurgo lhe haviam sido ditadas pelo Apolo de Delfos – o Hiperbóreo”. Gobineau, por outro lado, soube apreciar a salvação que trouxe a legislação de Licurgo: “Os espartanos eram poucos em número, porém de grande coração, ambiciosos e violentos: uma legislação ruim os teria transformado em pobres diabos; Licurgo os transformou em heroicos bandidos”.

Capítulo 5 – A Nova Esparta

“Aquele que não é terrível para si, não inspira terror a ninguém, e só o que inspira terror pode comandar aos demais.”

(Nietzsche, “A Gaia Ciência”, Prólogo, XXIII).

“Somos poucos entre muitos inimigos.”

(Brásidas, general espartano, advertindo a seus homens).

Forçados a tirar conclusões, a aprender lições após suas longas guerras com os messênios, e iluminados pelas leis de Licurgo, os espartanos construíram uma nação-acampamento. Foi o conhecimento do poder de subversão do inimigo, o haver estado a ponto de cair em suas mãos, o que fez de Esparta o que depois chegou a ser. Foi à paranoia anti-escrava, a desconfiança contra os subjugados, o que elevou Esparta por cima dos demais Estados helenos e fez com que se entregasse confiante à sabedoria de Licurgo. Pois os espartanos estavam obcecados com que seus escravos ressentidos, muitíssimo mais numerosos, pudessem se rebelar de novo contra sua autoridade, de modo que escolheram se endurecer e criar um novo tipo de homem sob um poder autoritário, totalitário, militarista, incorruptível e inquestionável, que se deveria obedecer cegamente. A partir de então as leis de Licurgo adquiriram seu esplendor mais terrível. Esse foi o período a partir do qual Esparta foi única na Hélade, o período no qual “algo mudou”, a época em que o povo espartano, guardando silêncio e discrição, sofreu a mais estranha das transformações.

Em que consistiu precisamente essa transformação? Em que os espartanos aprenderam a dirigir sua agressividade não já somente contra seus inimigos e rivais, mas sim primeiramente contra si mesmos e seus semelhantes, com o objetivo de estimular-se, depurar-se e aperfeiçoar-se. Ademais de endurecer o praticante, tal conduta fazia surgir sutilmente, em mentes alheias ou inimigas, a pergunta subconsciente de “se fazem isso consigo, que farão a seus inimigos?” Assim nasceu, pois, o ascetismo militar.

Os espartanos se militarizaram. Todo seu povo passou a estar organizado, distribuído e integrado cuidadosamente, como o Terceiro Reich esteve sob as diversas organizações e corporações nacional-socialista. Esparta passou a ser socialista e totalitária, porém não sob um socialismo entendido como pseudo-comunismo para escravos e para um grupo baseado em um critério econômico, mas sim Socialismo em seu sentido original de sociedade organizada e disciplinada por uma elite superdotada formada com seus melhores filhos, e baseado em um critério de sangue-valor – um critério biológico-espiritual. O socialismo místico do qual falo (como o de Oswald Spengler o, até certo ponto, George Sorel, ou como o Nacional-Socialismo que se instaurou na Alemanha) é algo que só na Idade de Ferro poderia ter lugar, pois se trata de reunir o que foi dividido, e se parece mais a uma aristocracia do que a uma democracia. Spengler descreveu tal tipo de sistema militarista-patriarcal-imperialista (ou em uma palavra, fascista) em sua obra “Socialismo e Prussianismo”, assinalando como esse sistema ressurgiu uma e outra vez na História, encarnando-se nos grandes povos e dando lugar aos Impérios. A organização por castas em Esparta era tripartite: guerreiros, “burgueses” e escravos.

- Os espartanos: A classe superior era a dos *astoi*, damos ou cidadãos, a Aristocracia, constituída por espartanos de linhagem dória pura que se autodenominavam *spartiate* (espartanos) ou também *omoioi* (iguais). Para ser um “igual”, porém, havia que formar parte desse ciumento clã, essa Ordem fechada, seletiva e elitista que era a aristocracia de Esparta, que em si mesma estava fortemente hierarquizada, e que requeria como condição de pertencimento o ter nascido no seio de uma família espartana de sangue puro, o passar por uma estrita eugenia (palavra de origem grega que significa “bom nascimento”) e o ter superado depois provas atrozes durante a mortal Instrução. Só aos varões espartanos, brutalmente treinados, e militarizados até a medula, estava permitido portar armas, ainda que lhes estivessem proibido lutar entre si de qualquer modo que não fosse a combate corpo a corpo. Não podiam se permitir duelos de honra com armas, onde caíssem espécimes necessários para a defesa do país.

O costume de chamar-se “iguais” ou “similares” há de estar enraizado no inconsciente coletivo ariano, por que os romanos se chamavam entre si “pares” e a aristocracia inglesa “*peers*”, palavra de igual significado. Tudo isso nos desvela uma santificação do próprio e do similar, assim como um

desprezo ao que é diferente. Em última instância, a que se resume isso? À glorificação de si mesmo, à glorificação do caráter firme e da personalidade forte, sem o quê é impossível se elevar, quer seja a nível individual ou coletivo. Pois as hordas masculinas, as “*Männerbunden*”, também tem vontade própria, uma vontade por cima das vontades individuais de seus homens.

Dentro desse estamento, a elite a que todos os jovens aspiravam eram os *Hippeis*, uma guarda de 300 soldados da melhor qualidade, com menos de 30 anos.

Os espartanos eram os descendentes do antigo exército dório invasor e de suas famílias, quer dizer, a nobreza guerreira dos antigos dórios, o melhor sangue da Hélade, herdeiros do mais feroz instinto racista e de proteção. Esses foram os que deram o caráter ao Estado de Esparta e foram os protagonistas de suas gestas imortais. Foi seu zelo que criou os valerosos filhos de Esparta e foi seu racismo que preservou sua tradição e seu sangue, avassalando os inimigos com inflexibilidade impiedosa.

Os espartanos conformavam, pois, a casta guerreira propriamente espartana, e dela procediam também todos os sacerdotes. A casta dos cidadãos, incluindo mulheres e crianças, nunca teve mais de 20.000 membros. Eram dez vezes menos numerosos que os helotas.

- “Os periecos: Em grego, *peroikoi* significa “periférico”, habitante dos arredores”, “vizinhos”. Formava a classe média, uma espécie de burguesia. Como seu nome indica, viviam assentados na periferia de Esparta, e se dedicavam principalmente ao comércio e ao artesanato, atividades que estavam proibidas aos espartanos. Os periecos, pois, eram os que se encarregavam do dinheiro e da “logística”. Eram descendentes dos estratos mais baixos da antiga população dória, misturados com os aqueus, que haviam subjugado anteriormente aos pelasgos e se haviam misturado até certo ponto com eles. Não se separavam tão rigidamente da população não dória, razão pela qual foram se misturando paulatinamente com elementos inferiores. Costumavam supervisionar os helotas, atuando como intermediários entre estes e os espartanos, e constituíam, ademais, a tripulação da Marinha de Guerra. Os intermediários entre eles e Esparta eram os *harmostes*, 20 espartanos encarregados de administrar os periecos

e lhes colocar as pilhas quando fazia falta. Através deles, chegavam a Esparta os víveres e os bens artesanais.

- Os helotas: Também chamados ilotas ou hilotas (“cativos”), se encontravam no mais baixo da estratificação social. Eram descendentes dos antigos messênios que se tinham misturado paulatinamente com os pelasgos e outros tipos pré-arianos nativos da Grécia. Sua condição era de servos dedicados a trabalhar os campos perpetuamente, porém se lhes permitia ter posses – quer dizer, propriedade privada. Estava-lhes proibido abandonar a parcela de terra que cultivavam, ainda que também fosse proibido os expulsar dela. Parte de sua colheita era destinada a seus amos espartanos, e se lhes permitia conservar o resto. Odiavam mortalmente a orgulhosa e arrogante nobreza espartana, pela qual eram desprezados e humilhados. Só a unidade, a ferocidade, o caráter guerreiro, e capacidade organizativa e a crueldade da elite espartana lhes impedia de estar em contínua rebelião. Por que sempre que se cruzava com um espartano, sabiam que estavam diante de um ser que lhes superava mil vezes em absolutamente tudo, e que não teria dificuldade de matar muitos deles com as próprias mãos. Isso fazia que o helota respeitasse e temesse o espartano. Em Esparta, as castas se conheciam entre si, de modo que os helotas sabiam que os espartanos eram superiores, e os espartanos sabiam que os helotas eram inferiores. Os números de helotas, segundo o historiador grego Tucídides (460 AEC – 395 AEC), oscilavam entre 150.000 e 200.000.

Capítulo 6 – Eugenias e Criação

“Se fosse realizado metodicamente um plano de procriação dos mais sadios, o resultado seria a constituição de uma raça que portaria em si as qualidades primigênicas perdidas. Apoiada no Estado, a ideologia racionalista logrará para a posteridade a vinda de uma época melhor, na qual os homens se preocuparão menos com a seleção de cães, cavalos e gatos, do que com levantar o nível racial do próprio homem.”

(Adolf Hitler, “Minha Luta”, Volume II, Capítulo II).

“O abandono dos bebês enfermos, débeis ou deformados por parte dos espartanos era mais humanitário e, em realidade, mil vezes mais humano que a lamentável loucura de nosso tempo presente, no qual os sujeitos mais enfermiços são preservados a qualquer preço, seguindo a isso a criação de uma raça de degenerados lastreados com a enfermidade.”

(Adolf Hitler)

“Graças a um agudo sentido da lei que regia a origem de sua espécie, povos como os espartanos recorreram em suas seleções aos mesmos princípios de inflexível severidade prescritos originariamente pela Natureza, e isso inclusive depois de ter chegado a territórios mais hospitaleiros”.

(Caderno da SS nº7, 1942).

A criação espartana transborda com aquilo que Nietzsche chama em seu “Crepúsculo dos Ídolos” (Parte 5) de “moral de senhor” em relação ao homem superior, como oposição à “moral de escravo” que com ele leva a cabo, por exemplo, o Cristianismo. Tudo no ambiente de Esparta estava impregnado de uma mentalidade eugênica em extremo. O que faziam os espartanos era extremar a seleção natural para poder obter no futuro uma Raça de homens e mulheres perfeitos. Esse culto à perfeição é o que mais

indigna os homens inferiores, sempre contentes em dizer que a perfeição é inalcançável – com o que pretendem justificar e excusar sua própria inferioridade e incapacidade para mudar.

Porém Licurgo e seus discípulos, como eu disse, sim haviam estabelecido o objetivo de alcançar uma raça perfeita, e para consegui-lo renunciaram a todo escrúpulo, adotando uma filosofia desapegada, distante, por cima – “mais além do bem e do mal”, falando claramente. Começemos o fascinante estudo e prestemos atenção:

Pode-se dizer que o sistema de eugenia precedia inclusive o nascimento, por que a jovem grávida e futura mãe deveriam praticar exercícios especiais pensados para favorecer que seu futuro filho nascesse sadio e forte, e que o parto fosse fácil. Nada mais demente que os tempos presentes, nos quais mulheres que nunca fizeram esportes em sua vida se veem forçadas a dar a luz de forma traumática, sem a preparação física e mental necessária, qual soldado que vai à guerra sem treinamento militar.

Recém-nascido o bebê, a mãe o banhava em vinho. Segundo o costume espartano, o contato corporal com o vinho faria com que os epiléticos, decrepitos e enfermiços entrassem em convulsão e desmaiassem, de modo que os fracos morriam em pouco tempo, ou ao menos podiam ser identificados para sua eliminação; porém os fortes eram endurecidos como o aço, em corpo e alma. Isso pode parecer uma espécie de superstição infundada, porém o próprio Aristóteles a defende, e os iluministas franceses criticaram como “irracional” o costume camponês de banhar os recém-nascidos em água com vinho – sinal de que, na França campesina do século XVIII, isso ainda se fazia. Hoje em dia sabemos, por exemplo, que um banho com álcool endurece os pés, preparando-os para suportar atividade prolongada.

Passava-se a prova, o bebê era levado por seu pai ao *Lesjé* (“Pórtico”), e inspecionado por um conselho de sábios anciãos para julgar sua saúde e fortaleza, e determinar se seria capaz de suportar uma brutal e rígida vida espartana. Todos os bebês que não eram sadios, belos e fortes eram levados ao *Apothetai* ou Apótetas (Lugar de Rechaço) na ladeira leste do Monte Taigeto (2.407 metros de altura) de onde era arremessada à *Kaiada* ou *Kheadas*, uma fossa situada 10 km ao Noroeste de Esparta. Kaiada, até nossos dias, é um lugar que sempre esteve rodeado de lendas sinistras, pois

não só as crianças defeituosas eram arremessadas em suas profundezas, mas sim também os inimigos do Estado (covardes, traidores, rebeldes messênios e suspeitos) e alguns prisioneiros de guerra. Recentemente foram descobertos numerosos esqueletos ali sepultados, incluindo de mulheres e crianças.

Agora recordemos por outro lado que os antigos arianos abandonavam os bebês defeituosos nos bosques para serem devorados pelos lobos. Nas SS, os bebês que nasciam deformados, fracos ou enfermiços eram sufocados ao nascer, e posteriormente era informado aos pais que a criança havia nascido morto. Plutarco escreveu que os espartanos pensavam que “deixar com vida um ser que não fosse sadio e forte desde o início não resultava benéfico nem para o Estado nem para o próprio indivíduo.” Sob este princípio se executava, em um ato de compaixão verdadeira, a todos os bebês que não eram perfeitamente sadios. Isso, ademais de eugenia, era “aristogenia” (“o melhor nascimento” ou “nascimento dos melhores”). O que a Natureza faz de modo lento e doloroso, os espartanos faziam de modo rápido e quase indolor, dispensando trabalhos e sofrimentos desnecessários. Ao invés de ignorar as leis naturais – como faz a sociedade moderna -, os espartanos as elevavam ao máximo expoente, e criavam um monde onde era impossível fugir delas.



A maioria dos estados helênicos (como a totalidade dos povos arianos da Antiguidade) seguia táticas similares de seleção eugênica nas quais se

tomava como garantido que o direito à vida não era para todos, mas sim que era necessário merecê-lo demonstrando ser forte e sadio. Tal ideia vem da intuição inconsciente, da convicção de que o povo ao qual se pertence interiorizou um pacto com a Natureza. A diferença consiste em que, em outros Estados, a eugenia era opcional, pois a decisão correspondia aos pais, de tal modo que o selecionar os bebês era uma política privada e doméstica. Em Esparta, por sua vez, a seleção era uma política estatal plenamente institucionalizada. Os espartanos viam nessas medidas um assunto de vida ou morte, e de sobrevivência da comunidade de sangue. Assumiam essas medidas com convencimento, pois elas já os haviam ajudado no passado a superar situações tremendamente adversas. Seu objetivo era assegurar que só os aptos sobreviveriam e favorecer a evolução, mantendo assim bem alto o nível biológico de Esparta e, sobre essa base, conquistar um aperfeiçoamento em todos os níveis. O mesmo foi tentado no Terceiro Reich.

Os bebês que sobreviviam à seleção eram devolvidos a suas mães e incorporados a uma irmandade masculina ou feminina segundo seu sexo – geralmente à mesma a que pertenciam seu pai ou sua mãe. Pouco ou nada se sabe sobre estarem irmandades, porém provavelmente era ali que os espartanos eram iniciados no culto religioso, onde se lhes ensinava a dominar suas forças interiores, a despertar seu Espírito e a receber a sabedoria da qual Esparta era herdeira. Após terem sido aceitos em dita irmandade, passavam a viver com suas mães e babás, criando-se entre mulheres até os sete anos.

Durante estes sete anos, a influência feminina não os suavizaria, dado que se tratava de mulheres que sabiam criar sem amolecer. As mães e babás espartanas eram únicas, um autêntico exemplo de maternidade sólida para a feminilidade ariana: jovens duras, severas e virtuosas, imbuídas e convencidas da profunda importância e caráter sagrado de sua missão. Haviam sido treinadas desde que nasceram para serem mulheres de verdade – para serem mães. Foi-lhes arrancado qualquer tipo excessivo de ternura ou compaixão que pudessem ter para com seu filho. Se o bebê era defeituoso, devia ser sacrificado, e se não, deveria ser curtido o quanto antes para estar em condições de suportar uma vida espartana. Os primeiros anos da existência de uma criança o marcavam para o resto de sua vida e assim o compreendiam as espartanas, de modo que se aplicavam com esmero em sua tarefa de criar homens e mulheres superiores.

Em vez de envolver os bebês em bandagens, roupas de agasalho, fraldas e cobertores como se tratassem de larvas, as mães e amas de leite de Esparta lhes colocavam telas flexíveis, finas, ligeiras e em escassa quantidade,

deixando livres as extremidades para que pudessem se mover à vontade e experimentar a liberdade corporal. Sabiam que os bebês tinham um sistema imunológico mais fresco e intacto que os adultos, e se lhes ensinava a aguentar o frio e o calor desde tenra idade, não só não se ressentiriam, mas ao invés se endureceriam e seriam mais imunes no futuro. Ao invés de ceder ante os choramingo dos bebês, as mulheres espartanas lhes acostumavam a não se queixar. Ao invés de permitir o capricho com a comida e “sobrealimentá-los” com alimentos super-purificados, ultra-esterilizados e hiper-desinfetados que fariam com que seus sistemas imunológicos perdessem a atenção, lhes alimentavam com uma dieta simples e natural. Ao invés de cometer a aberração de alimentá-los com leite de animais, pasteurizado, fervido e despojado de suas qualidades naturais, as mulheres espartanas amamentavam elas mesmas seus filhos, contribuindo para formar um enlace biológico maternal.

Durante os sete primeiros anos, outra das tarefas era conseguir que os infantes enfrentassem seus medos, extirpando os medos e as superstições infantis. Para isso, as mães e babás espartanas recorriam a diversos métodos. Ao invés de permitir que os bebês desenvolvessem temor à escuridão, desde recém-nascidos lhes deixavam no escuro para que se habituassem a ele e perdessem o medo. Ao invés de favorecer a que os bebês não soubessem valer por si mesmos, comumente os deixava sozinho. Ensinavam-lhes a não chorar e a não queixar-se, a serem duros e a suportar a solidão – ainda que fossem afastados os objetos e impedidas às situações que pudessem desagradar os bebês ou fazê-los chorar justificadamente.

Os bebês espartanos não eram exatamente mimados como hoje em dia, que se lhes superprotegem enchendo-lhes de roupas de agasalho, fraldas, “gorrinhos”, cachecóis, manoplas, sapatinhos, chocalhos, desenhos afeminados e cores estridentes que convertem a criança em uma ridícula bolota inchada multicolorida, restringindo seu crescimento, atrofiando sua imunidade, o distanciando do seu meio e impedindo-o de sentir seus arredores, adaptar-se a ele e a desenvolver cumplicidade com ele. Um bebê ariano não deve ser um anjinho querubim o qual deve ser mimado, mas sim um filhote destinado a ser o terror da Sub-humanidade, e que deve ser endurecido mediante a severidade de um mando autoritário.

Os bebês de Esparta não ficavam rodeados de adutores a todo o momento, penderes de seus choramingo. E tampouco eram afogados em um mar de gritinhos, mimos e risos histéricos por parte de mulheres dementes, ruídos que confundem o bebê, o incomodam e o fazem se sentir ridículo, para acabar convertendo-o em tal. As mães espartanas não repreendiam seus filhos quando demonstravam curiosidade, ou quando se

arriscavam, ou quando se sujavam no campo, ou quando se distanciavam a sós, ou saíam para explorar, ou se machucavam brincando; por que isso desencorajaria sua iniciativa. Esse costume afeminado de sobremimar as crianças e de recriá-los quando se arriscam provém das raças escuras (muito dadas, por outro lado, aos infanticídios rituais), e a Raça Ariana tendia a ser mais severa rigorosa e exigente para com eles, ainda que na hora da verdade os amassem profundamente e teriam entregado sua vida por eles sem duvidar, dando-lhes todo o amor, trabalho e luta que um dia os inspiraria a ascender e crescer.

Às crianças espartanas, enfim, era permitido refugiar-se na Natureza, correr pelos campos e pelos bosques, subir em árvores, escalar rochas, sujar-se, ensanguentar-se, juntar-se brigar e andar totalmente nus para que não ficasse uma única porção de sua pele sem experimentar a intempérie. Eram tratados como verdadeiros filhotes.

Todos os varões arianos física e espiritualmente sadios sentem o chamado do heroísmo, da guerra e das armas desde mui tenra idade, pois é um instinto da Raça que está injetado em seu sangue para assegurar sua defesa. Longe de lhes afastar dos brutais surtos de violência que se dão sempre entre as crianças arianas, as mulheres espartanas o fomentavam na medida do possível. Cada vez que as crianças viam um soldado espartano, se criava ao redor dele uma aureola de mistério e adoração; o admiravam, o tinham como modelo e exemplo, e queria imita-lo o quanto antes.

As amas de leite espartanas se fizeram famosas por sua sabedoria em toda a Hélade, pois sua infalível criação dava como resultado crianças tão maduras, robustas, disciplinadas e responsáveis que muitos estrangeiros se apressavam a contratar os serviços dessas babás para criar seus próprios filhos sob os métodos espartanos. Por exemplo, o famoso ateniense Alcibíades (450 AEC – 404 AEC), sobrinho de Péricles e aluno do filósofo Sócrates, foram criados pela ama de leite espartana Amicla.

Oxalá soubesse com mais detalhes quais eram exatamente os métodos da criação infantil, assim como da posterior Instrução! Oxalá as amas de leite espartanas e os instrutores espartanos pudessem falar desde suas tumbas!

Capítulo 7 – A Instrução das Crianças

“Não sabeis que só a disciplina da dor, da grande dor, é o que permitiu ao homem se elevar?”

(Nietzsche, “Mais Além do Bem e do Mal”, Capítulo 7, Nossas Virtudes)

“Deveis praticar a obediência... não queremos um povo mole, mas sim duro! E vós deveis endurecer a si mesmos enquanto ainda sejam jovens. Deveis aprender a aceitar privações e a não desfalecer.”

(Adolf Hitler, discurso à Juventude Hitlerista, Nuremberg, 1934).

Aos sete anos (idade a partir da qual as glândulas pituitária e pineal começam a degenerar), as crianças espartanas eram mais duras, fortes, sábias, ferozes e maduras que a imensa maioria dos adultos do presente. E ainda que não fossem ainda homens, estavam já perfeitamente preparados para a chegada da masculinidade. A essa idade (ou aos cinco anos segundo Plutarco) começavam sua *Agogé*, ou *Egogé* (treinamento ou Instrução).

A essa idade se punha em marcha um processo que estava relacionado com o fim da influência materna – reminiscência da época do parto-, e se cortava com um golpe esse “outro cordão umbilical”, intangível, que seguia subsistindo entre mãe e filho. Arrancava-se, pois, aos filhos de suas mães e os colocavam sobre a tutela militar junto com outras crianças da mesma idade, às ordens de um instrutor, o *paidonomos* (paidónomo), espécie de supervisor que normalmente era um jovem destacável de entre 18 e 20 anos, que logo acabaria sua própria instrução. Quando este se ausentava por algum motivo, qualquer outro cidadão espartano (isto é, qualquer varão espartano que já tivesse terminado sua própria instrução) podia lhes ordenar o que fosse ou lhes castigar como fosse conveniente. A Instrução durava nada mais e nada menos que 13 infernais anos, durante os quais as crianças eram já educadas e disciplinadas por homens, com o fim de obter homens. Enquanto a Criação era uma fase marcada pela influência feminina, a Instrução tinha já um caráter essencialmente masculino.

A *Agogé* é provavelmente o sistema de treinamento físico, psicológico e espiritual mais brutal e efetivo já criado. A educação que recebiam as crianças espartanas era obviamente do tipo paramilitar; um adestramento severo, impiedoso e doloroso, que em alguns casos estava claramente orientado à guerra de guerrilhas nos montes e nos bosques, para que a criança se fundisse com a Natureza e se sentisse o predador rei. A Instrução era um processo sobre-humano, um autêntico inferno, quase de alquimia espiritual e física, infinitamente mais duro que qualquer instrução militar

do presente, por que era muito mais perigosa duradoura (13 anos) e extenuante, por que as faltas mínimas se castigavam com enormes doses de dor – e por que os “recrutas” eram crianças de sete anos.

Alguns disseram que a Instrução a aprendeu Licurgo durante sua viagem ao Egito, porém sem dúvida isso é, ao menos em parte, falso, por que a disciplina espartana era muitíssimo mais dura que a do Exército egípcio, e os dórios a puderam retirarem de seu próprio interior.

Imediatamente após ingressar na Instrução, a primeira coisa que se fazia às crianças era raspar-lhes a cabeça. É indubitável que isso era o mais prático para quem estava destinado a se mover entre densa vegetação, a morder o barro e a lutar, porém o sacrifício do cabelo significava ademais uma espécie de iniciação do tipo de “morte mística”: se renuncia às posses, aos adornos, à individualidade, à beleza, inclusive se despreza o próprio bem-estar (o cabelo é importante para a saúde física e espiritual), se uniformiza os “recrutas”, dá a eles uma sensação de nudez, de solidão, de desamparo e de começo (os bebês nascem calvos ou com pouco cabelo), uma espécie de “começar do zero”, atirando-os bruscamente em um mundo de crueza, dor, renúncia e sacrifício. Isso não é algo isolado nem arbitrário. Os primeiros exércitos, compostos de muitos homens que tinham que viver juntos em um espaço reduzido, vira a necessidade de manter curto o cabelo para evitar a proliferação de piolhos e enfermidades. Por outro lado, a cabeça raspada devia significar algo mais para eles. Os sacerdotes egípcios do mais alto grau, os legionários romanos e os templários também raspavam a cabeça, assim como, até nossos dias, os monges budistas, numerosas unidades militares e – devo dizê-lo por que é verdade – os “*skinheads*”. Quando se uniformiza a um grupo, os integrantes do grupo não se diferenciam por seu aspecto personalizado ou por suas modificações externas, mas sim pelas qualidades nas quais sobressaíam desde zero em igualdade de condições em relação a seus camaradas. Uniformizar um grupo, paradoxalmente, é o melhor método para observar atentamente o que é que realmente distingue os indivíduos, à margem das modificações externas ao corpo, e os espartanos o sabiam reconhecer.

As crianças captava o que lhes era sugerido: renunciar a si mesmos, do mesmo modo que Goethe disse que “*devemos renunciar a nossa existência para existir verdadeiramente.*” Paradoxalmente, só aquele que não se apega pateticamente a sua vida pode chegar a viver como um homem de verdade, e só aquele que não se aferra desesperadamente ao seu ego, e a sua individualidade pode chegar a ter um caráter verdadeiramente consolidado e uma personalidade bem definida.

Após a raspagem da cabeça, as crianças eram organizadas por *agelai* ou *agelé* (hordas ou bandos) ao estilo paramilitar. As crianças mais duras, belas, ferozes e fanáticas (isso é, os cabeças, os líderes naturais) eram tornadas chefes de bando. No âmbito da doutrina e da moral, o primeiro passo era inculcar nos recrutas o amor ao seu bando, uma obediência sagrada e ilimitada para com seus instrutores e seus chefes, e deixar claro que o mais importante era demonstrar uma imensa energia e agressividade. Para com seus irmãos, suas relações eram de rivalidade e competência perpétuas. Aquelas crianças eram tratadas como homens (pior ainda, realmente), porém quem assim os tratava não perdia de vista que continuavam sendo crianças. Eles eram também estampados com essa marca que distingue a todo filhote feroz e confiante em sua capacidade: a impaciência, a ânsia de se mostrar e se pôr a prova, e o desejo de se distinguir por suas qualidades e seus méritos no seio de sua matilha. Tudo isso nos recorda inevitavelmente a Juventude Hitlerista. O espírito de superação que imperava nos bandos espartanos era esse impulso de luta que tanto detestam os pacifistas e feministas de nossos dias, pois eles (como todos os escravos) não lutam, não rivalizam nem competem para obter o que querem, mas sim conspiram.

Inerente à instrução espartana era o sentimento de seleção e de elitismo. Nos aspirantes era inculcado que era o melhor da infância espartana, porém que tinham que demonstra-lo, e que não era qualquer um que era digno de chegar a ser um autêntico espartano. Era-lhe metido na cabeça que nem todos eram iguais, e que, portanto todos eram distintos. E se eram distintos, alguns eram melhores ou piores, ou tinham qualidades diferentes. E que, em tal caso, os melhores deveriam estar acima dos piores, e todos os quais colocados no lugar que lhe correspondia segundo suas qualidades. Por isso uma Ordem é chamada assim.

Às crianças era ensinado a manejar a espada, a lança, o punhal e o escudo – o qual lhes endurecia as mãos – e a marchar em formações cerradas, realizando os movimentos com precisão e com sincronização perfeita. Prevaleciam no âmbito físico os processos de endurecimento (seria fascinante conhecer as atrocidades às quais eram submetidos), e se entregavam a muitíssimos exercícios corporais pensados para favorecer o desenvolvimento de sua força e de suas qualidades guerreiras latentes: correr, saltar, lançamento de seta e de disco, dança ginástica, natação, luta livre, tiro com arco, boxe e caça são alguns exemplos. Em uma sociedade como a espartana, a caça era compreendida como método de subsistência (Xenofonte disse que “um caçador, habituado à fadiga, faz um bom soldado e um bom cidadão”), ainda que para os espartanos a carne fosse um luxo consumido apenas em ocasiões especiais. Em Esparta os animais eram

muito respeitados e ademais os dórios em geral conservavam cultos arcaicos a divindades com partes de animais (como os celtas ou os egípcios, ainda que não o resto dos gregos, “mais civilizados”), o qual simboliza a condensação das qualidades totêmicas associadas ao animal em questão. Os garotos espartanos, que viviam as intempéries, deviam se sentir identificados com muitos dos animais que os rodeavam, forjando certa cumplicidade com eles.

Para fomentar a competitividade e o espírito de luta, e para acostumá-los à violência e ao trabalho em equipe, os bandos de jovens espartanos competiam entre si em extenuantes partidas de um violentíssimo jogo de bola que consistia basicamente em uma variante, muito mais livre e brutal, do rúgbi. Os jogadores se chamavam *sfareis*. Podemos imaginar aqueles pequenos selvagens de cabeça raspada dando-se todos os tipos de golpes de todos os modos possíveis, chocando, esquivando e tentando lutar para se coordenar, conseguir a posse da bola e a levar à meta estabelecida, mas além do território rival e por cima dos corpos do rival. Quase podemos, também, ouvir os golpes secos, os gritos de agressividade, os sinais de coordenação, o rangido das cotoveladas, as joelhadas, os chutes, os socos, as cabeçadas, as torções, que deviam ocorrer naquele jogo transformador de caracteres e forjador de personalidades. Sim, é verdade, os ferimentos estavam sempre presentes.

No santuário da Deusa Artemis tinha lugar muito combate ritual corpo a corpo entre os filhotes espartanos. Também se enfrentavam bando contra bando, criança contra criança, ou todos contra todos, em encarniçadas lutas sem arma, para estimular a agressividade, a competitividade e o espírito ofensivo, para desenvolver seu sentimento de domínio no caos das lutas e para lhes hierarquizar. É fácil imaginar que voassem os dentes, narizes fossem esmagados, maçãs do rosto trituradas, cortes faciais, caras e mãos ensanguentadas, perdas de sentido e cabeças abertas nas brigas daquelas crianças ferozes. Ademais, os instrutores se encarregavam de lhes atizar para que medissem as forças entre si, sempre que fosse somente por competitividade e afã de superação, e quando se via aflorar o ódio espumante, a briga era parada. Mesmo assim, o normal era que ao terminar a luta os combatentes se saudassem e se felicitassem emocionados, comentando a briga entre si, com seus companheiros e com seus instrutores e tentando aprender. Regia em Esparta aquele antigo culto que podemos chamar de “Mistérios da Luta”.

Em Esparta, como dissemos se praticava o boxe e a luta livre, porém os espartanos se exercitavam também em outra arte marcial popular na Grécia: o *pankration* ou pancrácio. Consistia em uma mistura de boxe e

luta livre, similar às disciplinas modernas de MMA ou Vale Tudo, porém mais brutal: os participantes podiam incorporar às bandagens dos seus punhos os acessórios que achassem convenientes para aumentar seu poder ofensivo: alguns acrescentavam pedaços de madeira, lâminas de estanho e inclusive placas chumbo. As regras eram simples: valia tudo menos morder, assim como atingir os olhos, o nariz ou a boca do adversário. Também era proibido matar premeditadamente o adversário, ainda que fossem muitos os que morriam nesse esporte sangrento. Nos combates de pankration, se não se podia proclamar um vencedor antes do entardecer, se recorria ao chamado *clímax*, uma solução equivalente ao desempate por pênaltis nas partidas de futebol: por turnos, cada lutador tinha o direito de golpear o outro, sem que ao receptor lhe fosse permitido se esquivar nem se defender de modo algum. Aquele a quem cabia dar o golpe dizia ao outro que postura deveria adotar para receber o ataque. O objetivo era ver quem caía primeiro fora de combate. A história grega nos dá exemplo dom um combate entre tal Creugas e tal Damógenes, que chegou a um “empate”, razão pela qual se aplicou o clímax. Após sortearem os turnos, o primeiro a golpear foi Creugas, que pediu ao seu adversário que baixasse os braços, de modo que lhe deu um poderoso soco no rosto. Damógenes levou dignamente o tremendo golpe, após o quê pediu a Creugas que levantasse o braço esquerdo. Seguidamente, enfiou com violência os dedos sob suas costelas e lhe arrancou as entranhas. Esses “pacifistas e progressistas” de nossos dias que elogiam a Grécia deveriam saber que ali se rendia culto à força, à ferocidade e à violência além da sabedoria. Os gregos filosofavam e eram “civilizados”, sim... Porém quando era necessário (ou simplesmente como passatempo) eram perfeitos animais. Era sua dualidade – uma dualidade de união, não de separação; uma dualidade que buscava inserção perfeita do Espírito no corpo, da luz na escuridão, superando sua separação.

Em todas as lutas, combates, competições e jogos, os instrutores punham grande atenção para distinguir se os gritos de cada criança eram de raiva, esforço ou agressividade, ou de dor ou de medo, em cujo caso lhes castigava. Se uma criança se queixava ao seu pai de que outra criança lhe havia batido, seu pai lhe dava uma sova por ser dedo-duro e por não ter se vingado: “O queixar-se não serve absolutamente para nada: é algo que procede da debilidade.” E essa debilidade em uma criança espartana era inaceitável. Como se disse, todos os cidadãos tinham direito a reprimir as crianças, de forma que os pais tinham autoridade sobre seus próprios filhos e sobre os dos outros. Assim, cada pai tratava as demais crianças como gostaria que a sua fosse tratada, como observou Xenofonte. Se uma criança, pois, se queixava a seu pai de que um cidadão lhe havia dado uma chicotada, o próprio pai lhe dava ainda mais chicotadas. Em Esparta tudo era assim, contundente, brutal e simples.

De fato, toda criança espartana chamava “pai” a qualquer homem adulto, de modo similar a quando em nossos dias se chama respeitosamente “avô” a um ancião desconhecido. Observemos que esse costume de chamar “pai” aos mais velhos também foi sugerido por Platão em sua “República”, que não parece senão uma cópia de Esparta.

É mediante as conquistas, as vitórias e as derrotas que o guerreiro logra se conhecer e conhecer seu adversário – no caso de Esparta, a seus semelhantes. E quando um homem se conhece a si mesmo, conhece a seus semelhantes e conhece a seus inimigos, sua sabedoria de vida está consumada. Adquirem desse modo uma segurança, uma prudência, uma intuição e uma confiança em si mesmo muito elevada. Cada espartano, pois, conhecia a seu irmão por que sem dúvida havia lutado contra ele, ou o havia visto lutar, ou havia jogado a seu lado durante esse brusco rúgbi, ou haviam sofrido juntos de qualquer outro modo. Toda sua vida era uma guerra civil. Lutavam contra si mesmos e entre si, porém nem por isso deixavam de estar unidos, mas ao contrário. Esse sistema era uma prodigiosa e proveitosa válvula de escape para o furor da Raça, que em outros lugares resultava em trágicos conflitos civis, e que em Esparta se desafogava em competições desportivas.

Todos os aspectos da vida da criança espartana eram regulados para incrementar sua insensibilidade ao sofrimento e sua agressividade. Se lhe punha sob uma impiedosa disciplina que lhes obrigava a controlar a dor – em ocasiões dor de grande magnitude, e não só física como também psicológica-, a fome, a sede, o frio, o calor, o medo, a fadiga, a repugnância, a incomodidade e a falta de sono. Se lhe ensinavam habilidades de sobrevivência no campo, incluindo rastreamento, orientação, caça obtenção de água e conhecimento de plantas comestíveis. Para conseguir tudo isso, os rígidos instrutores utilizavam sem escrúpulos qualquer meio possível a seu alcance. As situações de desgaste às quais eles conduziam os pequenos eram tão intensas que é provável que tivessem alcançado um estado próximo ao da demência, com presença de alucinações induzidas pela falta de sono e de comida. Os mastigóforos (portadores do látigo) se encarregavam de açoitar brutalmente e inclusive de torturar a qualquer um que falasse se queixasse ou gemesse de dor, para que as tarefas saíssem perfeitas. Em ocasiões fustigavam sem motivo algum, só para lhes endurecer, e as crianças espartanas preferiam morrer antes de soltar um gemido ou perguntar por que estavam sendo açoitadas. Sua filosofia coincidia com a de Nietzsche quando pensavam “Bendito seja aquilo que nos torna duros!”. Inclusive existiam competições para ver quem aguentava os açoites mais numerosos e intensos sem gritar; isso era

conhecido como *diamastigosis*. Em ocasiões, a sacerdotisa de Ártemis mandava que, em sua presença e perante uma imagem de Ártemis, se fustigasse as crianças escolhidas por ela. Se a cerimônia-suplício não era do agrado da sacerdotisa, mandava que os açoites se intensificassem. Essas crianças não só tinham a obrigação de não mostrar dor, mas sim de mostrar alegria! Alegar-se-á que isso é uma barbárie sado masoquista, porém há que ir mais além-por que o sentido era realmente patente: inculcava nas vítimas a noção do sacrifício em face do arquétipo de sua Pátria (Ártemis) e se lhes ensinava a dominar o sofrimento com a Divindade na mente. Por outro lado, no resto da Grécia os atletas se submetiam voluntariamente a sessões de açoites, posto que ajudassem a endurecer a pele e o corpo, ademais de purgar impurezas (quem já esteve em países terceiro mundistas onde ainda se empregam os açoites como castigo, terá percebido como a desafortunada vítima transpira muitíssimo, deixando um enorme alagado no solo). E Esparta era, sem lugar para dúvida, um estado atlético.

A falta de piedade para com o aluno promissor descreveu Nietzsche como: “Eu não uso de branduras convosco por que o amo de coração, meus irmãos na guerra.” E em palavra que parecem dirigidas a um instrutor, a um fabricante de super-homens, diz “a piedade deve ser para ti pecado. Só admities esta lei: ‘Sê puro!’”. A compaixão é o pior veneno, por que conserva e prolonga a vida de tudo que é fraco e agonizante – quer se trate de compaixão para conosco, para com nossos semelhantes ou para com nossos inimigos. No “Canto do Senhor” do monumental *Bhagavad Gita* indo-iraniano vem escrito que “um sábio não se lastima pelos que vivem, nem tampouco pelos que morrem.”.

Vemos que o sofrer e suportar dor sem se queixar era parte da idiossincrasia espartana. Assim, os garotos espartanos se orgulhavam da quantidade de dor que podiam suportar com os dentes cerrados, e recordemos que Nietzsche dizia também que o grau de sofrimento ao que seja capaz de chegar um homem determina seu lugar hierárquico.

É perfeitamente compreensível que esse tipo de estoicismo possa ser interpretado como um culto masoquista ao sofrimento, porém devemos evitar cair nesse erro de interpretação. O sofrimento era em Esparta um meio para despertar os instintos guerreiros do homem e para que tomasse contato com seu corpo e com a própria Terra. Não se aceitava o sofrimento mansamente com a cabeça baixa, mas si quem se lutava para domina-lo com os dentes negros, a cara crispada, o corpo tenso e os punhos fechados, e tudo ia encaminhado a conseguir uma indiferença perante o sofrimento, ao contrário de cultos masoquistas como o Cristianismo ou o moderno

“humanitarismo” ateu, forjadores de seres “sentimentalóides” e hipersensíveis inclusive perante a dor alheia.

A lealdade era outra parte importantíssima da instrução espartana. Segundo Sêneca, “a lealdade constitui o mais sagrado bem do coração humano”, e segundo Goethe, “a fidelidade é o esforço de uma alma nobre para se igualar a outra ainda maior que ela”. A lealdade lhes encaminhava a formas de serem superiores e servia para engrandecê-los. Às crianças espartanas se inculcava umas lealdades inquebrantáveis para com si mesmos, seus semelhantes e sua própria Ordem – quer dizer, o Estado Espartano. “Minha Honra se Chama Lealdade” diziam os SS (poucas frases me parecem tão cavalheirescas como essa), e poderia ter sido também um bom lema para os espartanos. Para eles, a lealdade era uma ascese que lhes levava pelo caminho do Dharma, da ordem reta, da moral da honra (aidós e timé) e do cumprimento do dever sagrado.

Como se disse, a obediência também era algo primordial na Instrução, porém até que ponto chegava essa obediência? A resposta é que não tinha limites. Era posta a prova dia a dia. A uma criança espartana se poderia ordenar a assassinar uma criança helota ou provocar uma briga com um companheiro, e se dava como garantido que não fizesse perguntas, mas sim que obedecesse em silêncio e com eficiência. Podiam dar-lhe ordens aparentemente absurdas ou irrealizáveis para pô-lo a prova, porém o importante era que, sem titubeios, buscasse cegamente a obediência da ordem incontestável. Obedecer era o sagrado e o básico, por que o superior sabe algo que o subordinado não sabe. No exército se diz que “quem obedece não erra nunca”. Os pequenos espartanos eram constantemente postos à prova. Se a uma criança espartana se tivesse ordenado que se atirasse de um precipício, não teria duvidado e teria se arremessado sem pestanejar e até com furiosa convicção, como na Ordem dos Assassinos.

Tudo isso, a olhos profanos, pode parecer exagerado e indignante, porém tais profanos ainda não compreendem o que significa. Quando o indivíduo está seguro de estar diretamente o serviço da vontade divina, as ordens não são questionadas por que provém de cima, de lá de onde não se pode compreender – ainda. Servir a um indivíduo semelhante, porém superior é servir a si mesmo, pois esse mando representa em tal momento a Comunidade, de que o indivíduo forma parte. Quando todas as peças de uma engrenagem assumem sua função com convicção isso dá uma sensação geral de tranquilidade, confiança e ordem que permite aos homens realizar as façanhas mais perigosas e heroicas com a maior serenidade e naturalidade. Adolf Hitler disse: “A convicção de que obedecendo à voz do dever se trabalha na conservação da espécie, ajuda a tomar as decisões mais

graves.” Se era ordenado algo injusto, era por um bem maior, e em todo caso não se fazia perguntas jamais. Obedecia-se por amor à obediência mesma, como parte de uma disciplina monástico-militar. Obedecer a uma ordem era obedecer a si mesmo e ao clã, por que o Chefe era uma encarnação da vontade desse clã. Esse é o tipo de sentimento e o tipo de chefes que se deve ressuscitar. Nietzsche mesmo aconselhou: “Levai uma vida feita de obediência e de guerra.” Essa magia de lealdade, dever e obediência são a que leva os grandes homens pelo caminho da glória.

A Instrução era ao ar livre. As crianças espartanas estavam sempre imersas na Natureza, em seus sonhos, suas vibrações, suas gloriosas paisagens vivas, seus animais, suas árvores, suas mudanças, seus ciclos e sua vontade. Aprendiam a se unir com sua Terra, a conhecê-la, a ama-la e a considera-la um lar. Se lhes obrigava a caminhar sempre descalços, com o quê pisavam diretamente a Terra, sentindo-a, compreendendo-a, conectados diretamente a ela como árvores. Os massagistas sabem que os pés são os “controles a distância” dos órgãos corpóreos. Ter os pés diretamente em contato com a Terra tem sem lugar a dúvidas, um efeito de massagem importante em todo o corpo, efeito desaparecido hoje em dia com solas e saltos que desfazem a forma natural que tem o pé de funcionar. E não só isso: o caminhar descalço endurecia os pés como se tratassem de madeira, e com o tempo os pequenos espartanos se moviam com mais rapidez pelos piores terrenos que aqueles que haviam amaciado os pés com calçados, pois os pés estão desenhados para isso, e se no presente não servem é por que não os desenvolvemos nem os curtimos como seria natural.

No Inverno, as crianças espartanas eram banhadas no gélido rio Eurotas. Vestiam o mesmo no inverno e no verão, e dormiam ao ar livre sobre duros juncos arrancados no rio e cortados a mão. As manobras e as marchas que realizavam eram extenuantes, e matariam a quase qualquer varão de nossos dias – de fato alguns garotos espartanos morriam de cansaço. Paulatinamente, os corpos das crianças se iam acostumando ao frio e ao calor, desenvolvendo seus próprios mecanismos de defesa. Pouco a pouco, se tornavam cada vez mais duros, mais resistentes e mais fortes.

Como nutrição, lhes era assinado uma ração diária deliberadamente insuficiente, que incluía o famoso, áspero e amargo pão negro espartano com o qual também se confeccionava a também famosa sopa negra (*melas zomos*) espartana, e que era total e absolutamente não comestível para qualquer não espartano. Diz-se que continha, entre outras coisas, sangue e entranhas de porco, sal e vinagre (pensemos nos ingredientes do chouriço), e como se sabe, o vinagre limpa o sangue e ajuda a purgar a gordura. Provavelmente a ingestão de semelhante mistura era em si mesma uma

prática de autocontrole que ajudava a endurecer a boca, o estômago e o aparato digestivo. A comida espartana, em geral, era considerada pelos demais gregos como fortíssima, quando não repugnante.

Por outro lado, a ideia das rações alimentícias ásperas e pouco abundantes era que os jovens espartanos buscassem sua própria comida mediante a caça, a coleta ou o furto, e que eles mesmos a cozinhassem. Caso fossem descobertos em um ato de furto de alimento, lhes esperava o chicote ou um brutal espancamento, ademais da privação de comida por vários dias. E isso não por furtar alimento – que podia ser roubado dos helotas – mas sim por se deixarem surpreender. De algum modo, isso recordava a tradição de “direito de rapina” das antigas hordas nômades ariana: os exércitos antigos normalmente careciam de qualquer tipo de logística e em suas campanhas sobreviviam graças ao que tomavam da Natureza ou graças ao saque dos inimigos e sobre as populações indígenas. Em Esparta se queria ensinar aos cidadãos a adquirir comida por sua conta para que eles estivessem acostumados a isso, para fazer com que se adaptassem a um modo de vida de incertezas e privações. Viviam em um perpétuo estado de guerra, e se queria que eles imaginassem bem isso.

É conhecida a anedota da criança espartana que, tendo capturado uma raposa como alimento, o escondeu por baixo de sua túnica para escondê-lo de um grupo de soldados que se aproximavam. A raposa, desesperada, começou a utilizar seus dentes e suas garras para atacar o corpo do garoto, porém este aguentou sem gritar. Quando brotou o sangue, a raposa se tornou mais agressiva e começou a arrancar pedaços de carne, comendo-o vivo literalmente. E a criança aguentou a dor sem gritar. Quando a raposa havia chegado até as entranhas, roendo-lhe os órgãos, o pequeno espartano caiu morto silenciosamente em um discreto charco de sangue, sem haver deixado escapar um gemido nem haver mostrado se quer sinais de dor! Não era o medo o que o fazia ocultar sua caça, pois sem dúvida era pior essa morte lenta e dolorosa do que muito açoite. Era sua honra, era sua disciplina, capacidade de sofrimento, vontade, resistência e dureza – qualidades que em sua curta vida havia desenvolvido mais que qualquer adulto do presente. Essa anedota – indiscutivelmente trágica e horrível – não pretende ser uma apologia, mas sim apenas um exemplo do lendário estoicismo espartano.

Com as medidas de escassez alimentar se queria favorecer também que o corpo, ao ser privado de crescimento em largura, adquirisse maior dureza e estatura. Propiciava-se o aparecimento de corpos altos, compactos, sólidos, flexíveis, esbeltos, duros, ágeis, resistentes e atléticos, aproveitados ao máximo, com uma musculatura concentrada, recortada e “fibrada” ao

extremo, não propensos a lesões e com grande resistente à dor, à fadiga, à fome, à sede, ao calor, ao frio, à enfermidade, aos golpes, ao esforço explosivo ou prolongado e às feridas mais terríveis. Não eram corpos com uma musculatura superdesenvolvida, que requeriam uma dieta imensa e uma manutenção constante e pouco prática. Eram corpos concentrados, íntegros e proporcionados, desenhados para sobreviver com o mínimo, perfeitas máquinas biológicas nas quais se poderia estudar à simples vista cada veia, cada tendão, cada ligamento, cada músculo e cada fibra de músculo que houvesse à flor da pele. Sua força devia ser impressionante, caso contrário não teria sido possível viver, marchar e combater com todo o peso das armas, couraça, escudo, etc. Plutarco explicou que os corpos dos espartanos eram “duros e secos”. Xenofonte, por sua parte, sentenciou que “é fácil ver que essas medidas não poderiam senão produzir uma raça sobressalente em construção e em força. Seria difícil encontrar um povo mais sadio e eficiente que os espartanos.”.

Esse é o corpo mais apropriado para o combatente. Platão, em sua “República”, deixou claro que o minucioso regime de dietas e exercícios específicos que levavam a cabo os atletas, faz com que não rendessem quando de repente eram privados de suas rotinas – durante uma campanha militar, por exemplo -, já que seus corpos estavam demasiado acostumados a contar com nutrientes e a depender deles. Nas situações extremas, tais corpos reagiam instintivamente reduzindo sua massa muscular e produzindo esgotamento, debilidade e mal-estar. Na Batalha de Stalingrado, muitos combatentes alemães caíram mortos inexplicavelmente. Soube-se depois que era ao mesmo tempo de fome, frio e cansaço. E os mais afetados por essa morte foram precisamente os homens mais corpulentos e massivos, isso é, os que requeriam maior manutenção quanto à alimentação e descanso.

Os guerreiros arianos de todas as épocas souberam compreender isso, entre eles também os legionários romanos – que buscavam corpos duros, resistentes e concentrados – e os SS, que se exercitavam sem pausa, consumindo uma dieta escassa e simples que incluía os famosos mingaus de aveia, o porridge que tanto influenciou fisiologicamente na proverbial impassibilidade de ingleses e suecos (se soube que a aveia influencia também na tranquilidade dos cavalos de corrida, e as dietas atléticas as costumam incorporar), segundo observou Walther Darre. Leon Degrelle disse que “na Escola de Oficiais de Bad-Tolz, todos os aspirantes haviam perdido uma dezena de quilos ao final do curso. Ao terminar este, cada um se havia convertido em um atleta, flexível, nu e forte como um deus grego.”.

Como vemos por seu estilo de vida, os espartanos eram sem dúvida musculosa, porém não exageradamente no que se refere a volume. Não eram indivíduos massivos como os fisiculturistas de hoje em dia, e para ter certeza do que dizemos basta ver as privações alimentícias que sofriam, assim como o regime de exercícios que levavam, muito abundantes em esforços aeróbicos intensos. Seu nível de definição e tônus muscular, porém, devia ser impressionante.

Muitas vezes me pergunto o quanto ganharia o atletismo, a medicina e a biologia modernas se pudessem estudar um corpo espartano em vida.

Aos jovens espartanos era ensinado a observarem, escutarem, aprenderem, a serem discretos, e não fazer perguntas e a assimilar em silêncio. Era-lhes ensinado que a retirada ou a rendição em batalha eram uma desonra, que todo combate em que participavam devia acabar para eles em vitória ou morte e que, tal como disse Xenofonte dos espartanos, “uma morte com honra é preferível a uma vida sem honra.” Ou nas palavras de Nietzsche: “Há que morrer com orgulho quando já não é possível viver com orgulho.”.

Aos espartanos, assim como aos druidas celtas, aos perfeitos cátaros e aos templários, lhes era proibido o trabalho manual pesado. Seu trabalho era a guerra. Não obstante, ao renunciar ao trabalho manual, renunciavam também aos frutos do seu trabalho: eram imbuídos de austeridade, simplicidade e ascetismo em todos os aspectos de sua vida, eliminando qualquer coisa que pudesse lhes amolecer ou debilitar. Seus gestos eram medidos, reduzidos e justos, e seus modos solenes e respeitosos. Suas casas careciam totalmente de decoração e apresentavam um aspecto rústico e áspero, de pedra e de madeira. Pretendia-se aumentar a falta de necessidade de cada espartano; sua autossuficiência pessoal.

De fato, não se lhes permitia o luxo nem na linguagem, de tal modo que falavam com palavras justas, em tom seco, direto, firme e marcial. Uma criança espartana deveria permanecer silenciosa em público, e se lhe era dirigida a palavra devia responder com a maior brevidade, elegância e concisão, ao mais puro estilo militar. A linguagem espartana era como o povo espartano, como havemos visto: pouco abundante, porém de grande qualidade. Devia soar infinitamente mais desagradável, mecânico, duro e áspero até que o latim legionário ou a alemã mais marcial da unidade SS mais impiedosa. Era um idioma de voz, mando e obediência. O áspero dialeto dório falado em Esparta, o lacônico, chegou a ser sinônimo de sequidão e simplicidade de fala. E a simplicidade de fala é essencial para uma espiritualidade elevada. Lao Tse, lendário mensageiro do Taoísmo, disse que “falar pouco é o natural”. Há numerosos e ilustrativos exemplos

acerca do laconismo espartano que irão aparecendo ao longo desse escrito. Um bom constitui que em uma ocasião em que uma guarnição espartana estava a ponto de ser rodeada e atacada de surpresa, o governo espartano lhe mandou simplesmente a mensagem: “Atenção”. Era suficiente para homens que levavam toda a vida se exercitando na milícia. “A bom entendedor, poucas palavras bastam”, diz um ditado espanhol.

O laconismo espartano é o diretamente oposto à vulgar tagarelice atual, onde as vozes histéricas, feias, sujas, pegajosas e vulgares se misturam estrepitosamente e sem harmonia, destruindo com palavras absurdas o silêncio, que seria mil vezes preferível a tal balbúrdia. A fala é muito mais importante do que se pensa hoje em dia. Mediante a fala, o pensamento encarna sobre a Terra. Na fala se condensa a comunicação entre pessoas, influenciando decisivamente na maneira que tem o indivíduo de perceber os que o rodeiam, particularmente a seus semelhantes, nos quais o indivíduo se vê refletido. O indivíduo aprende a se conhecer melhor através do conhecimento de seus semelhantes, e o conceito que tenha de seus semelhantes terá eco em sua própria autoestima. O próprio Nietzsche, estudioso da filologia, outorgou grande importância à fala, dedicando-lhe extensos parágrafos. E os ásperos militares alemães do Terceiro Reich tiveram seu próprio laconismo seco, brusco, marcial, tosco e a grito nu que aos suaves italianos tanto aborrecia.

Para aprender sobre política, modos solenes, respeito aos mais velhos e assuntos estatais, as crianças espartanas eram levadas às confrarias do Exército (das quais me ocuparei mais adiante), onde homens jovens e anciãos filosofavam, conversavam e discutiam sobre as atualidades. Plutarco disse que para os pequenos, assistir a esses círculos era como uma “escola de temperança” onde aprendiam a se comportar como homens e a zombar de um adversário. Era-lhes ensinado a zombar dos outros com estilo, e, a saber, receber as zoações recebidas. Em caso de lhes cair mal uma brincadeira, devia declarar-se como ofendida, e imediatamente o ofensor cessava. Os mais velhos tentavam pôr a prova às crianças para lhes conhecer melhor e identificar suas qualidades, e estes deviam ser engenhosos para causar uma boa impressão e parecerem bem perante aquelas solenes congregações de atentos e respeitáveis veteranos, respondendo com a maior engenhosidade e brevidade possível às perguntas mais retorcidas, maliciosas e rebuscadas. Esta claro que dita formalidade infantil (inerente, até pouco tempo, à disciplina da educação tradicional anglo-saxão) não se pode comparar com os costumes familiares das raças do Sul e do Oriente, nas quais os mucosos pseudo ciganos correm, gritam e destroem sem que ninguém lhes reprima, nem lhes guie, pois a indolência

de seus pais é a regra a seguir. O resultado de semelhante educação são homens e mulheres de instintos desagregados.

Nas confrarias, as crianças aprendiam, ademais, o humor aristocrático e irônico típico dos espartanos, aprendendo a brincar com elegância e a receber as brincadeiras com bom humor.

Não é estranho de modo algum que um povo como os espartanos, aristocráticos, solene e marcial, outorgasse grande importância ao humor e ao riso – particularmente os espartanos deviam ser mestres do humor negro. Ainda que os helotas se assombrassem perante a seriedade dos espartanos e seguramente os tachassem de reprimidos, esses entre si eram semelhantes, eram irmãos. Por ordem do próprio Licurgo, uma estátua do Deus do Riso decorava uma das confrarias. O riso tem, efetivamente, grande importância. Bem pensada é uma materialização do prazer alegre, da extensão momentânea da vontade. A alegria nobre é um sentimento pagão. Podemos imaginar a alegria, as emoções e as risadas dos Deuses que se ouviam nas competições esportivas, nos concursos e nos torneios de Esparta, pois à hora de jogar e competir, os homens mais solenes e treinados se convertem em crianças. Isso sim era alegria de viver. Aquele sim era ambiente festivo, aquelas sim eram festas: festas em que se rendia culto ao corpo, ao esforço, ao sacrifício, à beleza e à alegria, e nas quais o atleta guerreiro era o centro da atenção em torno da qual tudo girava com admiração, alegria e respeito. A educação, a cortesia e os modos depurados eram enormemente apreciados em Esparta. Por que isso era tão importante? Simplesmente por que quando os membros de um grupo seguem condutas exemplares, o respeito se impõe, e se deseja agir bem para manter a honra e conquistar o respeito dos camaradas. Por outro lado, quando os membros de um grupo se entregam às atitudes deploráveis ou às diversões decadentes, o respeito diminui, e desaparece o prestígio interior do grupo. Para quê ganhar o respeito de indignos por meio do sacrifício, se nem se quer respeitam o espírito da superação? E o resultado é fácil de ver: Se renuncia a atuar exemplarmente. Deixa-se submergir no ambiente degenerado e imita-se o que se vê. Os espartanos intuíram isso, e instauraram um estrito código de conduta e modos solenes em todo momento, para pôr em marcha um círculo virtuoso.

Os instrutores espartanos, de vez em quando, pegavam os helotas e os embebedavam à força, obrigando-os a se vestir de modo ridículo, a levar a cabo danças grotescas e a cantar canções estúpidas (não lhes era permitido recitar poemas, nem entoar canções “de homens livres”). Assim adornados, os apresentavam às crianças como exemplo dos estragos ocasionados pelo álcool, e da pouca conveniência de beber muito, ou de simplesmente beber.

Imaginemos o impacto psicológico que tinha em uma orgulhosa, curtida e dura criança espartana a contemplação de um ser inferior vestido ridiculamente, dançando com torpeza e cantarolando incoerências. Tudo isso servia para que a criança espartana experimentasse uma boa dose de nojo por outras raças, as quais ensinavam a desprezar, com um ensinamento subliminar de “que te fique bem claro: esses não são como nós; são piores, são inferiores”, e ademais lhes era ensinado por que isso era assim. Em Esparta não existia o vício do alcoolismo, e um bêbado teria sido fanaticamente triturado a golpes até virar mingau assim que avistado. Foi o próprio Licurgo quem ordenou arrancar as videiras de Esparta, e em geral o álcool era algo considerado com extrema cautela, desconfiança e controle.

O estilo de vida que levavam as crianças espartanas mataria em menos de um dia a imensa maioria dos adultos do presente. Como eles suportavam? Simplesmente por que haviam sido criados para isso. Desde muito pequenos lhes havia sido ensinado a serem fortes e duros, curtindo-se na Natureza. E os corpos e espíritos infantis aprendem com rapidez e se adaptam facilmente a qualquer situação, desenvolvendo automaticamente e velozmente as qualidades que necessitam para sobreviver. Por outro lado, não lhes era permitido o contato com qualquer coisa que pudesse amolecê-los o mínimo que fosse, e assim cresciam fortes, sadios, puros, orgulhosos, incorruptos e incólumes.

A medida que iam crescendo, a disciplina das crianças se ia tornando mais dura. Aproximava-se a puberdade. Dito trânsito, em uma sociedade tão próxima a suas raízes tribais como a espartana, necessariamente devia ir acompanhada de algum tipo de iniciação ritual, certamente nas irmandades a que pertenciam, pois é na adolescência que os jovens se iniciam em sua própria masculinidade incipiente, e em Esparta eram preparados para que a chegada das forças masculinas não pegasse seus instintos inocentes de surpresa. Assim, durante a marcha, e no dia a dia, iam aprendendo a se converter em homens sem o caótico desajuste fisiológico e mental associado à chegada da adolescência.

Capítulo 8 – A Instrução dos Adolescentes

“A atitude natural do indivíduo por seus semelhantes é a rivalidade. A consciência responde à inimizade do ambiente por meio de um esforço dirigido contra ele. Então se desenvolvem a inteligência e a astúcia, assim como o desejo de aprender, a vontade de trabalhar, de possuir e de dominar.”

(Alexis Carrel, “A incógnita do homem”, Capítulo VI, 10).

“Em meus seminários cresce uma juventude que assombrará o mundo.”
(Heinrich Himmler)

Sabemos com certeza que, às portas da puberdade, havia um ritual brutal de iniciação de tipo físico e psicológico, que era necessário superar para poder continuar com a Instrução: Durante o festival da Deusa Ártemis, seu altar era coberto de apetitosos queijos. Os aspirantes a *efebo* tinham que roubar o maior número de queijos que podiam, porém para isso deviam se esquivar de uma falange de efebos armados com chicotes, e instruídos a utilizá-lo sem escrúpulos em sua tarefa de proteção do altar. Para conseguir seu objetivo, os garotos deviam aprender a se coordenar e a demonstrar espírito de sacrifício e abnegação. Todos recebiam ferimentos espantosos, porém como único meio de defesa dos efebos era o chicote era preciso tão somente aguentar a dor enquanto roubavam os queijos. Às vezes, os garotos mais fracos morriam de dor ou como resultado da ferida.

Em Esparta houve muitas provas desse tipo, cujo objetivo era levar os aspirantes até o limite para endurecê-los, filtrando também os fracos.

Os que, cobertos de sangue, suportavam a “cerimônia” sem gemer, gritar ou chorar de dor eram coroados com coroas de folhas e saudados como heróis por seu povo, aclamados pelos mais velhos, pelas garotas jovens e por seus irmãos pequenos, aos qual o triunfo inspirava. Assim, vitoriosos, passavam a ser *eirenes* ou *irens* (palavras com grande semelhança a *aryan*, ou seja, “ariano”, e que significam efebos, adolescentes).

A partir do momento seguinte ao festival de Ártemis, se operava uma transformação na Instrução dos garotos que haviam superado a prova. Saía dos bandos, recebendo um simples *himation* (manto de lã que se levava como uma capa) cada ano, e proibindo-lhes o *jiton* (a túnica habitual). A disciplina se tornava mais estrita.

Segundo Xenofonte, Licurgo se deu conta de que a partir da adolescência, a vontade própria se enraíza na mente do garoto, assoma em sua conduta uma sutil tendência para a insolência e à desobediência rebelde, e começa a se manifestar o apetite pelo prazer egoísta e individualista. Assim mesmo, a etapa que separa o temeroso e inocente respeito infantil e a prudente experiência do veterano é a delgada linha vermelha da imprudência e da temeridade típica da adolescência e daquele que, após haver aprendido bastante, porém não o suficiente, tende a superestimar-se e a cometer perigosas torpezas. A etapa mais delicada em qualquer aprendizado é quando se crê já saber “o suficiente”.

Para combater esse potencial soberbo, os efebos espartanos deviam caminhar pelas ruas em silêncio estritas, com a cabeça baixa e as mãos escondidas, sem olhar ao redor, mas sim fixando seus olhos no solo, adotando um caminhar de monges, tal e como caminhariam séculos depois os perfeitos maniqueus. Os garotos que de outro modo seriam os mais ruidosos e bagunceiros, eram convertidos assim em solenes, cinzentas e silenciosas silhuetas fantasmagóricas, para as quais o respeito era tudo. Isso, claro está não era permanente, mas provisório: contribuía a reforçar a humildade e a modéstia dos adolescentes espartanos, e a elevar o orgulho daqueles a quem, após concluir sua própria instrução, era permitido já caminhar com a cabeça bem alta e orgulhosa. Ademais ajudava a que, enquanto isso, os cidadãos não se sentissem ofendidos pela presunção dos aspirantes, já que não há nada que ofenda mais a um veterano endurecido que um “novato” soberbo e vaidoso demasiado orgulhoso de suas façanhas.

Porém, por outro lado, aos efebos também era ensinado a ler e a escrever, sendo apresentada a eles música, dança, mitologia e poesia. E, pela primeira vez desde que tinham sete anos, lhes era permitido deixar crescer o cabelo, em cujo cuidado se esmeravam muitíssimo, conseguindo gradualmente madeixas impecáveis, e se orgulhando delas, posto que os cabelos fossem “os adornos mais baratos” e segundo Licurgo, “acrescentam beleza a um rosto belo, e terror a um rosto feio”. O levar os cabelos compridos era um antigo costume helênico – e, seja dito de passagem, ariano – que de certo modo recordava as origens bárbaras da estirpe. Muitos dão aos cabelos compridos, especialmente no caso das mulheres, a importância de signos de fertilidade e de afiladores das capacidades espirituais. Arquetipicamente, é a manifestação da redoma espiritual que brota do cume craniano do praticante consumado de alquimia interior, recobrando todo seu corpo por fora. Sobre a formação do cabelo comprido atuam fatores como a alimentação, a saúde, a exposição ao Sol e

ao ar livre, e o exercício. Por isso o cabelo devia ser algo como um estandarte da individualidade, um sinal de identificação pessoal que denotava saúde e os hábitos do indivíduo.

O que está claro é que para jovens que haviam estado desde os sete anos com a cabeça raspada, deixar crescer o cabelo devia representar psicologicamente um sinal de superação, transmitindo-lhes uma sensação de uma nova fase – mais espiritual menos desamparada e crua, menos brutal e escura. Após a dolorosa etapa infantil na qual se sacrificava o cabelo, haviam conquistado a beleza e a individualidade permitida a seus antepassados perfeitos, e cujo expoente era o crescimento de uma abundante cabeleira. Tanto a raspagem da cabeça como a consecução de cabelos longos era para as espartanas duas etapas arquetípicas de um processo de transformação interna e externa.

A nova matéria mais importante desse período era a música, que estava orientada para os cânticos religiosos, patrióticos e de guerra. As canções e saber cantar em união são algo que ajuda o cultivo unificado do espírito, a reforçar a coesão do inconsciente coletivo. Cada aliança de guerreiros sempre teve suas canções. Em Esparta existiam numerosos corais musicais, e toda criança espartana devia aprender a cantar integrado em um coral. Para dar uma ideia do espírito desses corais, em muitas cerimônias se organizavam três grupos: um de anciãos, um de homens jovens e um de crianças. Quando os anciãos começavam cantando “Antes éramos jovens e valentes e fortes” os homens jovens continuavam “e assim somos nós agora, vinde e comprovai”, e as crianças respondiam depois “porém logo seremos nós os mais fortes”. Uma nação que se preza procura sempre que cada geração seja superior à anterior, a medida que, como em uma matilha de lobos, as gerações jovens, vigorosas e impulsivas vão substituindo os mais velhos nas funções de ação direta e de domínio.

Colocava-se grande ênfase no cultivo da memória, e os jovens espartanos aprendiam de memórias baladas do poeta Tirteu, que tanto lhes havia ajudado na Segunda Guerra Messênia. Como exemplo da poesia de Tirteu, veja-se o seguinte fragmento:

“Avancemos travando muralha de côncavos escudos, marchando em fileiras Panfílios, Hileos e Dimanes (as três tribos dórias originais), e brandindo nas mãos, homicidas, as lanças. De tal modo, confiando-nos aos Eternos Deuses, sem tardança acatemos as ordens dos capitães, e todos ao ponto partamos à rude refrega, alçando-nos firmes contra estes lanceiros. Tremendo há de ser o estrépito em ambos os exércitos ao chocarem entre si os redondos escudos, e ressoarão quando se esbarrem uns sobre os

outros... Pois É BELO MORRER QUANDO SE CAI NA VANGUARDA COMO GUERREIRO VALENTE QUE POR SUA PÁTRIA PELEJA... com coragem lutemos pela Pátria e pelos filhos, e morramos sem poupar agora nossas vidas... Os que se atrevem, em fila cerrada, a lutar corpo a corpo e a avançar na vanguarda, em menor número morrem, e salva a quem os segue. Os que tremem ficam sem nada de honra... Vão todos ao corpo a corpo, com a lança larga ou a espada feri e acabai com o feroz inimigo. Pondo pé junto a pé, apertando escudo contra escudo, penacho contra penacho e capacete contra capacete, aproximai peito a peito e lutai contra o contrário, manejando o punha da espada ou a larga lança... Adiante, filhos dos cidadãos de Esparta, a cidade dos bravos guerreiros! Com a esquerda abraçai vosso escudo e a lança com audácia brandiu, sem preocupar-vos de salvar a vida; que isso não é costume de Esparta. FAZEI DO ESPÍRITO DE VOSSO CORAÇÃO FORTE E VALENTE, E NÃO VOS APAIXONEIS PELA VIDA QUANDO SÃO HOMENS GUERREIROS.”

Os efebos espartanos estudavam assiduamente a Homero, do qual podiam recitar numerosas estrofes. Porém, obviamente, a instrução físico-militar não cessava jamais, e era sempre a matéria principal. Segundo se iam tornando maiores, alguns jovens eram colocados a frente de garotos mais jovens, já agora como paidonomos ou como mastigoforos. O desejo que tem o veterano de fazer o novato sofrer para lograr aperfeiçoá-lo e curti-lo, ensinando-lhe tudo o que aprendeu – e que ocorre em qualquer exército decente –, era aproveitado para espremer as novas gerações e conseguir que superassem as precedentes.

Já vimos que toda instrução espartana estava pensada para cultivar a força de vontade, o poder de decisão, o prazer da responsabilidade, o valor, a coragem, o arrojo, o estoicismo, a marcialidade, a capacidade de liderança, a sobriedade, o autocontrole, o ascetismo, a austeridade, o sacrifício e o sofrimento, a audácia, a dureza física e moral, o sentimento do dever e da honra, a vigor, a sabedoria psicológica, o equilíbrio espiritual, a inteligência rápida, cortante e fria, a educação e o cavalheirismo, a construção do caráter, a solenidade, o respeito, o laconismo, a disciplina férrea, a eficácia, a obediência sagrada e a agressividade. Ampla gama de qualidades importantíssimas e básicas, inexistentes hoje em dia. Porém todas essas qualidades seriam inúteis se não fossem utilizadas para algo, se não tivessem um objetivo e uma meta. Nietzsche disse: “É imperdoável quem, tendo poder, não queria dominar.” Dominar era precisamente a especialidade dos espartanos.

Toda a disciplina, o ascetismo, o autocontrole, a dor terrível, o medo, o perigo, o risco, a rivalidade, a fome, a sede, o sono, o cansaço, o frio, o calor, a incomodidade, a agressividade, a horrível crueldade, o sofrimento, a luta, os golpes, as chicotadas, os insultos, as humilhações, o sangue que a tudo salpicava e impregnava a onipresença constante da morte mais profunda e da vida mais elevada, dando lugar a uma prodigiosa tensão vital, era uma maravilhosa e magnífica expressão de como toda uma linhagem queria ser, furiosamente e a todo custo, o senhor absoluto sobre sua própria vontade coletiva, entronizar-se sobre a Terra e esmagar sem piedade a qualquer inimigo que surgisse. São esses sentimentos ruins? Ou, ao contrário, são os sentimentos mais elevados e admiráveis, os impulsos sagrados que incitam a viver, a lutar, a destruir, a criar, a renovar e a plasmar-se em alguma memória eterna?

Eram qualidades e sentimentos que a “Arianidade” perdeu e que deverá recuperar. E o fará graças a novos tempos turbulentos que estimularão o lado mais sombrio de nossa Raça, pois esse é o lado onde tudo começa, é a raiz da árvore. Os SS, para não esquecer esse aspecto, luziam a caveira ou a “cabeça da morte”, a conhecida *Totenkopf*. Ela lhes recordava que o ser nobres, cavaleirescos, corretos e amáveis não está separado de serem agressivos, sombrios, impiedosos e fanáticos.

Tudo isso é grandioso por si mesmo, agora bem, qual era o resultado de tais qualidades e esses sentimentos? Qual era o resultado de semelhante educação? Qual era o resultado da Disciplina da Grande Dor? O resultado era um tipo de homem superior. Com uma mente fria e insensível à dor, ao sofrimento e à incomodidade, e acostumada a pensar com rapidez em momentos de grande perigo e estresse. Um soldado perfeitamente instruído em todas as artes da guerra e acostumado a lutar para conseguir seus objetivos, um homem marcial criado e treinado para dominar. Um homem intrépido e temível que, ao desprezar sua própria vida em nome de seu povo, desprezava a alheia, pelo quê era duro e impiedoso. Um homem estoico e robusto que desprezava também todas as miudezas materiais da vida humana e cuja única dedicação eram seus irmãos no combate, sua lealdade à Pátria, sua devoção a sua família e os desejos de divindade de sua estirpe. Um homem acostumado à vida ao ar livre, com o qual forjava um vínculo inquebrantável com sua terra, a qual considerava uma herança sagrada, uma responsabilidade. Um ginasta com uma forma física impressionante, um verdadeiro atleta. Um guerreiro acostumado a ganhar as coisas por seus próprios meios. Nada do que se fizesse poderia derrubá-lo, era capaz de aguentar as dores mais terríveis e as tragédias espirituais mais profundas com a mesma solene impassibilidade com a qual aceitava

as alegrias e os triunfos. Após ter demonstrado ser capaz de obedecer, ganhou o direito de mandar e de ser autoritário com seus inferiores.

Pensemos em como as crianças espartanas sofriam a dor, o medo, o estresse e o cansaço. Que passava quando deixavam de serem crianças? Em que se convertiam ao crescer e se tornar homens? Que aspecto devia ter o corpo de um espartano adulto? Só podemos imaginá-lo, porém ao seu lado, os jovens atletas das esculturas atenienses pareceriam inofensivos anjos. O corpo do espartano se distinguiria imediatamente por ser muito espigado, esbelto e de pele escura, não por raça, mas sim por haver estado sempre exposta ao Sol, ao ar, à umidade, à sequeidão, à água doce e salgada, à vegetação, às picadas dos insetos, ao pó, a terra, à rocha, à neve, à chuva, ao granizo, e em definitivo, a todo tipo de intempéries. Isso fazia com que a pele do espartano fosse tão calosa e dura como a madeira. Em segundo lugar, chamaria a atenção o relevo do seu corpo. O tipo de treinamento físico que levavam favorecia o desenvolvimento muscular, a concentração de massa, a dureza, a resistência e a “purga” de toda gordura e impureza. Assim, o espartano estaria fibroso e avultado ao mesmo tempo, e tinha um aspecto magro, afilado e vascular; a gordura e a suavidade brilhariam por sua ausência; os vasos sanguíneos, os ligamentos, as fibras, os músculos, os nervos e os tendões se destacariam mais que grotescamente e, em definitivo, tudo aparentaria ser uma áspera, retorcida, tensa e compacta massa de raízes, ramos, cabos, tubos, cortes, marcas e pedras com cor de madeira. (Talvez pudessem imaginar, para comparar, os pesos médios do fisiculturismo quando perderam gordura e líquidos antes de uma competição.) Ademais nós podemos figurar que seu corpo estaria inteiramente coberto de muitas cicatrizes. As marcas das chicotadas seriam notáveis em muitas zonas da pele, porém especialmente nas costas. Cada espartano devia ser um mapa diferenciado com variados tipos de sinais de violência. A muitos faltariam dentes, teriam o nariz torto e cicatrizes no crânio e na face como legado dos combates corpo a corpo e dos jogos brutais de bola. A estatura do espartano, pelo que diziam seus contemporâneos (recordemos a Xenofonte, apesar de ter vivido em uma etapa já decadente para Esparta), devia ser alta se temos em conta a desnutrição crônica a que eram submetidos durante a infância e a puberdade. Em Tebas se descobriram esqueletos pertencentes à guarnição espartana, segundo os quais 1,80 deveria ser uma estatura normal entre eles. O cabelo espartano era uma madeixa comprida e, se damos crédito às referências históricas, comumente loiras. Os espartanos deixavam crescer a barba e se esmeravam em seu cuidado, pois para eles a barba era símbolo do homem livre e consumado que escolhe sua vida. Seus rostos escuros deviam apresentar um aspecto duro e uma expressão firme e cruel, na qual

ressaltariam com intensidade os olhos azuis legados por seus antepassados dórios.

Os animais são admiráveis por sua dureza, por seu instinto, sua resistência à dor, à fome, às intempéries, e por sua ferocidade. Os espartanos, graças à energia que só dá a experiência, a motivação e o treinamento fanático e metódico, eram capazes de superá-los. Mediante o autossacrifício e o risco que supõe o atirar-se cegamente ao desconhecido e ao extremo, eles souberam dar resposta à pergunta de onde estão os limites do homem do quê é capaz o homem quando uma vontade sobrenatural habita em seu interior e lança firmes raízes em todo seu ser.

Tudo isso formava uma combinação aterradora ou, quando menos, inspiradora de um profundo respeito. O espartano, desde cedo, não era nenhum anjinho santarrão que reprimia seus instintos primários, mas sim um deus dualista que os cultivava com zelo.

O resultado da Instrução, enfim, era o tipo do homem superior, do impassível, imperturbável, autoritário e incorruptível, do corpo duro e blindado, sem rastro de compaixão ou ternura de nenhum tipo. O espartano era o ariano elevado ao quadrado, ou talvez simplesmente o ariano quase completo, a um passo da transmutação coletiva em comunhão com seus irmãos.

Não podemos nem imaginar como eram os arianos dos tempos antigos, por sua ferocidade, vontade e dureza. Pois bem, dentre todos esses arianos de todos os tempos, o espartano foi o mais duro e realizado, o mais perfeito e o mais forte. Hoje em dia sobre a Terra não existe nada que se pareça ao espartano. Os legionários de Roma, as ordens de Cavalaria (das quais os templários foram expressão suprema) e as SS conseguiram se aproximar, sempre sob a marca inconfundível do Militarismo. Se algum dia voltasse a surgir um homem semelhante – e surgirá -, será considerado um semideus. Porém a Sub-humanidade sentira tamanho terror frente a ele que o chamará Anticristo, pois ele parecerá uma besta impiedosa, sombria, metálica e desalmada.

A Instrução dos espartanos era brutal, porém de um modo ou de outro, os instrutores sempre intuíram inconscientemente que essa era a melhor maneira de formar bons guerreiros. Em escala muito menor, os exércitos modernos também empregam a brutalidade com o recruta: os insultos, os gritos, as ofensas, as humilhações, os golpes e os trotes (iniciações modernas, quando conservam o sentido) servem para que o novato se envergonhe de sua anterior personalidade, descartando-a, esquecendo e

trocando por uma personalidade que é, junto com a de seus camaradas, uma peça a mais do quebra-cabeça que será sua unidade. Mas ainda, muitas vezes não são chamados por sobrenomes, mas sim por apelidos (“nomes de guerra”) ou por números. Os exercícios extenuantes, a incomodidade, o mal-estar, o sofrimento, o medo, o estresse, a repugnância, etc., servem para fazer sofrer o recruta e assim propiciar sua humildade e seu respeito perante o que o supera. Só quando o aspirante se entregou com em sacrifício, tocando fundo voluntariamente em seu sofrimento esforçado, pode voltar a começar do zero de uma maneira nova, com uma personalidade transformada, depurada de suas imperfeições e temperada no fogo e nas marteladas de um ideal firme, fanático, sublime e sagrado. Os SS foram os últimos grandes adeptos desse sistema, que foi herdado muito mediocrementemente pelas modernas unidades de elite.

E tratemos um último aspecto. Os castigos públicos, as provas extremamente difíceis, a vitória de cada bando, os bons resultados esportivos, etc., contribuíam a reforçar o prestígio da Comunidade Espartana. Por que uma comunidade não só tem prestígio, mas sim que seus membros sentem tal prestígio interno. Essa moral, esse *esprit de corps*, aumentava o orgulho de pertencer a tal comunidade. Os sacrifícios a que se submetiam os membros de Esparta faziam com que todos sentissem orgulho e honra em sua contemplação. Cada vez que uma criança aguentava sem se alterar uma sessão de chicotadas, cada vez que outro batia uma marca esportiva, cada vez que, com a cara destrozada e as mãos ensanguentadas, o guerreiro vitorioso triunfava sobre si mesmo e sobre a probabilidade, a vontade de cada membro da comunidade se persuadia: “Tais atos demonstram a grandeza de nossa comunidade. Orgulho-me de estar junto com estes homens e seguirei aperfeiçoando-me para estar a sua altura.” E o orgulho e o elitismo se inflamavam como com o fogo. Quando se chamavam “iguais” entre eles, se sentiam mutuamente orgulhosos. E quando um débil caía de cansado durante uma marcha, quando outro era castigado por gemer em uma briga ou sob os açoites, quando outro desmaiava de dor, quando outro não voltava já do bosque ou do monte, quando outro falecia em uma corrida ou de fome, a mesma vontade de ação dizia: “Tais atos demonstram que não é qualquer um que tem a honra de pertencer a nossa comunidade, mas sim que há que conquistar esse direito. Eu quero conquistar essa honra e estou em bom caminho. E quero que os fracos se rendam, abandonem ou sejam suprimidos de nossa comunidade pelo bem da mesma e por minha própria vaidade.” Quer dizer, descartava-se aqueles que pudessem sujar a honra da palavra “iguais”, e tal eliminação era um sacrifício que mantinha viva a chama do orgulho elitista. Tal grupo é para a coletividade amorfa o que a matilha é para o rebanho.

Capítulo 9 – A Vida dos Espartanos Adultos

“Procriar, sangrar, liderar”.

(Divisa da aristocracia imperial inglesa)

“Os homens jovens, belos e robustos, estão destinados pela Natureza a propagar a espécie humana, a fim de que essa não degenerere”.

(Schopenhauer, “O amor, as mulheres, e a morte”, As Mulheres).

Aos 20 anos, após 13 anos de treinamento atroz que deixavam seus corpos curtidos para o resto da vida, a pele cheia de marcas e cicatrizes, e as costas cruzadas por chicotadas, os jovens espartanos alcançavam o ponto crítico de suas vidas. No caso de não terem passado satisfatoriamente a última fase da Instrução, eram tornados periecos. Aos demais lhes aguardava uma solene cerimônia na quais diversas comunidades militares chamadas *syssitias*, *fidíCIAS* ou *sistias* (que poderíamos definir como comidas comunitárias, confrarias ou clubes do Exército), formavam para recrutar os membros da nova promoção. As *sistias* tinham de 15 a 20 membros. Havia algumas com mais prestígio que outras, e estas tentavam manter bem alta sua fama recrutando a elite da nova “promoção”. Para avaliar um candidato se tinha em conta sua reputação, sua dureza, sua destreza com as armas, seu valor, sua audácia, sua presença e beleza, sua forma física e sua inteligência.

O candidato se apresentava na mesa da *sistia* à qual aspirava pertencer. Os membros da *sistia* depositavam então pequenos pedaços de pão em uma urna. O conteúdo da urna se inspecionava posteriormente, e se um único dos pedaços tivesse sido apertado, deliberadamente achatado por um dos integrantes da *sistia*, o candidato era rechaçado. Muitas vezes ocorria que os melhores jovens, os mais promissores e famosos, eram disputados por várias *sistias* prestigiadas, enquanto os menos notáveis normalmente eram incorporados às menos exigentes. Em todo caso, era raro que a um jovem fosse negada a entrada a qualquer *sistia*. Porém no caso improvável de ser rechaçado por todas elas, o jovem em questão se convertia em um marginal que devia comer sozinho, pois ser rechaçado até pelas *sistias* mais medíocres implicava necessariamente que o candidato era indesejável para seus camaradas. Só lhe restava à opção de limpar sua honra por meio de feitos valorosos, ou ao cair em combate.

Entrar em uma *sistia* significava que o membro passava a ser aceito por seus iguais como um espartano com todas as obrigações, ainda que não chegasse a adquirir os plenos direitos até os 30 anos. Quer dizer, que após

13 anos de instrução e após entrar para o Exército, havia ainda 10 anos de “provação” que coincidiam com a etapa de maior florescimento biológico.

Observemos que o critério de maioridade aos 20 anos, assim como alguns outros assuntos tais como a pureza em assuntos de sexo, era compartilhado pelos alemães. Júlio César disse sobre eles:

“Desde a infância se inclinam para o endurecimento por meio dos exercícios. O que por mais tempo se abstém de relações sexuais colhe o maior apreço, já que pensam que isso aumenta a estatura física e moral. Ter tido relações com uma mulher antes dos vinte anos é para eles um dos delitos mais infamantes. Sem dúvida, não existe neles hipocrisia alguma nos assuntos corpóreos, dado que homens e mulheres se banham juntos e nus nos rios e se vestem de tal maneira que grande parte do corpo permanece nua.”

(Guerras Gálicas)

O dito aqui é exatamente válido também para os espartanos que, como arianos de tradição, bebiam das mesmas fontes que os germanos. Desde mui tenra idade, havia sofrimento, estímulos, glória e camaradagem para abrir o caminho à hombridade quando esta chegasse, seguindo a moral do *aidós* (“pudor”, “decência”). E ainda quando havia chegado à abstinência sexual se mantinha até que o jovem estivesse espiritualmente em condições de tomar as rédeas de deus instintos. A finalidade de todas aquelas fases preparatórias era acumular energia e cultivar testosterona para completar sem interferências a alquimia biológica que tem lugar no corpo masculino durante essa etapa.

Em cada sistia se requeria que o membro colaborasse com comida, em forma de cevada, vinho, queijo, farinha, figos, marmelos e outras frutas. A carne era um luxo que se consumia somente em ocasiões especiais e em escassa quantidade. Se o membro falhava reiteradamente em prover as rações, era expulso da sistia e degradado a perieco. Era fácil obter as rações: provinha da parcela de terra (*kleroi* ou *klaros*) que se assinava a cada soldado, parcela de terra que não via quase nunca, que era trabalhada pelos helotas e administrada por sua esposa. Em todo o Estado de Esparta havia umas 10.000 parcelas, das quais ao redor de 6.000 estavam nos territórios conquistados a Messênia.

Aos 20 anos, portanto, e após ter entrado nessas sistias militares, os jovens se incorporavam como soldados na gloriosa Falange Espartana. Formariam parte dela, se sobreviviam até os 60 anos, ascendendo gradualmente na escala de comando, por méritos e por experiência. Passariam a maior parte

de suas vidas dedicada ao Exército, se bem sua época operativa seria de 10 anos – entre os 20 e os 30 -, pois a partir dos 30 lhes era permitido ir viver na casa com suas mulheres, e começavam o desempenho de tarefas públicas ao tornarem-se cidadãos e entrar na Assembleia.

Até então, viviam em barracões militares e todas as suas refeições eram feitas junto a seus companheiros de sistia. Quando tinham tempo livre, observavam como iam as instruções das novas gerações e tentava ensinar-lhes coisas úteis, incitar-lhes às lutas para descobrir as capacidades de cada criança e talvez inclusive aprender algo deles de vez em quando. Outras vezes se entregavam à companhia dos mais velhos para aprender deles algo útil, ou para escutar suas histórias e suas reflexões.

As sistias eram instituições importantíssimas em Esparta, pois quando os homens não estavam guerreando, estavam treinando para guerrear melhor. E quando não, socializavam com seus camaradas nesses “clubes”. Só em quarto lugar vinham as relações familiares. As sistias eram presididas por uma estátua do Deus do Riso, introduzida pelo próprio Licurgo. Ali desabrochavam seu humor e suas conversas afiadas. Nelas se misturavam homens de todas as idades e condições; era impossível, pois, a aparição da “brecha de geração”, posto que todas as gerações compartilhassem suas experiências e suas inquietudes. Não havia distinções de riqueza; unicamente o valor em si, junto com a experiência, era tido em conta na hora de avaliar um homem e respeitá-lo. Unia-lhes o fato de terem superado a Instrução, de terem se submetido a privações similares, e o fato de serem varões espartanos. Unia-lhes o orgulho de formarem a Falange junto com homens que haviam demonstrado de sobra sua dureza, sua bravura e sua retidão. Isso era o que os convertia em irmãos.

Era de imensa importância que cada espartano contraísse matrimônio e tivesse muitos filhos, e de fato se impunham multas e castigos por matrimônio tardio; inclusive havia um imposto para solteiros. Enquanto ao celibato, era um crime evidente em Esparta, e nem se concebia. Houve ocasiões nas quais grupos de garotas espartanas fanáticas perambulavam dando surras em varões solteiros que tivessem certa idade. Outros testemunhos narram como no Inverno os solteiros, solteiras e casais sem filhos eram desnudados e obrigados a marchar pelo centro da cidade cantando uma canção sobre a justiça de sua humilhação, já que haviam faltado com as leis. Ser solteiro a certa idade – ao redor dos 25 – era um opróbrio comparável à covardia em combate, já que a feminilidade espartana era completamente sadia, pura e treinada para constituir esposas exemplares e mães orgulhosas. Eram mulheres que estavam perfeitamente à altura de um espartano. Sob o ponto de vista natural que regia em

Esparta, era um delito que existindo jovens arianas perfeitamente sãs, um jovem privasse a Raça de uma descendência que esta reclamava como direito.

Plutarco conta outra anedota reveladora. Um famoso e respeitado general espartano chamado Dercílicas entrou em uma reunião e um dos jovens espartanos se negou a ceder-lhe seu assento como era cabível, “por que tu não deixaste um filho que o ceda a mim.” O jovem não foi repreendido nem castigado, por que tinha razão.

Favorecia-se a alta natalidade mediante incentivos e prêmios às famílias numerosas, ademais da liberação de pagamentos comunitários a aqueles que tinham mais de quatro filhos sadios (comparar com as SS). Isso, junto com a obrigação prática de contrair matrimônio, tinha como objetivo o favorecer a multiplicação da estirpe espartana. Assimilemos, em todo caso, que o crescimento da população espartana não devia ser tão elevado como muitos imaginam, por que ainda que se tivessem abundantes filhos, muitos morriam na seleção eugênica e na criação infantil, e outros durante a mortal Instrução.

A filosofia espartana em respeito ao supérfluo era: “se não é imprescindível, é um estorvo.” Tudo o que não era necessário para a sobrevivência era desterrado com desprezo. As joias, os adornos, os desenhos extravagantes, as cores berrantes e demais obstáculos e distrações, foram extirpados de Esparta. O luxo e a decoração eram inexistentes.

Aos espartanos era estritamente proibido comercializar com ouro ou prata, e até mesmo sua posse era duramente castigada, assim como sua utilização em forma de adornos ou joias. O próprio Estado Espartano se negou a fabricar moedas de qualquer tipo. Como ferramenta de intercâmbio de bens (ou seja, como dinheiro), utilizavam barras de ferro, pois eram tão grandes, feias e pesadas que poucos for querer açambarca-las, acumula-las, escondê-las ou possuí-las (eu acrescentaria também contá-las, acaricia-las e observá-las com excitação como faziam os sediciosos com as belas moedas de ouro), e ademais, as barras não eram aceitas fora de Esparta.

Plutarco disse a propósito da “moeda” de Esparta, que “nem se podiam comprar com ela objetos estrangeiros de qualquer preço, nem entrava nos portos navio de comércio, nem se aproximava da Lacônia sofista tagarela, ou lisonjeiro, ou traficante de mulheres, ou artífice de ouro e prata”.

Em resumo, não era fácil trapacear com esse dinheiro, nem traficar, subornar, roubar, contrabandear ou entrar em tratos com estrangeiros, nem podiam aparecer vícios como o jogo ou a prostituição. O sedicioso era posto em evidência, já que necessitava de uma granja inteira para guardar sua fortuna. E para evitar que alguém cortasse as barras para maneja-las e escondê-las, os fabricantes dessas – quando estavam em vermelho vivo – as submergia no vinagre, o que fazia com que perdessem a ductilidade e não pudessem ser trabalhadas nem moldadas.

Não resisto em assinalar que a utilização de ferro como ferramenta de intercâmbio de bens em Esparta é arquetípica e simbólica. Enquanto os demais Estados se abstraíam com o ouro, Esparta adotava o rude ferro. Enquanto outros Estados, mais suaves, tentavam recriar a Idade de Ouro em sua patética, passiva e nostálgica narcose, Esparta se adaptava aos duros tempos da Idade do Ferro e se preparava para um final glorioso. Isso é um grande exemplo para nós, e nos ensinar que a esse mundo não se vêm para recrear-se em contemplações, mas sim para combater em uma luta dura e esforçada. Esparta, realmente, foi uma autêntica filha da Idade do Ferro, uma joia entre fermentos de decomposição e luzes outonais do entardecer. Era em Esparta onde se havia conseguido a compreensão de um tipo de sabedoria superior – não a sabedoria áurea, já evoluída e senil, mas sim a nova sabedoria do ferro, purificada e elevada. Esparta foi à única capaz de dizer ao mundo e ao tempo: “Que assim seja!”. Esparta foi à única que soube reconhecer “estamos em guerra permanente”, e escolheu fazer viverem seus homens em estado de luta perpétua. O resultado foi um povo brutal e autoritário – perfeitamente adaptado, pois, à Idade do Ferro.

Graças a todas as medidas de sobriedade, simplicidade e austeridade, Esparta se livrou de cosmopolitas, falsos adivinhos, joalheiros, mercadores, farsantes, traficantes e demais escória mediterrâneo-etrusca/semítico-fenícia, que se negavam a passar por um Estado onde o dinheiro praticamente não existia, e o pouco que existia era uma carga indesejável para seu dono, e seus habitantes eram todos soldados orgulhosos, puros, racistas e incorruptíveis.

Plutarco disse que para os espartanos “o dinheiro carecia por completo de interesse ou apreço.” Tanto o desprezo dos prazeres materiais passageiros como do dinheiro em si nos assinala uma sociedade ariana ascética, anti-materialista e anti-hedonista. Nietzsche repetia, como outros mestres arianos: “Quem possui pouco não corre o perigo de que possuam a ele. Louvada seja essa pobreza simples!”.

Aos espartanos era ensinado que a própria civilização, com seus luxos, suas comodidades, suas riquezas, sua moleza, sua concupiscência e complacência, eram um fator de dissolução, algo certificado inúmeras vezes por Schopenhauer e também por Nietzsche, que admirava o mundo ascendente e não contaminado dos bárbaros, dos quais os espartanos eram a expressão máxima, mais depura e aperfeiçoada. E qual era a expressão do máximo vício e luxo alcançado por uma civilização outrora admirável, porém logo decadente? Babilônia. E Babilônia teve uma influência decisiva em toda Ásia Menor, nos jônios (e, portanto em Atenas), nos persas, nos fenícios e nos judeus.

Porém Esparta não se deixava contaminar por essa perigosa escória oriental, primeiramente por que já contava com a abundante mão de obra dos helotas e ademais por que por razões raciais não permitia a imigração nem o tráfico de escravos. Esparta via a si mesma como depositária dos costumes ancestrais helênicos em geral, e dórios em particular, e assim viam também os demais povos da Hélade – salvo Atenas.

A partir dos 25 anos era permitido aos espartanos que comessem com suas mulheres ocasionalmente.

A partir dos 30 anos (idade a partir da qual decai no corpo o hormônio do crescimento), a disciplina do espartano se relaxava, especialmente nos aspectos mais “comunais”. Abandonava, pois, os barracões militares e ia viver em sua casa com sua mulher e seus filhos (ainda que a essas alturas provavelmente alguns de seus filhos varões estariam já sobre tutela estatal e sofrendo a infernal Instrução). A essa idade de 30, os espartanos se integravam na Assembleia, um organismo popular (ainda que lembremos que esse povo era em si mesmo uma aristocracia) que veremos mais adiante, desempenhando alguma tarefa de responsabilidade estatal que lhes fosse dada, como comandos no Exército, amostras entre os periecos, emissários de Esparta em outros Estados, etc. Passavam, pois, a serem cidadãos com todos os direitos e com todos os deveres.

A partir dos 60 anos, se chegava a essa idade, caso se oferecesse, e se tinha a honra de ser selecionado, o espartano passava a formar parte do Senado. Ser senador era vitalício. A “ancianidade” espartana gozava de um respeito incomensurável por parte de seus compatriotas, que veneravam incondicionalmente a seus mais velhos como depositários de sabedoria e experiência, e como nexos que une o passado com o presente, assim com a juventude é o vínculo que une o presente com o futuro. Os espartanos veneravam os mais velhos até mesmo quando não eram espartanos. Como exemplo disso, temos uma anedota que sucedeu no teatro de Atenas

enquanto uns embaixadores espartanos se encontravam lá dentro: Entrou no teatro um ancião e nenhum ateniense se levantou para ceder-lhe assento, fingindo-se de distraídos. Ainda assim, quando chegou perto do posto de honra dos embaixadores espartanos, todos eles se levantaram em uníssono para ceder-lhe o lugar. Então, o público ateniense aplaudiu o nobre gesto. Um dos espartanos comentou que “todos os gregos conhecem os bons costumes, porém só os espartanos se comportam de acordo com eles.”

Capítulo 10 – As Espartanas e o Matrimônio

“Assim é como quero que sejam o homem e a mulher: um capaz de guerrear; a outra, capaz de dar a luz...”

(Nietzsche, “Assim Falou Zaratustra”, Terceira Parte, As Velhas e Novas Tábuas, 24).

“O que eu quero é que sejam tua vitória e tua liberdade as que desejem um filho, já que a elas hás de erigir monumentos vivos. Deves edificar por cima de ti, porém antes hás de ser tu um edifício bem construído em corpo e alma. Reproduzir-te há de ser um criar algo que seja superior a ti. Para isso há de te ajudar o matrimônio. [...] Essa vontade que te impulsiona ao matrimônio, é essa sede de criador, é essa flecha e esse desejo que apontam ao super-homem, meu irmão? Sim? Em tal caso considero que essa vontade e esse matrimônio são algo santo.”

(Nietzsche, “Assim Falou Zaratustra”, Primeira Parte, Os filhos e o matrimônio).

Até aqui se examinou com detalhes o homem espartano, porém agora é momento de nos perguntarmos pela mulher espartana e dirigir a ela nossa atenção. As espartanas foram a mais nítida representação da mulher ariana de honra na Idade de Ferro, criadas sob um sistema aperfeiçoado que punha para reluzir suas mais nobres virtudes.

É um paradoxo o fato de que, sob um perfeito patriarcado, as mulheres gozassem de amplas liberdades? É sem sentido que, em um estado militarista onde as mulheres não deviam ter papel, tivessem as mulheres mais direitas que em qualquer outro Estado grego? Alfred Rosenberg disse:

“Esparta oferecia o exemplo de um Estado bem disciplinado, e estava carente de qualquer influência feminina. Os reis e os éforos formavam o poder absoluto, a essência do qual era a manutenção e a expansão desse poder mediante o incremento do estrato superior dório com seu aspecto disciplinado.”

(“O Mito do Século XX”, Livro Três, Capítulo II.).

Os arianos são uma raça totalmente patriarcal, cuja palavra mais representativa é “Pátria”, proveniente do latim *pater* (padre) – a palavra representativa de *mater* (mãe) é “matéria”. Esparta mesmo era viril e patriarcal até a medula, porém como veremos os espartanos não eram de modo algum injustos ou opressores com suas mulheres, ao invés estas gozavam de uma liberdade impossível em sociedades matriarcais, onde

tudo se centra no materialismo e o desfrute de gozos terrenos passageiros, e a mulher passa a ser uma cortesã, um objeto passivo de desfrute e de culto distorcido, cuja idealização está plasmada nas conhecidas “Vênus” dos promíscuos povos matriarcais – figuras de mulheres horivelmente obesas e que representavam a beleza e a fertilidade para estes escravos deprimidos espiritual e fisiologicamente.

Esparta, um estado tão duro e tão viril, era o mais justo da Hélade em tudo o que concernia as suas mulheres, e não precisamente por que fossem aduladas e malcriadas como em nossos tempos. Esparta foi o único Estado helênico que instituiu uma política de educação feminina à margem dos conhecimentos do lar e das crianças que toda mulher devia possuir. Foi por isso mesmo o Estado com maior índice de alfabetização de toda Hélade, pois às meninas espartanas lhes era ensinado a ler assim como a seus irmãos, diferentemente do resto da Grécia, onde as mulheres eram analfabetas.

Na própria Esparta havia mais mulheres do que homens, por que sua eugenia não era tão severa, por que não passavam pela horrível experiência da Instrução, por que não caíam em combate e por que os homens não raro estavam realizando manobras militares ou em campanha. Os espartanos que pensavam em seu lar deviam, pois, sempre pensar em termos de mãe, irmãs, esposa e filhas: a Pátria, o ideal sagrado, tinha um caráter feminino. Proteger a Pátria equivalia a proteger suas mulheres. Os homens não se protegiam a si mesmos: eles eram a couraça distante que defendia o coração, o núcleo sagrado, e se imolavam em honra desse coração. As mulheres representavam o círculo interior, enquanto que os homens representavam a muralha externa protetora.

As meninas espartanas recebiam comida na mesma quantidade e qualidade que seus irmãos, o que não sucedia nos Estados democratas da Grécia, onde os melhores alimentos eram para os varões. Eram colocadas sob um sistema educativo similar ao dos homens e que favorecia as aptidões de força, saúde, agilidade e dureza, sendo educadas em classes e ao ar livre, porém eram treinadas por mulheres, e não lhes era inculcado esse cego fanatismo de superação, sacrifício e vontade, esse sentimento de ser uma sonda lançada no abismo – sentimento que, no caso dos espartanos, roçava o afã de autodestruição. No caso das meninas, a ênfase era mais colocada no domínio de suas emoções, no controle dos sentimentos e no cultivo do instinto materno. Favorecia-se, ao invés, que as jovens treinassem esportivamente com os jovens, pois se pretendia que os varões as animassem a se superar nos esforços físicos.

A dureza, a severidade e a disciplina da educação feminina eram, em todo caso, muito inferiores às da Instrução dos varões, e se insistia muito menos no domínio do sofrimento e da dor, assim como na agressividade. As meninas espartanas não eram castigadas com a mesma crueldade com a que se castigavam os meninos, nem eram arrancadas de seus lares quando completavam os sete anos. Após vermos a proeza quase sobrenatural que supunha a superação da instrução masculina, a educação das meninas, apesar de ser exemplar, não impressiona. A que se deve tudo isso, à parte do fato de que os homens militavam todos no Exército e precisavam, portanto de maior autocontrole e disciplina?

Simplesmente, o varão é uma bomba-relógio. Em seu interior fermentam e arde todo tipo de energias, forças e essências que, caso não sejam canalizadas, resultam negativas quando se vertem para força, pois essas forças procedem do lado escuro e sua primeira inclinação é o caos e a destruição. A agressividade do homem, seu instinto de matar, sua tendência a possuir, dominar e submeter, seu grande impulso sexual, sua maior força, bravura, potência, vontade, dureza e resistência, faz com que os homens tenham que ser submetidos a uma disciplina especial que cultive e canalize essas energias, especialmente quando se trata de homens jovens e sadios de instintos naturais poderosos, sobre pena de que seus espíritos sofram um enorme perigo. O ascetismo em si (como o sacrifício) é algo muito mais próprio do homem que da mulher. De fato, a mulher ariana jamais esteve submetida a sistemas disciplinares tão severos como os dos antigos exércitos. Era considerada pelos homens de antanho como uma criatura mais “mágica”, pois não lhe estorvavam os rugidos da besta interior. Por todas essas razões, era justo que a educação masculina fosse mais severa e rigorosa que a feminina, pois é assim que se treina a besta. “Melhor é educar aos homens”, pôs Nietzsche nas palavras de um sábio ao qual sugeriram impor disciplinar as mulheres.

As forças masculinas, pois, só resultam negativas quando não são canalizadas nem conduzidas, e quando o são, conquistam proezas divinas, impossíveis para quem não é homem.

O principal na formação feminina era a educação física e a “socialista”, que consagrava suas vidas a sua Pátria – como os homens, só que em seu caso o dever não era derramar seu sangue no campo de batalha, mas sim manter vivo o lar, proporcionar uma progênie sadia e forte a sua estirpe, e criá-la com sabedoria e esmero. Iluminar, dar a luz, esse é o fruto do instinto feminino que renova a Raça; essa era a missão que era ensinada às meninas de Esparta.

As espartanas corriam, lutavam boxe, e faziam luta livre, ademais do lançamento de dardo e de disco, natação, ginástica e dança. Ainda que sim, participassem nos torneios desportivos espartanos, estavam proibidas de fazer nos Jogos Olímpicos por culpa do rechaço dos demais povos helênicos, infectados pela mentalidade pré-ariana segundo a qual uma “senhorita” deve se colocar entre quatro paredes até se converter em uma dessas mencionadas “Vênus” obesas, adoradas pelos antigos povos matriarcais como modelo de beleza feminina. Vemos que, enquanto as esculturas gregas representam bem o ideal de beleza masculina (pense-se no “discóbolo” de Mirón), não se aproximam minimamente ao ideal de beleza feminina: todas as estátuas femininas representam a mulheres amorfas, pouco sadias, pouco naturais e nada atléticas, ainda que de traços faciais perfeitos. Se os espartanos nos tivessem legado esculturas de mulheres, teriam representado muito melhor seu ideal de beleza, pois eles, à diferença dos demais helenos, sim possuíam um ideal feminino claramente definido, e sabiam claramente como tinha que ser uma mulher para eles.

Muitos povos arianos, ao entrar em contato com o lixo matriarcal, adotaram exageradamente um patriarcado mal assimilado que pretendia prevenir que a sociedade tradicional-patriarcal degenerasse em decadente-matriarcal, e cujo signo distintivo era o desprezo pela mulher e a anulação do seu caráter. Isso ocorreu em outros Estados helênicos e também posteriormente em Roma, porém a Esparta não lhe fez falta reagir assim.

Enquanto à austeridade feminina, era também pronunciada (ainda que nem tanto como a praticada pelos homens), especialmente se a compararmos com a conduta das demais gregas, já aficionadas às cores, à superficialidade, às decorações, aos objetos, e já com esse indício de “consumismo” tipicamente feminino. As espartanas nem ao menos conheciam os extravagantes tecidos procedentes do Oriente, e deviam portar, como símbolo de sua disciplina, o cabelo amarrado com simplicidade – sem dúvida era também o mais prático para uma vida de intensa atividade desportiva. Assim mesmo, todo tipo de maquiagens, adornos, joias e perfumes eram desconhecidos e desnecessários para as mulheres de Esparta, que desprezavam com altivez toda essa repugnante parafernália meridional. Sêneca disse que “a virtude não precisa de adornos; ela tem em si mesmo seu máximo ornato.” As espartanas deviam pensar assim.

Um dos objetivos de criar mulheres sãs e ágeis era que os bebês espartanos, crescendo no seio de corpos sólidos, nascessem promissores. Segundo Plutarco, Licurgo “exercitou os corpos das donzelas em correr, lutar,

arremessar o disco e atirar com o arco, para que a geração dos filhos, tomando princípio em corpos robustos, brotasse com mais força; e levando elas os partos com vigor, estivessem dispostos para aguentar alegre e facilmente as dores.”.

As espartanas eram preparadas, desde pequenas, para o parto e para a etapa na qual seriam mães, ensinando-lhes a maneira correta de educar um pequeno para que chegasse a ser um verdadeiro espartano. Durante essa aprendizagem, as espartanas muitas vezes atuavam como babás e assim adquiriam experiência para quando elas recebessem a iniciação da maternidade. Contraíam matrimônio a partir dos 20 anos, e não se casavam com homens que as superassem muito em idade (como sim sucedia no resto da Grécia), mas sim com homens de sua idade ou 5 anos mais velhos, ou mais novos, que elas no máximo, já que a diferença de idades nos membros de um matrimônio estava muito mal vista – pois sabotava a duração da etapa fértil da parelha. Não se permitia nem por suposição a aberração de casar meninas de 15 anos com homens de 30, aberração que, repetimos, sim se deu em outros Estados helênicos, onde os pais chegavam a forçar uniões cuja diferença de idade era de uma geração. (O próprio Platão, ainda que mais moderado, incorreu em um equívoco quando predicou que a flor da vida era aos 30 anos para o homem e aos 20 para a mulher.) Tampouco se permitia em Esparta outra abominação, que consistia em casar a jovens com seus próprios tios ou primos para manter a riqueza hereditária dentro da família, em uma mentalidade completamente oriental, endogamia, anti-ariana e antinatural. Outras práticas, como a prostituição ou o estupro, nem mesmo eram concebidas, assim como o adultério.

A umas espartanas chamadas Geradas, um forasteiro lhe perguntou que pena se aplicava em Esparta aos adúlteros. Geradas lhe respondeu: “Entre nós, ó hóspede, não os há.” E o estrangeiro insistiu de novo: “E caso houvesse?” Geradas respondeu: “Pagam um touro tão grande, que por cima do Taigeto beba do Eurotas”. O forasteiro, confuso, disse: “Como pode haver touro tão grande?” Geradas sorriu: “E como pode haver um adúltero em Esparta?”.

Nos demais Estados gregos, a nudez masculina era comum em atividades religiosas e desportivas, e isso era signo de sua soberba e de seu orgulho. A nudez feminina, por sua vez, estava prosrita em similar medida que a própria presença feminina em ditos atos. Porém nessas procissões, cerimônias religiosas, festas e atividades desportivas de Esparta, as jovens iam tão nuas quanto os jovens. Cada no durante a Gymnopedia, que durava

10 dias, a juventude espartana de ambos os sexos competia em torneios desportivos e dançava nua.

Hoje em dia atividades nudistas desse tipo seriam ridículas por que a nudez das pessoas é repelente; seus corpos são flácidos e carecem de formas normais. O indivíduo moderno tende a considerar um corpo atlético como um corpo sobressalente, quando um corpo atlético é um corpo natural e normal, e é o resto dos tipos físicos atrofiados e não exercitados os que não são normais. Recordemos a reflexão nietzschiana: “Um homem nu é considerado em geral como um espetáculo vergonhoso.” Ainda assim, naquela época, presenciar semelhante demonstração de saúde, agilidade, força, beleza, musculatura e boas constituições devia inspirar um autêntico respeito e orgulho de estirpe, um sentimento seletivo que é e será sempre pagão.

Os helenos dos Estados democratas alegaram em seu dia que a presença da nudez feminina poderia causar olhares lascivos, porém o certo é que os espartanos tomavam tudo àquilo com simples naturalidade, despreocupação e alegria pagã. Ademais, as jovens espartanas que identificavam um admirador abobado lançavam-lhe uma hábil ladainha de brincadeiras que o deixavam em ridículo diante de todo um estádio repleto de solenes autoridades e atento povo.

Em algumas cerimônias, as jovens cantavam sobre os varões que haviam realizado grandes proezas, ou infamavam ao que havia se conduzido mal.

Elas eram de alguma maneira, a voz exigente do inconsciente coletivo espartano. Elas eram a polícia da virilidade, o guardiões que velavam pelo arrojo e pela conduta dos homens. Não só era nas canções que vertiam suas opiniões, mas sim na vida pública: não deixavam passar nada, não eram indulgentes, mas sim que criticavam sempre ao covarde e elogiavam o valente. Para os homens de honra, as opiniões sobre o valor e a hombridade que tinham mais importância se procediam de vozes femininas, dignas de respeito: assim as críticas eram mais pungentes e os elogios mais revigorantes (segundo Plutarco, as espartanas “engendraram nos jovens uma ambição e emulação laudáveis”). É por isso que, no caso dos espartanos, as relações com as mulheres não os amoleciam, mas sim os endureciam ainda mais – pois eles preferiam ser valentes e conquistar a adoração de tais mulheres.

E qual foi o resultado da educação patriarcal espartana para as jovens? Foram uma casta de mulheres à beira da perfeição, mulheres severas, discretas e orgulhosas. A feminilidade espartana tomou o aspecto de jovens

atléticas, alegres e livres, porém quando necessários graves e sombrias. Era, como as Valquírias, a companheira perfeita do guerreiro. Eram fisicamente ativas e audazes; muito distantes, pois, do ideal de “mulher-objeto” e prostituída do Sistema moderno.

Em toda Hélade, as espartanas eram conhecidas por sua grande beleza, e respeitadas por sua serenidade e maturidade. O poeta Alcemno de Esparta (século VII AEC) dedicou uns versos a uma campeã espartana que competia em corridas de carros, elogiando-a por sua “cabeleira de ouro e o rosto de prata”. Dois séculos mais tarde, outro poeta, Baquilides escreveu sobre as “loiras lacedemônias”, descrevendo-as como “de cabelos de ouro”. Tendo em conta que as tintas em Esparta estavam proibidas, podemos deduzir que o racismo e o instinto de “Apartheid” dos espartanos em relação aos gregos aborígenes eram suficientemente forte como para que nada mais e nada menos setecentos anos depois da invasão dória, os cabelos loiros ainda predominassem entre a cidadania de Esparta.

Em uma comédia intitulada “*Lisístrata*”, escrita pelo dramaturgo ateniense Aristófanes (444 AEC – 385 AEC), há uma cena na qual uma multidão de mulheres atenienses rodeia admirada, a uma jovem espartana chamada Lampito. “Que criatura mais esplêndida!” dizem as atenienses. “Que pele tão saudável, que corpo tão firme!” Outra adiciona: “Nunca vi seios como esses.” Homero chamou a Esparta *Kalligynaika*, quer dizer, “Terra de Mulheres Belas”. Por outro lado, não esquecemos que a lendária Helena de Tróia, a mulher mais bela do mundo, foi originalmente Helena de Esparta, um ideal, inclusive uma rainha-sacerdotisa que foi roubada e que não apenas Esparta, mas sim a Grécia inteira, recuperou através de luta e de conquista.

As mulheres espartanas eram superiores em todos os aspectos às demais mulheres de seu tempo e, sem dúvida, às mulheres atuais. Inclusive em virtudes físicas, valor e dureza superariam a maioria dos homens modernos. Sua severidade dava a melhor companhia a seus esposos e a melhor criação a seus filhos, e em troca exigia os maiores sacrifícios: uma anedota relata como uma mãe espartana matou seu próprio filho quando viu que era o único sobrevivente de uma batalha e que voltava a seu lar com uma ferida nas costas – quer dizer, havia dado as costas ao inimigo, havia fugido ao invés de cumprir com seu sagrado dever e imolação gloriosa. Outra mãe Esparta, ao ver como seu filho fugia do combate, levantou sua túnica e perguntou – com a mais impiedosa crueza, certamente – se sua intenção era voltar apavorado ao lugar de onde saiu. Enquanto outras mães teriam dito “pobrezinhas!” e teriam estendido os braços, as mães espartanas não perdoavam. Tácito escreveu que as mães e esposas dos germanos (que

viviam com uma mentalidade não muito distinta da de Esparta) costumavam contar as cicatrizes de seus guerreiros, inclusive exigiam que voltassem com feridas para demonstrar sua presteza no sacrifício por elas. Os espartanos acreditavam que em suas mulheres residia um dom divino, e não eram as espartanas quem lhes ia convencer do contrário, de modo que procuravam estar à altura da devoção que seus homens lhes professavam. Assim, as mulheres estavam convictas de que em seus homens habitava essa nobreza, valor, sinceridade, poder e retidão tipicamente masculinas, junto com a noção de dever, de honra, e a disposição para o sacrifício, e os homens procuravam também manter-se à altura de tal ideal. De novo, encontramos que a mulher ariana antiga não amolecia seu homem, mas sim o ajudava a melhorá-lo e aperfeiçoá-lo, pois o homem sentia a necessidade de manter a integridade perante semelhantes mulheres, de modo que as mulheres se mantinham alerta e faziam o que era apropriado perante os varões, tendo presente em suas mentes que elas constituíam por si mesmas ideais pelos quais seus homens estavam dispostos a se sacrificar.

De tal modo, se criava um círculo vicioso. A mulher não era um motivo para abandonar a luta, mas sim precisamente um motivo para lutar com ainda mais fanatismo.

Os demais gregos se indignavam por que as espartanas não tinham medo de falar em público, por que tinham opiniões e por que, ademais, suas esposas as escutavam. As mesmas indignações experimentaram os romanos tardios frente a maior liberdade da mulher germânica. Ademais, e posto que seus homens levassem uma constante vida de acampamento militar, as mulheres espartanas (como as vikings) estavam encarregadas da administração e do lar. Administravam os recursos da casa, a economia e a autossuficiência da família, de tal modo que os espartanos confiavam em suas mulheres para proporcionar à sua família as rações de comida estipuladas. As mulheres espartanas (também como as germânicas) podiam herdar propriedade e transmiti-la, ao contrário que o resto de mulheres gregas. Toda essa administração doméstica feminina era como vemos, similar no direito germânico, onde as mulheres ostentavam a chave do lugar como signo de soberania sobre casa familiar sagrada e inexpugnável, e de sua fidelidade à cabeça da família. O lar é o menor templo que pode ter a menor unidade de sangue, célula e base de toda a Raça: a família. E a portadora de sua chave tinha que ser por força da mãe ariana.

Uma sociedade na guerra está condenada se o lar, se a retaguarda feminina, não está com a vanguarda masculina. Todos os sacrifícios dos guerreiros são apenas um glorioso esbanjamento sem meta e sem sentido se na Pátria não há mulheres dispostas a manter o lar em funcionamento, e brindar seu

apoio e ânimo espiritual aos homens em campanha e, em última instância, a parir novos guerreiros. Um soldado longe de seu lar, sem pátria, sem ideal e sem uma imagem feminina de referência – um modelo de perfeição, um eixo de divindade – degenera imediatamente em um bandido sem honra. Ao contrário, se é capaz de interiorizar uma mística interior e uma simbologia feminina que equilibre a brutalidade que presencia no dia a dia, seu Espírito se verá fortalecido e seu caráter se enobrecerá. Esparta não teve problemas nesse sentido; as espartanas eram a contraparte perfeita de um bom guerreiro.

Trataremos agora do assunto das relações maritais em Esparta, pois após admirar como Esparta salvaguardava a honra e a liberdade de suas mulheres é quando não nos sentiremos escandalizados ao saber como eram essas relações.

Em Esparta, até o matrimônio estava repleto de violência: durante a cerimônia, o homem, armado e nu, pegava firmemente o braço de sua prometida e a levava “à força” enquanto ela baixava a cabeça, deixando-se levar em submissão. Isso não há de ser interpretado em um sentido literal de rapto, mas sim em sentido metafórico e ritual, o de uma entrada em cena: nas mitologias arianas sempre há numerosas referências ao roubo, ao sequestro – e a consequente liberação – de algo santo que é necessário conquistar, ganhar o direito a possuí-lo. O fogo dos deuses, o velo de ouro, as maçãs das Hespérides, o Graal das tradições célticas e germânicas e a Valquíria adormecida são exemplos de tais imagens sagradas. Eram ideais apreciados que não se entregavam gratuitamente, mas sim que se conquistavam pela força e pelo valor após haverem superado duríssimos obstáculos, e por isso se garantia que só os mais valorosos eram capazes de arrebatá-lo e possuí-lo, enquanto que os débeis e pusilânimes ficavam desqualificados na luta. Por outro lado, não se pode descobrir semelhança entre o ritual do matrimônio espartano e o *sveyamvara* indo-ariano, o matrimônio por rapto permitido aos guerreiros, assim como no caso das sabinas raptadas pelos latinos nas origens de Roma, e o próprio tipo de matrimônio permitido aos antigos cossacos? Na escritura indo-ariana do *Mahabharata*, se relata como o herói Arjuna raptou a Subhadra, “como fazem os guerreiros” desposando-a. Novamente, não se tratava de um rapto literal, mas bem de uma conquista do sagrado mediante o respeito e a força, que fazia com que o sagrado caísse rendido perante o jovem herói.

No matrimônio espartano, pois, podemos ver como a mulher espartana era elevada à categoria de ideal divino e não era entregue por seus pais a um homem escolhido por eles (como no judaico ritual moderno do matrimônio,

que converte a prometida em mercadoria tribal), mas sim que o varão valoroso tinha que ganha-la. De fato, em Esparta não estava permitido que os pais tivessem a ver com os assuntos maritais dos seus filhos, mas sim que era a própria parelha a que decidia sua união. Deixava-se claro que para possuir a uma mulher da categoria das espartanas não valiam a riqueza, o consentimento paterno, os arranjos matrimoniais, a dialética, a sedução ou as palavras falsas; era necessário impressionar e arrasar, ser robusto e nobre, ser geneticamente digno e capaz de arrebatá-la.

Mesmo assim, a cerimônia espartana de matrimônio – sombria e quase sinistra em sua direta crueza – é o cúmulo da sociedade ariana guerreira-patriarcal, e uma das mais eloquentes e desagradáveis expressões do patriarcado que regia na própria Esparta. Esparta quis instaurar a paranoia militar e o ambiente de guerra perpétua até no matrimônio! Do mesmo modo que as crianças tinha que procurar sua comida mediante o saque e a rapina, como simulando estarem em zona inimiga, os homens adultos deviam também conquistar a sua escolhida como se encontrassem em território hostil: “raptando-a”, em memória de uma época dura e perigosa que não era amável com o romantismo e com os apaixonados, e na qual os apaixonados estavam cercados pelo perigo. Isso patenteia o pouco que tinham a ver os pais em uma trama assim: em tempos antigos, caso fosse negado o consentimento ao matrimônio, o jovem realizava uma incursão audaciosa e, com a cumplicidade de sua prometida, a “raptava”.

Com o sistema matrimonial espartano também se dava a entender sutilmente que, tal e como ensina a Natureza, não é qualquer um que tinha direito a uma fêmea. Para poder aspirar a tal direito, era necessário para o homem passar provas: a eugenia, a criação infantil, a Instrução, o ingresso nas sistias do Exército e a fidelidade mútua com uma jovem espartana de sua mesma quinta, que por sua vez se conquistava através da observação e do conhecimento nos acontecimentos desportivos, populares e religiosos, e de uma grande amizade cujo latente propósito amoroso devia permanecer oculto perante o resto da sociedade. Ao longo de todas essas fases, o varão espartano conquistava a sua amada, e não no sentido desfigurado de lábia e sedução retorcida, mas sim demonstrando ser digno dela, conquistando-a literalmente com sua fidelidade, sua força, sua paciência, seu respeito e sua valia. A mulher não conquistava, nem tinha que demonstrar nada. Ela também escolhia seu prometido e tinha a palavra em relação a aceitar seu futuro esposo. Em última instância, era ela que por vontade própria se entregava com cumplicidade, deixando-se “raptar” ritualmente pelo homem de sua escolha, em um romantismo muito peculiar e escuro em comparação

com o que nos oferece o Sistema atual, a suave candidez “sentimentalóide” e interessada do que a modernidade faz passar por “amor”.

Após o ritual, a noiva era levada para a casa de seus sogros. Ali sua cabeça era raspada e ela era vestida como homem. Depois, era deixada em um cômodo às escuras, à espera que chegasse o noivo. Tudo isso é extremamente difícil de compreender para uma mente ocidental moderna, e não é sob este ponto de vista que devemos tentar entendê-lo, mas sim situando-nos na época e tendo presentes que tanto espartano como espartana pertenciam a uma Ordem. Essa última fase – totalmente sórdida – servia para inculcar nos recém-casados a noção de que a clandestinidade e a discricção de sua relação não haviam terminado, e que ainda não havia ganhado o direito a desfrutar de um matrimônio normal. Para a mulher, implicava iniciação, sacrifício e nova etapa. Era despojada de sua consciência sedutora e de seus dotes de sedução. Para o homem, era benéfico para que se apreciasse o que realmente importava em sua mulher: não a roupa, não o cabelo ou os adornos, mas sim seu corpo, seu rosto e seu caráter. Levar a cabo um ato nessas condições tétricas e absolutamente hostis ao romantismo e à excitação sexual era tanto para o homem como para a mulher o menos estimulante imaginável, de modo que se acostumavam paulatinamente às sensações físicas derivadas do ato sexual, porém sem estímulos psicológicos adicionais tais como uma aparência mais feminina na mulher, e um entorno mais amável, estímulos que tendem a boicotar a resistência do varão, fazendo com que se abandone ao prazer e se durma nos loureiros. Portanto, essa sinistra entrada em cena era pouco estimulante sexualmente em curto prazo, porém por outro lado era muito estimulante em longo prazo, de uma forma extremamente sutil: pouco a pouco, se insuflava nos corações dos amantes a nostalgia e o desejo por aquilo que ainda não lhes era ainda permitido. Assim, para quando já havia crescido na mulher uma abundante cabeleira, e a “pseudo clandestinidade” da relação se havia dissipado com o tempo, tanto homem como mulher eram adultos bem experimentados que sabiam o que queriam e que, a pesar disso, não haviam sofrido mínima nenhuma em seu desejo sexual, mas sim ao contrário, estavam mais que nunca plenamente preparados para saber apreciar e aproveitar o que supunha uma relação física livre e saudável.

Licurgo estabeleceu que um homem devesse sentir vergonha de ser visto com sua mulher em atitudes amorosas para que o encontro se levasse em privado e com a maior intimidade e paixão, já que o segredo e a hostilidade circundante favoreciam a magia da união, o sentimento de cumplicidade e o verdadeiro romantismo, que sempre há de ter algo de secreto. O objetivo dessa medida, ademais, era favorecer a sede de verdadeiro conhecimento mútuo, a fascinação, o mistério, o feitiço, o curto-circuito sagrado entre

homem e mulher, e – digamos assim – a excitação do proibido, para que sua relação não tivesse nada de público, mas sim de privado, e para propiciar que tanto o homem como a mulher não chegassem nunca a se faltar um do outro. O casal espartano devia ter, pois, uma sexualidade poderosa, que emanava dos corpos sadios e espíritos puros, dando lugar a um erotismo limpo, de uma luxúria positiva e necessária para a conservação da Raça. Em palavras de Xenofonte:

“[Licurgo] Notou, também, que durante a época imediatamente posterior ao matrimônio, era corrente que o esposo coabitasse ilimitadamente com sua esposa. A regra que adotou era o oposto a isso, pois declarou coisa vergonhosa que um homem fosse visto no momento de entrar na habitação de sua mulher, ou ao abandona-la. Com essa restrição sobre o ato, era forçoso que os esposos se mantivessem unidos por um maior desejo, e que o filho que em essas condições engendrassem fosse mais forte do que se estivessem já saciados um do outro.”

(“Constituição dos lacedemônios”, um).

Como, então, se arranjavam os espartanos para estar com suas mulheres? Nas sistias, se levantavam em silêncio e abandonavam a sala. Cuidando de que ninguém os visse (de noite estava proibido circular com lanterna ou iluminação de qualquer tipo, para fomentar a capacidade de se mover na escuridão sem medo e com segurança), entravam em seu lar, onde encontravam sua mulher, e onde sucedia o que tivesse que suceder. Depois, o homem voltava à sistia com seus camaradas de armas, envolto em um sincretismo que quase roçava a sordidez. Ninguém se inteirava de nada. A sexualidade do casal era estritamente privada, inclusive furtiva e pseudo-clandestina, para que nenhuma pessoa pudesse interferir nela, para que a relação fosse mais vigorosa e, de novo segundo Plutarco, para que suas mentes estivessem sempre “recentes no amor, por deixar em ambos a chama do desejo e da complacência”.

Era as relações espartanas algo normal, natural ou desejável? Não. Todo o contrário. Criava-se um clima o mais desagradável, que dista muito de se corresponder com algum tipo de “ideal” ariano. Ninguém em pleno juízo desejaria uma relação assim como via de aperfeiçoamento e refinamento.

Com os espartanos, por sua vez, por sua peculiar idiossincrasia popular, essas coisas funcionavam. E, ainda assim, vemos que o tédio, a repetição, a falta de excitação e a monotonia, autênticos demônios dos casais modernos (e causa de muitas insatisfações, infidelidades, rupturas ou perversões surgidas para romper a rotina), não eram algo comum nos matrimônios espartanos.

A privacidade e discrição espartanas eram, de fato, o oposto às relações de nossos dias, que são pura aparência e conveniência social, e que estão baseadas no público, não no privado. Os espartanos compreenderam esse assunto tão importante e viveram conforme a ele. Favoreciam o encontro entre homens e mulheres nos acontecimentos populares, porém quiseram que as relações amorosas fossem estritamente privadas. Os SS também o compreenderam, e sobre suas tábuas de valores estamparam firmemente seu credo de união: “Reserva ao amor seu aspecto misterioso!” Eles, como os espartanos, foram adeptos da tradição ariana do amor sagrado. A força de seu amor procedia deles mesmos – à diferença das infantis relações atuais, cujo combustível é o mundo externo alheio ao casal, sem o qual o casal está vazio e não funciona.

O romantismo espartano era o paradigma do amor ariano na Idade do Ferro: amor em zona hostil e em tempos difíceis. As relações matrimoniais espartanas eram exemplares, desenhadas para que o intercâmbio fosse benéfico. Hoje em dia, o matrimônio quase invariavelmente castra o homem, tornando-o gordo, covarde e indolente, e convertendo a mulher em uma manipuladora hedonista, caprichosa, convencida e venenosa. Em Esparta sucedia o contrário: o matrimônio reafirmava as virtudes de homens e mulheres.

Por outro lado, existiu outra polêmica medida espartana que tinha a ver com a necessidade de procriar. Se um homem começava a envelhecer e conhecia a um jovem cujas qualidades admiravam, podia apresenta-lo a sua esposa para que gerassem uma descendência robusta. A mulher podia coabitar com outro homem que a aceitasse, e se este era maior de idade valor genético que seu marido (quer dizer, se era melhor homem sob o ponto de vista ário-pagão), isso não era considerado adultério, mas sim um serviço à Raça. Do mesmo jeito, se uma mulher era estéril ou começava a decair biologicamente cedo, o esposo tinha direito a tomar uma mulher fértil que o amasse, sem que tampouco fosse considerado adúltero. Na sociedade viking (que era o tipo de sociedade da qual provinham os antigos dórios), se uma mulher era infiel com um homem manifestamente melhor que seu marido, não era considerado adúltero.

Tudo o dito pode parecer sórdido e primitivo, pode parecer uma anulação do indivíduo ou da ordem, e um “rebaixar ao homem à categoria de gado”, porém frente a premente necessidade que tinha Esparta de descendência, poucos importavam os egoístas desejos individuais. Às forças da Natureza e da Raça, os caprichos pessoais os traem sem preocupação. O que importa é que a descendência seja sadia e robusta, e que jamais se extinga a torrente

de filhos. Portanto, se instauravam essas medidas que, em um povo indisciplinado teriam causado o caos, porém aos espartanos, acostumados à disciplina e à ordem, não causava problema algum. Por outro lado, há que evitar cair no erro de pensar que todos os casais eram “soltos”. O normal na imensa maioria dos casos era que ambos os membros do casal fossem saudáveis e férteis, e não precisassem de “assistência”.

Como era considerado o parto em Esparta, no marco dessa mentalidade natural? Um bom modo de explicá-lo é citando um lema fascista que reza: “O parto é para a fêmea o que a guerra é para o macho”. O dever dos homens era sacrificar suas forças no dia a dia e derramar seu sangue no campo de batalha, e o das mulheres se esforçarem para dar a luz a filhos saudáveis e criá-los. Desde pequenas, era o dever sagrado que lhes havia sido inculcado. Nesse entorno, uma espartana que se negasse a parir teria sido tão mal vista como um espartano que se negasse a lutar, pois a mulher que se nega a parir sabota o sacrifício do jovem guerreiro de igual modo que o homem que se nega a defender seu lar sabota o esforço da jovem mãe que dá a luz e ilumina a casa por dentro. Teria sido mais que um sacrilégio, mais que uma traição. Ártemis, a divindade feminina mais venerada em Esparta, era entre outras coisas, Deusa do Parto, e era invocada pelas jovens quando chegava o momento de dar a luz. Em todo caso, o parto para as mulheres espartanas não devia ser um transe muito sofrido, em primeiro lugar por que desde pequenas endureciam seu corpo e exercitavam os músculos que as ajudariam a parir, em segundo lugar por que concebiam seus filhos enquanto eram jovens e fortes, e em terceiro lugar por que pariam sob a alegre e orgulhosa motivação do dever, auxiliadas por um conhecimento e uma medicina naturais, confirmadas por muitas gerações de mães espartanas.

A grande liberdade feminina em Esparta não implicou que às mulheres fossem entregues postos de liderança do poder. A mulher não era condutora, mas sim inspiradora geradora. Não dominava, mas sim influenciava sutilmente, reafirmando o caráter dos homens. O poder era coisa de homens, e essa obsessão pelo poder material que se mostra em círculos “pseudo-feministas” e “*New-Age*” é algo enfermizo quando se trata de mulheres. Uma mulher ariana podia ser sacerdotisa ou rainha, porém não se imiscuía nos assuntos de mando político e guerreiro, porquê isso significaria tomar um papel associado ao lado masculino. A mulher ariana era um ideal puro que devia manter-se apartada a todo custo do lado sujo da política, do mando e da guerra, porém sempre presente na sociedade e no pensamento do guerreiro, pois ali era onde residia o misterioso poder da mulher ariana que tanto aterrava a Judiaria e aos eunucos espirituais que, durante a caça às bruxas, cometeram o sacrilégio supremo de queimar o

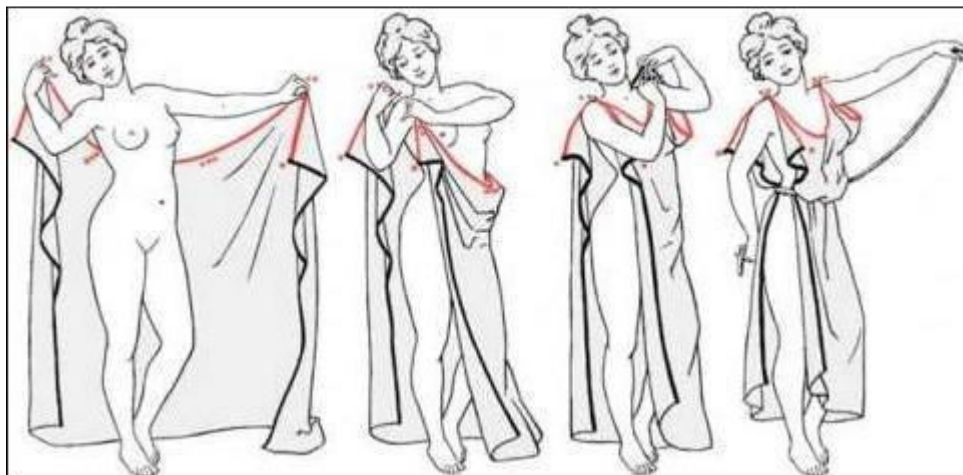
enforçar a centenas de milhares de mulheres europeias de bom sangue ariano, torturando a muitas outras até a loucura ou a morte. Era na mente do homem onde a mulher se convertia em condutora, e não no sentido baixo-sexual que promoveu o Sistema com sua inversão, mas sim no sentido de amor-memória (enquanto Minne) e inspiração.

À Rainha Gorgo de Esparta, esposa do imortal Rei Leônidas, uma mulher estrangeira lhe disse uma vez que só as mulheres espartanas conservavam ainda alguma influência de verdade sobre os homens, e a Rainha o contestou: “Por que somos as únicas que damos a luz a homens de verdade.” Novamente, as mulheres espartanas tinham influência sobre os homens, porém não poder. Nas antigas assembleias escandinavas, como exemplo do valor da influência feminina, só se permitia votar aos varões casados: o homem era o que tomava as decisões, porém se assumia que não era completo até que tinha a seu lado um espírito complementar feminino que lhe transmitisse certa magia no dia a dia e lhe inspirasse em suas reflexões, e até então não se lhe permitia votar. Na prática, cada matrimônio era um voto.

Por outro lado, nos demais Estados helênicos (como nos países árabes modernos) se havia desterrado a presença feminina, desequilibrando a mentalidade e a conduta do guerreiro e facilitando finalmente a aparição da homossexualidade tão comum entre esses povos. Todo esse assunto da feminilidade espartana era realmente inconcebível no resto da Grécia. Os atenienses chamavam às espartanas fainomérides, quer dizer, “as que ensinam os músculos”, como censura a sua liberdade de vestimenta. Isso era devido a que as espartanas usavam, todavia o antigo peplos dório, que estava aberto nas costas até a cintura. Era parte de uma moda feminina mais cômoda e ligeira que a do resto das gregas, uma moda carente de detalhes extravagantes, maquiagens, joias ou perfumes; era uma moda para mulheres sadias. Porém, o resto da Hélade, no que concernem as mulheres, estava já infectado pelos costumes orientais, que as mantinham permanentemente encerradas em casa, onde seus corpos se debilitavam e seus espíritos adoeciam.

Isso, como disse antes, ocorreu também como reação inconsciente e injusta contra a possibilidade de que a influência oriental chegasse a se consumir, convertendo o patriarcado helênico em um matriarcado. O resultado foi um patriarcado-aberração, como em certo modo o são as sociedades de judeus, árabes ou ciganos.

Os próprios atenienses jamais teriam podido conceber que as mulheres exibissem sua nudez em público, ainda que os varões sim o fizessem comumente. “O poeta ateniense Eurípides (480 AEC – 406 AEC) se escandalizava frente o fato de que as “filhas dos espartanos” saem de suas casas” e “se misturam com os homens mostrando os músculos”. O resto de gregos tinham as espartanas como criaturas fascinantes, porém intimidadoras, não só por sua atitude altiva, mas sim por que conheciam homens de uma categoria impressionante, com o quê desprezavam aqueles que não estavam a tal altura.



Capítulo 11 – O Poder Espartano

“Ocorreu-me um dia que Esparta, ainda estando entre os Estados menos povoados, é sem dúvida a cidade mais poderosa e mais celebra da Grécia, e me perguntei como havia sucedido isso. Mas, quando considerei as instituições dos espartanos, deixei de me perguntar.”
(Xenofonte, “Constituição dos Lacedemônios”, 1).

O poder espartano não era uma fria máquina burocrática que desconhecia as paixões e os impulsos. Era um ser espiritual que havia lançado raízes na alma de cada espartano, que estava vivo e que tinha uma vontade própria. Os líderes espartanos mediam sua qualidade para saber se eram capazes de serem dignos receptáculos e transmissores de tal vontade, e esse precisamente era o objetivo de seu treinamento e de sua disciplina: converter-se nas ferramentas por meio das quais o Poder Espartano, intangível, porém irresistível, se materializava sobre a Terra e manifestava sua vontade.

Toda a organização do poder espartano é tão singular e exemplar que merece que nos centremos agora em suas várias instituições políticas por separado – após havermos nos ocupado já da Criação, da Instrução e do Exército, que constituíam instituições por si mesmas. .

A) A Diarquia:

O Governo espartano estava encabeçado por dois reis que regiam juntos, sendo chefes do poder político e, ademais, religioso, desempenhando os trabalhos de some-sacerdotes, e comandantes do Exército. Esse curioso signo de poder bicéfalo gêmeo não vem justificado apenas por que assim um rei controlava a autoridade do outro, mas sim por ser um traço simbólico, evoluído (recordemos a Rômulo e Remo) dos reis hiperbóreos da Antiguidade, que regiam junto a seu “outro Eu”, que lhes proporcionava a infalibilidade sagrada e que respondia quando eles falhavam. No caso de Esparta, ambos os reis estavam simbolicamente relacionados no culto religiosos com o mítico gêmeo Castor e Pólux.

Cada Rei de Esparta escolhia dos representantes seus perante o Oráculo de Delfos. Em tempos de guerra só um dos reis ia com o Exército, enquanto o outro permanecia governando em Esparta. O rei beligerante tinha a obrigação de ser o primeiro em marchar à guerra e o último a voltar. Em

combate, ademais, o rei se situava no posto de maior risco, quer dizer, na primeira fila da extrema direita da Falange. Explicamos-nos: na primeira fila da Falange (composta exclusivamente de oficiais), os escudos formavam uma muralha. Como os escudos se empunhavam com o braço esquerdo e as armas com o direito, o escudo protegia o lado esquerdo do portador e o direito do camarada contíguo, e por isso era um grande símbolo do companheirismo, pois a proteção do lado direito dependia do camarada adjacente. Por isso mesmo, o guerreiro que estivesse no extremo da direita carecia do escudo de um companheiro que protegesse seu lado direito, e por isso deveria ser alguém especialmente intrépido: era o posto real.

Era tradição que o rei e os comandantes que guerreavam se rodeassem de uma guarda de elite de 300 homens seletos (os Hippeis). Diz-se de um espartano que aspirava a esse corpo e que, incompreensivelmente, se alegrou quando lhe informaram que não havia sido admitido nele. Um estrangeiro, não acostumado com os costumes espartanos, perguntou-lhe por que se alegrava e o espartano lhe respondeu, com a maior sinceridade, que se alegrava por que sua Pátria estava muito bem protegida se contava com trezentos homens melhores do que ele. Isso era autêntico patriotismo.

Na guarda seleta havia sempre, ao menos, um espartano que tivesse sido coroado nos Jogos Olímpicos; e certamente não faltavam campeões em Esparta, pois nos diversos Jogos Olímpicos desde 720 AEC a 576 AEC, de 81 ganhadores conhecidos, 46 (mais da metade) foram espartanos, e de 36 ganhadores de corridas a pé, 21 foram espartanos, sendo que Esparta era o Estado menos povoado da Grécia e que seus homens não eram atletas “profissionais” especializados em uma disciplina concreta em tempo integral, mas sim soldados para os quais o atletismo em geral era uma mera diversão. Houve um lutador espartano ao qual se tentou subornar para que perdesse em uma competição durante os Jogos Olímpicos. Após ter rechaçado o suborno e vencido o combate, lhe perguntaram: “Espartano, que prêmio você ganhou com tua vitória?” E esse respondeu com um sorriso de orelha a orelha: “Lutarei contra o Inimigo ao lado do meu Rei.” Os vencedores nos Jogos Olímpicos eram considerados como tendo sido tocados pelos Deuses.

Os primeiros reis de Esparta propriamente ditos haviam sido os filhos gêmeos do Rei Aristodemo. Isso se refere também ao traço lendário que descrevi. Posteriormente, cada rei procedia de uma família espartana antiga e lendária, a dos Ágidas e dos Próclidas, que afirmavam ambos descender de Hércules, ainda que a dos Ágidas fosse um pouco mais venerada em virtude de sua maior antiguidade. As famílias davam a entender que sua

origem era semidivina, procedente de Deuses – ou, mais ainda, de um semideus que conquistou a Divindade. Nos cultos religiosos, os Reis se relacionavam com os mencionados Gêmeos Dióscuros, Castor e Pólux, gigantes sobrenaturais dotados de sentidos superdesenvolvidos, filhos de Zeus, membros da *Männerbund* dos Argonautas, e que mitologicamente foram os primeiros Reis de Esparta.

Por estranha que pudesse parecer, em toda a Hélade, a monarquia espartana era considerada como a mais antiga do mundo inteiro, descendentes de uma remotíssima linhagem que se remontava aos mesmíssimos Deuses e à antiga pátria hiperbórea dos distantes ancestrais helenos, “entre as geleiras”.

Resumindo, a monarquia de Esparta tinha um caráter místico e sagrado que impregnava seus súditos e lhes inspirava na superação. Os Reis eram considerados, assim, como a encarnação de tudo quanto o povo espartano tinha de divino.

B) O Eforato:

Abaixo dos Reis (ainda que na prática mais poderoso) havia um gabinete de cinco *ephoroi* (éforos), chamado Eforato. Originalmente eram os sumo-sacerdotes de cada um dos cinco povos, bairros ou guarnições militares que conformavam Esparta, porém seu poder foi crescendo paulatinamente, pois uma vez desaparecido Licurgo, eles passaram a substituir de alguma maneira sua importantíssima presença autoritária.

O Eforato era a instituição mais poderosa de Esparta. Dirigia a Eugenia, a Criação, a Instrução, o Exército, a política externa, etc., e tinha ademais poder para vetar qualquer decisão que saísse do Senado ou da Assembleia. Atuavam como juízes supremos e presidiam as reuniões e assembleias diplomáticas. Dois éforos acompanhavam sempre o rei que estivesse em campanha, e tinham potestade para chamar os reis em sua presença a fim de pedir explicações de sua conduta se atuavam mal. Inclusive tinham poder para prendê-los ou depô-los caso fosse necessário, porém necessitavam para isso de uma autorização divina, por meio de um Oráculo. Os éforos nem se quer se colocavam de pé perante a presença dos Reis, e se podia dizer que eram os “supervisores” do mesmo, que velavam para que nenhum rei dormisse nos lauréis, ou caísse na tirania.

Os éforos tinham um poder absoluto que lhes permitia decidir sobre a vida

de qualquer súdito e intervir nos assuntos mais importantes, cumprindo-se sempre sua vontade.

No filme “300”, os éforos são representados como sinistros monges pervertidos, para talvez dar a entender que Leônidas teve que se sobrepor às burrices de seu tempo para atacar a Xerxes, o que não é verdade. Os éforos eram simplesmente anciãos seletos, escolhidos por sua reputação.

C) O Senado:

Abaixo dos éforos estava o Senado ou Gerusia, Conselho de 30 “gerentes” vitalícios, que incluíam os dois reis e outros 28 cidadãos que tivessem superado a idade de 60, selecionados dentre voluntários procedentes de antigas e prestigiosas famílias espartanas. A tradição do Senado Espartano provinha dos 30 chefes militares que juraram lealdade a Licurgo em seu Golpe de Estado.



D) A Assembleia:

Chamada *Apella* ou *Ecclesia*, era um organismo mais popular, que incluía a todos os varões espartanos de mais de 30 anos, os quais escolhiam os membros do Senado e do Eforato, e podiam em ocasiões aprovar ou vetar

as decisões do Senado, ainda que não tivesse direito a questionar as decisões saídas dos éforos.

E) Sobre as Eleições:

Mencionei a existência de eleições para escolher dirigentes. Essas eleições não tinham nada a ver com as atuais, nas quais o capricho de turno da maioria ébria se impõe com um voto anônimo e, portanto covarde e carente de responsabilidade e maturidade. Em Esparta as votações se faziam por aclamação: o candidato que recebia as ovações mais avassaladoras e os aplausos mais tumultuosos era o que triunfava. Esse método, contrariamente ao que possa parecer, é muito mais inteligente e preciso que o democrata atual, já que ascendia ao poder um candidato que contava sempre com a lealdade da Cidadania – ou ao menos com sua massa mais resoluto, que é o que importa. Não esqueçamos que essa Cidadania não tinha nada de populacho, posto que fizessem parte dela unicamente varões espartanos de mais de 30 anos cuja lealdade, retidão e dureza estavam mais que demonstradas ao longo de 23 anos de enormes sacrifícios e privações.

Em caso de dúvida, se recorria a um método inteligente: os partidários de um se colocavam de um lado, e os do outro, do outro lado. Assim a votação era direta e se podia chamar a prestar contas aos responsáveis em caso de decisão errada.

F) Nomocracia: Os Reis, às Ordens das Leis:

Todas essas instituições e métodos formavam um regime certamente único. Platão, falando sobre o Poder Espartano, disse:

“Não sei que nome lhe dar. O Eforato é tirânico, porém Esparta parece às vezes a coisa mais próxima a uma democracia pura. Seria absurdo negar que é uma aristocracia, e inclusive uma monarquia, a mais antiga do mundo.”

Os espartanos, por sua vez, não ficavam quebrando a cabeça, e denominavam a sua forma de governo Eunomia – isso é, Boa Ordem. Também chamam a seu sistema “Cosmos”, pois era tudo que conheciam, era o mundo no qual se moviam, e era único em relação a todos os demais sistemas.

O Rei Arquidamo II de Esparta, filho do Rei Zeuxidamo, quando lhe perguntaram quem estava na frente em Esparta, resumiu respondendo: “As leis, e os magistrados segundo as leis.” Porém essas leis não estavam

escritas em papel algum, mas sim no Sangue e nas cicatrizes dos filhos de Esparta. Habitavam dentro dos homens, depois de um longo processo de treinamento e interiorização que lhes convertia em depositários adequados. Não eram dogmas quadriculados que desconheciam as exceções, ao invés eram perfeitamente flexíveis e adaptáveis a diversos casos. Os Reis se submetiam voluntariamente às leis, já que era considerado um presente que os próprios Deuses haviam dado a Esparta por meio de Licurgo.

Capítulo 12 – Sobre a Mentalidade Pagã, o Sentimento Religioso Espartano e a Supremacia sobre Atenas

“Nesses Estados [se refere a Estados dórios como Esparta e Creta] não só os homens, mas também as mulheres estão orgulhosas de seu desenvolvimento intelectual. Assim podeis saber que digo a verdade e que os espartanos são os mais educados na filosofia e na oratória. Se falas com um espartano corrente, parece estúpido, porém eventualmente, como arqueiro experiente, dispara uma breve observação que te demonstra que és apenas uma criança.”

(Platão, “Protágoras”, 342)

Ainda que aos míopes pareça uma besteira, a religião em Esparta tinha um papel importantíssimo, muito acima de qualquer outro Estado heleno. A supremacia espartana não era apenas física, mas também espiritual. Essa aparente contradição se explica por que a religião helênica, que bebia diretamente da religião ariana original, era, portanto uma “religião dos fortes”, e não uma religião de autopiedade e adoração pelos enfermos, pelos fracos, pelos pisoteados e pelos infelizes. Em Esparta, ademais, essa religiosidade havia sido posta a serviço de uma blindagem especificamente elaborada para resistir aos rigores da Idade do Ferro.

O politeísmo helênico, como qualquer politeísmo ariano, é algo profundamente natural e vital que se encontra inextricavelmente costurado na memória de sangue dos arianos, pois “a Divindade consiste precisamente em que existam Deuses e não só um deus”. Nossos antepassados faziam de seus Deuses monumentos espirituais que continham todas aquelas qualidades que lhes eram próprias e que os fizeram prosperar e triunfar. Depositavam neles seus sentimentos mais elevados, com o qual davam forma, aperfeiçoavam entre todos, a um ser que já existia antes em estado latente. A criação de Deuses é algo importantíssimo na hora de avaliar um povo, pois os Deuses são a personificação dos valores e ideais mais caros desse povo. Pode-se dizer que os Deuses criaram à Raça, e a Raça a seus Deuses. Através dos Deuses arianos podemos conhecer os arianos, do mesmo modo que através dos arianos – de nós mesmos, de nossos ancestrais, de nossa história e de nossos irmãos – podemos conhecer os Deuses.

Os povos tiveram seus Deuses e os Deuses tiveram seus povos. Em Esparta rendia-se culto às divindades helenas típicas, ainda que dois fossem os Deuses que adquiriram um papel singularmente relevante e que se converteram nas divindades mais adoradas, já em tempos da invasão dória. Eram irmãos gêmeos, voltando a confirmar a condição de culto aos “gêmeos sagrados”. O pai desses gêmeos era Zeus, o pai celeste, e sua mãe era Leto, filha de Titãs, que para escapar dos ciúmes de Hera (esposa celeste de Zeus) teve que se converter em loba e fugir ao País dos Hiperbóreos. Note-se aqui a presença de uma importante constante ariana, a do princípio celestial (Zeus, Águia, Raio), unido com o princípio terrestre (Leto, Loba, Titã). Os gêmeos eram Apolo e Ártemis.

O Deus Apolo era filho de Zeus e irmão de Ártemis, Deus da Beleza, da Poesia (em ocasiões era chamado “o arquipoeta loiro”), da Música, do Arco e Flecha, da Juventude, do Sol, do Dia, da Pureza, da Virilidade, da Luz e do Orgulho, que podia prever o futuro e que a cada ano voltava de Hiperbórea em um carro puxado por cisnes. Apolo presidia sobre o coro das Nove Musas, divindades inspiradoras dos artistas, e que habitavam no Monte Helicón. Era concebido como um homem jovem, loiro e de olhos azuis, portando uma lira, cítara ou arco, e possuidor de uma beleza varonil, limpa, juvenil e pura – uma beleza “apolínea”. A mitologia explicava que em sua infância matou uma serpente Píton (em outras versões um dragão), estabelecendo em seu lugar, com a ajuda dos Hiperbóreos, o santuário de Delfos. Também Hércules matou uma serpente quando era apenas um recém-nascido. Esse tipo de lendas representa a luta que em um começo levaram a cabo os invasores arianos contra os aberrantes deuses matriarcais dos povos pré-arianos. Apolo recebia vários títulos, entre eles os de Febo (“Brilhante”), Liceo (“Luminoso”) e Licógenes (“Nascido da Loba”). Ter tido uma “mãe loba” o assimila aos míticos gêmeos Rômulo e Remo. A simbologia ariana dos gêmeos e do lobo é uma constante ariana, também em Esparta. Como Deuses de Luz, Sol, virilidade e pureza equivalentes a Apolo em outros povos arianos, têm a Febo Apolo (romanos), Abelio ou Belenos (celtas), Baldur (germanos), Byelobog (eslavos) ou Luzbel (hereges medievais) – mais que provavelmente, “Belzebu” também estava relacionado com essas diversas faces de um mesmo Deus, satanizado pela Igreja e Belial outro demônio do cristianismo.



A irmã de Apolo era a Deusa Ártemis, filha de Zeus, Deusa da Noite, da Lua, do Arco e da Flecha, dos Bosques, da Caça e da Virgindade – ainda que também do Parto e da Fertilidade Masculina. Ártemis era representada armada com arco e flechas de prata, vestindo uma túnica curta e ligeira ou peles de animais selvagens, levando seus cabelos presos, e acompanhados por uma matilha de cães caçadores. Seu carro era puxado por cervos, o animal mais associado com ela, e de fato em ocasiões era representada com chifres de cervo, uma reminiscência do paganismo mais primitivo. Era casta e virgem à perpetuidade, e virgens também eram todas suas sacerdotisas, chamadas melisai (“abelhas”, outro dos símbolos de Ártemis). Ártemis era áspera, severa, orgulhosa, brusca, silvestre, silenciosa e fria, era o resultado de uma obra patriarcal – era, enfim, o único modelo de divindade feminina capaz de impor respeito e devoção a uma virilidade tão ascética e endurecida como a espartana. Ártemis, como se disse, equivalia à Deusa Artio (celtas), Diana (romanos) ou Diervana (eslavos), porém não tinha nada a ver com a Artemisa adorada pelos sacerdotes eunucos no tempo de Éfeso (Ásia Menor, ou Turquia moderna), que era uma degenerada deusa matriarcal da “fertilidade”, costumeiramente representada com pele negra, múltiplos peitos, penteados caprichosos, adornos corporais ou outras aberrações dignas da deprimida e sinistra raça de escravos do Oriente.

Na mitologia helênica, Ártemis foi mentora da jovem Atalanta, que chegou a ser a melhor corredora da Hélade, e ninguém, nem mesmo um Deus, esteve mais perto de conquistá-la do que o herói mortal Órion.

Apolo e Ártemis eram, enfim, a parilha sagrada de gêmeos, Dia e Noite, Sol e Lua, Ouro e Prata. Eram os arquétipos juvenis da masculinidade e feminilidade espartanas, respectivamente.

Por outro lado, em Esparta rendia-se veneração aos heróis da “Ilíada” – principalmente a Aquiles, porém também a Menelau e a Helena, que eram reis de Esparta na mitologia. Hércules era praticamente herói nacional espartano (recordemos que segundo a tradição, Hércules foi o patriarca fundador das linhagens régias de Esparta), e sua figura era enormemente popular entre varões jovens.

Agora aproveitemos para purificar a imagem que temos da mitologia helênica e da maioria das mitologias arianas. Os livros que tratam sobre o tema erram ao representar a atmosfera heroica e dinâmica na qual viviam os Deuses e heróis da Grécia. Mais ainda, as ilustrações (que são extremamente importantes, especialmente na hora de cultivar o Espírito das crianças) representam os Deuses da Hélade como se tivessem o aspecto racial de um homem moderno, não de um ser perfeito e supremo. E isso não acontece somente com a mitologia helênica, mas sim com todas as mitologias arianas. Os Deuses dos Arianos eram Arianos, autênticos atletas e guerreiros e, até hoje, ninguém salvos os próprios gregos (à exceção nas figuras femininas) soube representar a atmosfera mítica helênica.

Na cidade de Esparta havia 43 templos a diversos Deuses e 22 templos dedicados a heróis (incluindo os da “Ilíada”) cujas gestas inspiravam as gerações florescentes; mais de 15 estátuas dedicadas a Deuses, quatro altares e numerosos panteões funerários. Havia também, como mencionei, um templo dedicado a Licurgo, que era adorado como um Deus. Em uma cidade do tamanho de Esparta, a quantidade de edifícios religiosos era realmente muito notável.

Nas cerimônias religiosas, homens e mulheres – particularmente os jovens – assistiam inteiramente desnudos, como durante as procissões, os torneios, os concursos de beleza e as danças. Isso já implica que os espartanos não se envergonhavam de seus corpos, mas sim que os mostravam com orgulho sempre que podiam, por que eram robustos, bem formados, harmoniosos e belos. Eram os “festivais da beleza”, algo exclusivamente ário-pagão; eram festas nas quais se rendia culto ao corpo tornado belo exclusivamente pelo esforço e pelo sacrifício. Segundo Platão, “um belo corpo promete uma

alma bela”, e “a beleza é o esplendor da verdade.” Essa é a verdadeira ciência de Dionísio, o culto ao bem formado, que Nietzsche predicou.

O costume atlético de raspar os pelos do corpo e untar-se de azeite antes de uma competição era de origem espartana, ainda que também os celtas fossem dados às preparações corpóreas antes das batalhas. Que se pretendia com isso? Realçar o corpo, dar relevo, volume, detalhe, brilho e “vida” à musculatura, e, portanto demonstrar com orgulho o resultado de anos e anos de duríssimo treinamento físico e esforços esgotantes. Em nossos dias é bem sabido que os fisiculturistas se depilam e untam de óleo antes de uma competição, pelo mesmo motivo. À margem do que se possa pensar do fisiculturismo em si, a “preparação” do corpo para uma ocasião especial constituía um ritual que, sob um ponto de vista popular e pagão, não tem nada de ruim. A culpabilidade e o sentimento de pecado que o Cristianismo tentou impor no âmbito do orgulho do corpo, tiveram como objetivo fazer com que o homem ariano se envergonhasse precisamente daquilo do que devia sentir o maior orgulho. A moral judaico-cristã, tachando a higiene, o cuidado, o treinamento e a “preparação” do corpo como assuntos “pecaminosos”, sensuais e “pagãos”, lograram pouco a pouco que a população europeia – convertida em um rebanho amorfo cuja atitude natural frente qualquer indício de perfeição divina é o ressentimento – acaba-se relacionando esse mundo com a homossexualidade, semeando nos homens, durante séculos, a desconfiança e a vergonha frente qualquer tipo de orgulho de corpo.

Tais festivais serviam para que os jovens de ambos os sexos se familiarizassem entre si, pois pensemos que Esparta era uma cidade de poucos habitantes, onde graças às cerimônias públicas, todos se conheciam entre si e se sentiam, portanto unidos no popular. Era nesses acontecimentos onde se observava e se escolhia o futuro cônjuge. A competitividade, ademais, servia para estabelecer hierarquias em relação à beleza, valor, força, agilidade, dureza, resistência, perícia, rapidez, etc., e para que os melhores varões se unissem às melhores mulheres, como podia ser o caso da coroação de um rei ou uma rainha em um concurso, ou de um campeão e uma campeã em uma competição (pensemos nas “tradições” dos institutos americanos brancos até pouco tempo). Platão disse que “é necessário que os melhores homens se unam às melhores mulheres a maior quantidade de vezes; e ao contrário, os piores com as piores; e há que criar os filhos dos primeiros, e não aos filhos dos segundos” (“República”, V.) Graças a isso, e às facilidades e inclusive obrigações de contrair matrimônio, os jovens espartanos de ambos os sexos se casavam entre os 20 e os 25 anos.

Imaginemos todo aquele culto pagão ao sacrifício, à luta, à união e aquela glorificação da própria existência coletiva de um grande povo. Isso eram orgulho e alegria socialista, era nacionalismo – e o nacionalismo é sempre de caráter pagão. Era racismo, um culto ao esforço e à luta, culto por meio do qual os espartanos se nutriam a si mesmos, pois os feitos dos guerreiros faziam com que os mais jovens quisessem igualar-lhes e superar-lhes, e desejavam que chegasse sua oportunidade para poder demonstrar suas qualidades florescentes. É mais, o conhecimento dos feitos dos espartanos ajudava a sociedade a conhecer a si mesma, a ter orgulho de si mesma, a adquirir consciência de sua grandiosidade e de sua superioridade. Tudo estava sabiamente desenhado para que o ardor do orgulho espartano fosse duradouro.

Como seria o ritualismo em um país tão “socialista”? Era simples e austero, e os espartanos o tomavam com fanática solenidade para que todos os rituais fossem perfeitos e seu resultado fosse impecável. Os ritos tinham que ser levados a cabo custe o que custasse. Sabe-se que antes das batalhas os espartanos celebravam um sacrifício – geralmente o de um macho caprino, signo de fertilidade masculina -, e sob-hipótese alguma começava a lutar sem que o ritual fosse encerrado. A História nos conta como isso foi levado ao extremo em uma ocasião na qual o inimigo fez sua aparição durante o sacrifício, e os espartanos não se moveram de seus lugares cerimoniais até que terminou o ritual, inclusive quando as primeiras flechas começaram a cair sobre eles, matando a alguns e ferindo a outros. Tal tipo de sentimento, orbitando a ritos nos quais acontecimentos simbólicos eram reproduzidos, era o que mantinha o contato com o Mais Além, onde mora a força dos Caídos e dos antigos Ancestrais.

Pode-se dizer que em Esparta havia um culto religioso popular, porém não nos equivoquemos: quando o povo mesmo é uma aristocracia racial, uma elite seleta, o culto se convertia em um culto aristocrático e elitista, despojado de qualquer traço plebeu histórico. Não esqueçamos que em Esparta não havia um povo com castas, mas que as próprias castas eram povos separados. E o povo espartano era a aristocracia.

Tudo isso contribuía para formar um sentimento espiritual elevadíssimo: O espartano se sentia o ápice da Criação, o favorito dos Deuses, uma criatura privilegiada, magnífica, esplêndida, arrogante e semidivina, membro de uma linhagem sagrada, de uma estirpe sagrada, afortunado “elo da eterna cadeia racial” (SS) protagonista de feitos sem comparação, de uma vivência mística extremamente profunda, que ele estava convencido acabaria guiando-o diretamente à imortalidade do Olimpo, como os heróis semidivinos aos quais rendia culto. Sentia-se orgulhoso de ser espartano,

pois só o fato de que para chegar a sê-lo fosse necessária a superação de duríssimas provas, fazia com que ele se sentisse possuidor de um privilégio elitista, dado que para ser espartano não bastava somente ser de família espartana, mas que ademais disso tinha que demonstrar e cultivar a posse das qualidades espartanas ao longo da terrível Instrução.

Nietzsche disse que “para que uma árvore chegue com seus ramos ao Céu, há de afundar suas raízes no Inferno.” Odin disse: “Às cabanas baixei e aos palácios ascendi.” Isso implica que somente após ter superado as provas mais atrozes tem direito o guerreiro a subir aos estados mais elevados, sob pena de sofrer a degradação a que conduz a soberba embriagada de quem não se endureceu antes no sofrimento e não é capaz de tomar o prazer, o poder e o luxo com um respeito, um cuidado, uma delicadeza, uma veneração, uma humildade e um apreço quase receoso. Os espartanos haviam tocado fundo, fundindo-se em toda a tragédia de sua atroz instrução, e haviam passado assim mesmo por todas as sensações varonis de plenitude, saúde, vigor, força, potência, poder, domínio, glória, vitória, alegria, camaradagem, recompensa e triunfo. O haver abarcado toda a gama emocional que vá da dor ao prazer lhes tornava possuidores de uma sabedoria vital que só ostentam os heróis e os caídos, e seguramente ninguém sabia apreciar o significado e a importância dos prazeres mais que os espartanos.

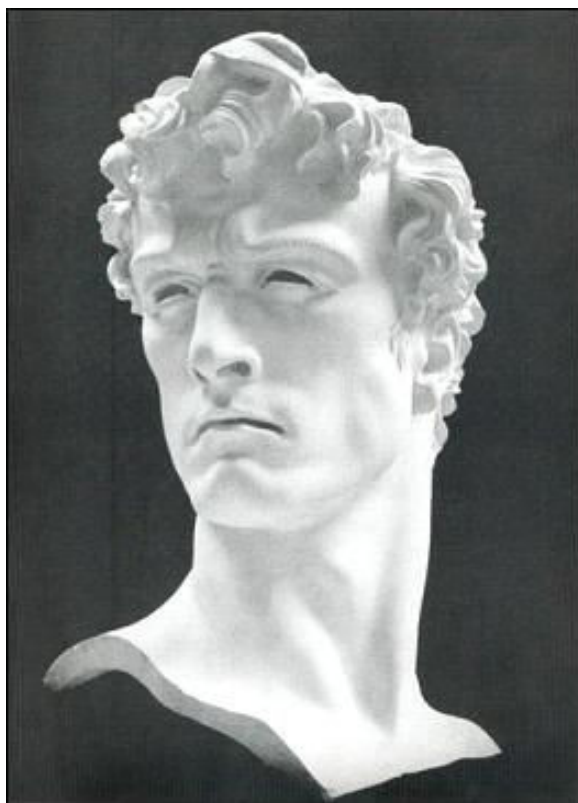
Existiu em Esparta, como em outros lugares, um círculo iniciativo de sacerdotes e sacerdotisas. Pouco se sabem acerca deles, salvo que eram homens e mulheres seletos, iniciados em localidades concretas em cerimônias secretas chamadas Mistérios, que os tornavam depositários da sabedoria divina. Na Grécia, os Mistérios representavam aquilo que não se podia explicar racionalmente com palavras, mas que era necessário ver e viver. Os Mistérios se converteram em prestigiosas escolas iniciativas, as quais acudiam personagens importantes de toda a Hélade com a intenção de despertar seus Espíritos. As cerimônias de Mistério mais influentes da Grécia foram os Mistérios de Delfos, os Mistérios de Elêusis, os Mistérios de Delos e os Mistérios de Orfeu. Os espartanos, porém, guardaram tão silenciosamente seu segredo que até o dia de hoje somos incapazes de conhecê-lo. Seus Mistérios, diferentemente dos outros, seguem sendo Mistérios ainda hoje.

Os antigos Mistérios gregos não são o que a escória maçônica – New Age nos tentaria fazer crer – isso é, rituais pervertidos, matriarcais e orgásticos que formaram um repelente detrito de fermentação na posterior Grécia

decadente e logo na Roma decadente, constituindo irmandades de escravos, misturando-se por isso com a Judiaria e elaborando o asqueroso e infecto caldo de cultivo urbano do qual sairia o Cristianismo. A decadência das iniciações de Mistério sucedeu quando a Grécia já se havia degenerado (...). De fato, se chamavam “Mistérios”, era por uma boa razão. Muito do que conhecemos deles pertence a uma época decadente na qual se havia traído o segredo, razão pela qual o próprio ritual já estava monstruosamente desfigurado e os verdadeiros mistérios haviam desaparecido. Os Mistérios surgiram nas montanhas e nos bosques do Norte, entre névoas, árvores, gelo, rochas, trovões e neve. Quando as cidades infectas do Mediterrâneo se converteram nos pontos de referência espiritual, o significado e a sugestão dos mistérios se esvaneceram.

O Monte Taigeto – símbolo do orgulho e do elitismo de Esparta – era chamado também Monte Dionísio, por que era nele que os espartanos rendiam cultos a esse Deus, em cerimônias de Mistério de elaborada ritualidade, os Mistérios de Dionísio. Dionísio era uma espécie de Shiva (no Hinduísmo se diz que Shiva medita no alto do Monte Meru) helênico, um arquétipo divino-destrutivo. Muita confusão tem surgido ao redor de Dionísio, de modo que tentaremos limpar a imagem desses Deus. A mitologia explicava que Dionísio era filho de Zeus (princípio celeste-viril) e de alguma deusa terrena (princípio terrestre-feminino) que segundo versões é Deméter, Perséfone ou Sêmele. Dionísio havia sido despedaçado (como o Osíris egípcio ou o Purusha indo-ariano) e devorado pelos Titãs (entidades crônicas), porém, posto que os Titãs acabassem gerando os homens, todos os homens têm dentro de si uma fagulha de Dionísio. Zeus pôde salvar o coração de Dionísio e, colocando-o no ventre de sua mãe, Dionísio renasceu e ascendeu à categoria de “duas vezes nascido”.

Dionísio era o Deus dos fortes instintos, o Deus da plenitude virtual, da abundância espiritual, da alegria de viver, do prazer transparente, do agradecimento, do frenesi alegre e furioso, da conquista do orgulho, do elitismo impiedoso, do afã de seleção, da luta e da felicidade que, por querer a eternidade terrena, necessita dos filhos. Era, por excelência, o Deus dos sadios, e dos fortes, o Deus dessa alegria popular pagã que transborda e cria em sua abundante felicidade – ou destrói em sua ira descontrolada -, o Deus dos instintos fazem com que nos sintamos vivos e elevam a Raça acima de suas limitações materiais. Por tudo isso não é de se estranhar que Nietzsche, grande conhecedor da Grécia, permite entrever em sua obra certa predileção por Dionísio.



Com o tempo, porém, e segundo a Hélade ia perdendo sua pureza étnica, o culto a Dionísio foi facilmente pervertido (sendo um Deus de impulsos corporais, materiais e “escuros”), e se converteu em um gordo deus das orgias, deus das diversões ruidosas, do álcool, da promiscuidade e da histeria demente. Os romanos adotaram esse deus deformado como Baco, e seus seguidores (principalmente covardes, decadentes, inseguros e pervertidos – e mulheres entediadas de boas famílias, igual que no caso do New Age atual) se degeneravam em horríveis cultos orgásticos ou “bacanais”, que incluíam sacrifícios sangrentos, sexo, a toque “de caixa” e intoxicações por álcool. Foi tal o escândalo que se formou com as festas bacanais que o Senado de Roma as proibiu em 186 a C. e exterminou seus seguidores em uma grande matança, considerando-os possuídos pelo fantasma da antiga Etrúria. É por isso que se costuma dizer que Dionísio é o Deus dos ruidosos mediterrâneos e Apolo o Deus dos sóbrios nórdicos, o que não é certo, pois a nobreza helênica era ao mesmo tempo apolínea e dionisiaca – porém referindo-nos, não ao Baco romano nem ao Dionísio degenerado, mas sim ao Deus Dionísio original dos helenos arianos, ou a sua essência como divindade telúrica pré-ariana, “arianizada” pelos próprios helenos. Como reflexão relacionada, devo dizer que eu relaciono ao ídolo templário *Baphomet* com o Dionísio helênico.

Chegados a esse ponto, tratarei de um tema que sem dúvida rondará já a muitos, e que é nada mais e nada menos que a supremacia espartana sobre Atenas, supremacia que era total e absoluta. Costuma-se dizer que Atenas representou o ápice espiritual-artístico helênico e Esparta a evolução física guerreira. Não é assim. Todo nosso respeito por Atenas e sua arte consumada (e acima de tudo pela casta ariana dos autênticos atenienses, arianos, patriotas, filo-espartanos e militaristas), porém Esparta, diferentemente de Atenas, estava esculpida em rocha e era muito mais elevada espiritualmente. Como já mencionamos, não é sem razão que se chegou a dizer que todo o Estado Espartano era uma Ordem, uma união de monges-guerreiros, pois os espartanos cultivavam ciumentamente uma disciplina e uma sabedoria ancestral que a maioria dos Estados helenos já havia perdido. Muitos terão notado que as duríssimas práticas da disciplina espartana tem o marcado caráter de um Yoga guerreiro, entendendo-se por Yoga qualquer prática ascética que ajude o aperfeiçoamento físico, mental e espiritual. Esparta era portadora de um sentimento forte, de uma paixão intensa. Tudo funcionava com a mística e com a devoção do povo mais religioso da Grécia, e é um erro imenso crer que a instrução espartana só tratava do corpo.

Chegamos ao importante assunto da Arte, que ademais costuma ser um argumento comum para vilipendiar Esparta. Não só em sabedoria intangível e culto físico era Esparta excelsa. Os espartanos costumavam dizer que eles esculpiam seus monumentos em carne, com o quê davam a entender que sua Arte era viva. Sua arte era – literalmente – seu próprio povo e os indivíduos que o integravam, porém Esparta também teve uma Arte convencional tal e como se entende no presente. E assim devia ser, pois a Arte é um método de elevação e de idealismo que ajuda a inspirar e elevar as vontades dos homens são que o contemplam. Mais ainda, a arte idealista é uma forma de reascensão, de perfeição e de reconquista. Esparta era principalmente famosa por sua Música e sua Dança (das quais nada nos chegou), assim como por sua Poesia, altamente valorizada em toda Grécia, e que nos chegou a fragmentos. Seus arquitetos e escultores eram empregados em lugares prestigiosos como Delfos e Olímpia, e impuseram seu selo de sobriedade reta e clareza cristalina em suas obras. O exemplo mais ilustrativo disso é o sóbrio estilo dórico, patrimônio direto espartano, que chegou a ser modelo não somente para uma infinidade de templos em

toda Grécia – como o famoso Parthenon de Atenas -, mas também para o gosto clássico na Europa posterior, que se esforçou a seguir o legado de Grécia e Roma.



Os gregos, e particularmente os espartanos, estudavam a “morfopsicologia”, quer dizer, o interpretar o caráter, a personalidade e, em última instância, a alma de um indivíduo a partir dos traços físicos – especialmente do rosto -, até tal ponto que a feiura em alguns Estados gregos era praticamente uma maldição. Assim mesmo, se acreditava que a beleza e uma boa disposição das feições deviam ser expressão de qualidades nobres das quais o corpo era necessariamente portador, ainda que só fosse a estado latente, esperando manifestar-se na descendência. Poucos têm percebido, porém os criadores das estátuas gregas as fizeram com esse conhecimento do rosto humano e das proporções perfeitas em mente, e, portanto representam, não só um corpo belo, como também um corpo belo portador de uma alma bela. A sanha com que os posteriores cristãos destruíram a maior parte das estátuas helênicas nos indica que temiam enormemente o que elas representavam, pois nelas os helenos fixaram e estabeleceu de uma vez por todas, como meta, como molde e como ideal, um tipo humano que os cristãos jamais seriam capazes de alcançar.

Muitos outros Estados, por sua vez, padeciam desse gosto pelo exótico e o cosmopolita no qual caem todos os impérios que descuidam sua atenção, sua autenticidade e sua identidade. Atenas, com a plutocracia judaico-fenícia do Pireu, com sua máfia de comerciantes charlatões, ruidosos escravos, saltimbancos, “intelectualóides”, sabichões, prestidigitadores e falsos adivinhos egípcios, com suas roupas suntuosas, manjares suculentos, especiarias, incensos, cores, aromes, perfumes, riquezas indecentes, cultos de Mistério deformados, cerimônias orgásticas, prostituição, mulheres pseudociganas, alcoolismo, sujeira, enfermidades, democracia desbocada, demagogia delirante e finalmente decadência galopante incluindo “cosmopolitanismo”, hedonismo, homossexualidade, multiculturalismo e mestiçagem, estava mais distante do ideal Ariano que Esparta, que jamais aceitou a toda essa sujeira a não ser quando já não era mais Esparta. Enquanto isso, sempre permaneceu essencialmente rústica, áspera, autêntica e pura, mantendo-se distante daquela sensualidade não ariana que tanto contrastava com a dureza do Norte.

Em Atenas surgiram inúmeras escolas filosóficas (algumas de espírito claramente decadente, como os sofistas ou os cínicos), o que dá testemunho do caos espiritual e das contradições no seio dos próprios atenienses e do organismo nacional ateniense. A demagogia, a lábia e a sagacidade do escravo, do vendedor, do comerciante, do marcador fenício, do nômade do deserto, começaram a ser apreciadas. E isso é exaltado pela história filosófica que ensina hoje (Julius Evola já assinalou o agrado com que a civilização moderna vê em Atenas a origem da Democracia). Em Esparta não se divagava nem se especulava (a divagação representa a insegurança e a ausência de conhecimento) por que todos seus habitantes conheciam as Leis da Terra, do Céu e da Raça, e viviam discretamente conforme a elas, sem agitação, sem especulações e sem discussões absurdas.

Os atenienses desprezavam os espartanos porque os consideravam brutais e simples. Os espartanos desprezavam os atenienses porque os consideravam fracos e afeminados, ainda que os atenienses, como gregos que eram também eram grandes atletas, porém nunca ao nível dos espartanos. Diz-se de um espartano que contemplava uma pintura representando a soldados atenienses vitoriosos. Quando lhe perguntaram “São valentes esses atenienses?”, ele respondeu “Sim, em pintura.”.

Existia uma rivalidade latente entre o povo jônio dos atenienses, influenciados pela Ásia Menor, e o povo dório dos espartanos, diretamente influenciados por sua própria herança nórdica, já que jamais se deixaram reger por nada que não fosse sua tradução ancestral e sua própria consciência popular.

Com a exceção de Atenas, que via a si mesma como a melhor, todos os demais Estados helênicos reservavam sua admiração para Esparta, pois a consideravam um santuário de sabedoria e justiça, e pretendiam imitar seu exemplo no possível. Esparta, acima de Atenas, foi sempre a cidade mais famosa e respeitada entre os helenos, já que era considerada como depositária da autêntica tradição helênica primigênia. Sempre recorriam a ela para arbitrar disputas interestatais, e a maior parte das vezes nem tinham que recorrer à força: Esparta enviava um embaixador, a cuja vontade todos se submetia voluntariamente de boa vontade, como se fosse um emissário divino – tal era o respeito que inspiravam os filhos de Esparta em toda Hélade.

Estabeleço que o homem espartano e a mulher espartana estão entre os seres mais perfeitos da história. Estabeleço que cada um deles era um ser milagroso, esplêndido, belo e maravilhoso, um glorioso e impiedoso monumento vivo à sabedoria dos Deuses. E semelhantes monumentos titânicos deixaram uma profunda pegada espiritual no inconsciente coletivo da Raça.

Capítulo 13 - A política dos espartanos para com seus inferiores: A Krypteia

“O autossacrifício nos permite sacrificar a outros sem nos envergonharmos”

(George Bernard Shaw, “Homem e Super-Homem”, Máximas para Revoluções)

Os espartanos se mantinham segregados dos não espartanos para manter sua valiosa essência imperturbada. Não só o racismo e o distanciamento, mas sim a falta de piedade para com seus escravos era para o espartano uma necessidade vital que apaziguava sua paranoia em curto prazo e ao mesmo tempo a renovava em longo prazo. Dirijamos nossa atenção, pois, ao resultado do agudo racismo dos espartanos.

A situação da estratificação por castas em Esparta era única, por que a vida da aristocracia era muitíssimo mais dura que a vida da plebe. Não sucedia o mesmo que nas demais civilizações, onde o povo desejava apropriar-se do modo de vida da casta dominante. Aos helotas não lhes agradava minimamente submeter-se a impiedosa disciplina de uma vida espartana, comparada com a qual o trabalho da terra era algo fácil, suave e tolerável.

Eram os éforos os que, a cada ano e com a maior solenidade, declaravam a guerra aos helotas – quer dizer, autorizavam matá-los livremente sem que isso fosse considerado assassinato. Uma vez ao ano, eram golpeados em público sem motivo algum; cada helota devia ser açoitado um número determinado de vezes a cada ano só para se lembrar de que continuava sendo um escravo. E quando o poder espartano considerava que haviam se reproduzido demais ou suspeitava de que planejavam revoltas, se levava a cabo a *Krypteia* ou *Criptia*. *Krypteia* é uma palavra que significa “escondido”, “oculto” ou inclusive “segredo”, “clandestino” (as palavras com a partícula “cripto-“ em português derivam disso), tomando tal nome como uma prova de um profundo simbolismo ao qual se submetia a muitas crianças espartanas em idade de instrução. Prestemos atenção e meditemos:

Sozinho, descalço, sem roupa de agasalho, e armado apenas com um punhal, se levava ao jovem espartano escolhido a terras habitadas por helotas. Permanecia um longo tempo ocultando-se nas horas de luz, obtendo sua comida da Natureza e vivendo à intempérie. Durante as horas escuras, de modo furtivo, espreitava os helotas e entrava em suas terras e

em suas propriedades com sigilo. E atacava silenciosamente a todos os helotas que encontrava, matando ao maior número deles que fosse possível, roubando-lhes a comida e sem dúvida extirpando algum troféu sangrento que demonstrasse o êxito de sua caçada. Assim caíram milhares de helotas ao longo da história de Esparta.

Essa dura prova era considerada ao mesmo tempo como um exercício militar, um batismo de sangue e um ritual de iniciação guerreira. Alguns inclusive elevaram a importância da Krypteia ao nível de instituição, uma espécie de serviço secreto composto pelos jovens espartanos mais fanáticos e promissores, pensado especificamente para limitar o crescimento dos helotas e para aterrorizá-los e manter-lhes psicologicamente subjugado.

O jovem espartano, após anos de viver na Natureza, se havia habituado a ela. Os longos dias de solidão fazia que seus sentidos se tornassem agudos, que se acostumassem a farejar o ar, e que se sentisse como um autêntico predador. De noite, como lobo, descia do monte para cair sobre suas vítimas com toda a ferocidade que lhe outorgava seu fanático racismo, seu treinamento e sua disposição natural ao sacrifício e à morte, escondendo-se depois. E, após ter cumprido sua missão, retornava vitorioso a seu lar. Isso era a culminação do treinamento guerrilheiro, que confirmava que os espartanos não eram animais de rebanho, mas sim lobos: grandes guerreiros em matilha (que não é rebanho, pois a matilha está hierarquizada), porém capazes também de desenvolverem-se sozinhos quando era necessário; excelentes soldados coletivos na guerra aberta, porém também temíveis guerreiros individuais na guerra esquiva, suja e escura tão própria da Idade de Ferro.

Esse treinamento de guerra de guerrilha devia proceder da etapa das primeiras guerras messênias, na qual as formações militares foram destruídas e se teve que recorrer a golpes de mão, à emboscadas e aos assassinatos aproveitando as vantagens que o terreno pudesse oferecer (bosques, montanhas, aldeias), a situação tática (inimigo desprotegido, desarmado, distraído ou despreocupado) e as condições ambientais (noite, escuridão, neblina). Porém esse modo de combate sem dúvida estava planejado também como forma de preparação para resistir se Esparta caísse sob seus inimigos e sofresse uma ocupação. Caso sucedesse tal catástrofe, cada varão espartano estava preparado para se esconder no bosque ou na montanha, sobreviver por seus próprios meios e executar ataques, caçadas e emboscadas seletivas sobre o inimigo. Era, pois, uma forma de resistência sem líder. Outra eventualidade que se tinha em conta era uma nova rebelião messênia, na qual os rebeldes se retirassem aos campos, tendo que imiscuir-se Esparta em uma suja guerra de guerrilhas contra eles para caçá-

los e exterminá-los pouco a pouco. Isso como verá mais adiante, realmente aconteceu.

Tudo estava bem pensado: a palavra Krypteia se sussurrava entre os jovens espartanos como um ritual de sentido profundo, uma gesta secreta, uma prova de masculinidade que assinalava uma nova etapa em suas vidas. Imaginemos o sentimento de poder e eternidade que punha em marcha a Krypteia.

Outro exemplo que nos descreve a falta de escrúpulos dos espartanos com seus inferiores nos oferece o seguinte evento, ocorrido em 424 AEC: o poder espartano tinha razões para pensar que os helotas iam se rebelar. Depois de uma batalha na qual Esparta usou recrutas helotas, se deu a liberdade a 2.000 helotas que haviam se distinguido por seu valor em combate. Após terem organizado um banquete para que o celebrassem, e tendo posto coroas de louros sobre suas cabeças, os éforos ordenaram que matassem a todos. Não se soube mais nada daqueles 2.000 helotas. Desapareceram no bosque sem deixar rastros. E como os helotas mais valentes haviam sido eliminados nessa imensa krypteia, a população helota, despojada de líderes, não se rebelou: imaginemos como ficaram os desolados compatriotas dos helotas mortos, pensemos no devastador efeito psicológico-propagandístico que teve. Naquela época, 2.000 homens era uma cifra monstruosa.

Essa anedota crê que patenteia claramente que os espartanos abandonava todo tipo de cavalheirismo, código de honra ou conduta moral quando acreditavam que estavam defendendo a existência de seu povo.

Nunca esqueçamos que os grandes impérios se forjaram com sangue. Os impérios antigos eram os melhores – em primeira instância – por que matavam muito e bem, e era sobre essa escura base que se conquistava a paz e a prosperidade que permitiriam a construção de uma cultura superior. Os indos-arianos, os iranianos, os romanos, os espanhóis, os ingleses ou os alemães conquistaram espaço através da matança de seus inimigos, e o vazio criado por essas mortes foi preenchido com a essência superior de uma grande civilização.

Outra das leis espartanas de conotações racistas e “anti-decadência” foi à proibição das tintas de cabelo. No resto da Grécia eram frequentes as tinturas, as perucas loiras e os métodos de clareamento do cabelo, assim como os penteados elaborados e extravagantes, como sucedeu na Babilônia

e na Etrúria, e como sucedeu na Roma decadente. Em uma etapa de involução na qual a estirpe helênica originária estava se diluindo pela mistura, as tinturas de clareamento capilar eram muito apreciadas e abundantes, especialmente entre as mulheres. Na Roma decadente aconteceu algo idêntico: as romanas, corrompidas pela perda da pureza latina original e pelo luxo meridional, confeccionavam perucas com cabelos dourados cortados de prisioneiras germânicas.

A afluência de estrangeiros era ciumentamente limitada, de tal maneira que só se podia visitar Esparta por um motivo de peso comprovado. Igualmente, apenas aos próprios espartanos era permitido viajar ao exterior, e inclusive o comércio de escravos era proibido em Esparta. Isso era motivado pelo interesse que tinha a elite espartana em que seu núcleo puro não fosse corrompido pela moleza dos costumes estrangeiros, que para nós – jovens do presente – seriam duros, porém nem perto da dureza dos de Esparta. Os espartanos eram, enfim, profundamente xenófobos.

Já o vimos: os métodos espartanos para manter baixos os números de sangue mestiço eram mediante a matança, o terror, o esmagamento moral, a humilhação... E a Krypteia.

Capítulo 14 – A Guerra

“Toda felicidade na Terra está, amigos, na luta. Sim, para chegar a ser amigos é preciso a fumaça da pólvora. Três vezes estão unidos os amigos: irmãos perante a miséria, iguais perante o inimigo, livres perante a morte.”

(Nietzsche, “A Gaia Ciência”, Prólogo XLI)

“Mais suor em tempo de paz, menos sangue em tempo de guerra.”

(Lema militar anglo-saxão)

A guerra para os espartanos era uma autêntica festa, e agora veremos por quê.

Durante as guerras, as autoridades relaxavam os aspectos mais duros de sua sólida e brutal disciplina. Permitiam que os soldados enfeitassem suas armas, armaduras, roupas e cabelos. Suavizavam a dureza dos exercícios e permitia a seus homens um regime disciplinar menos severo em geral, ademais de comidas mais abundantes e plenas. Como consequência, para eles “a guerra era um descanso de preparação para a guerra”, como escreveu Plutarco, e isso os fazia preferir inconscientemente a guerra à paz.

Cada espartano era um hoplita (palavra que provém de *hoplon*, escudo), uma formidável máquina de guerra, uma arma de destruição massiva, um soldado de elite de infantaria, bem treinado, e armado e equipado com o melhor de sua época – um peso aproximado de 30-36 kg.

O soldado espartano portava:

- Uma lança de dois metros (que também tinha ponta em seu extremo inferior, com o objetivo de finalizar os caídos).
- Um escudo (hoplon ou aspis) de 90 centímetros de diâmetro, 9 kg de peso e forrado com bronze. No centro do escudo havia pintada uma abelha (recordemos que a abelha era um atributo da Deusa Ártemis) em tamanho natural. Sempre era dito aos espartanos que a distância ótima para atacar era aquela na qual a abelha pudesse se distinguir bem.
- Um punhal.

- Uma armadura feita com placas metálicas que permitiam certa mobilidade.

- Um elmo que estava desenhado de tal modo que cobria toda a cabeça e envolvia bem o rosto apesar de deixar fendas para os olhos, o nariz e a boca. Esse elmo provavelmente evoluiu a partir de um modelo mais primitivo, como os que utilizavam os germanos, que geralmente constavam de uma calota que protegia a frente e o crânio, uma protuberância que descia do cenho para proteger o nariz, e duas protuberâncias dos lados que cobriam as orelhas ou as bochechas, e cuja finalidade era proteger dos ataques laterais à cabeça.

- Gravas que protegiam as tíbias e os joelhos

- Uma espada chamada *xyfos*, que se pendurava sobre a coxa esquerda, e que era particularmente curta para ser manejada em filas compactas onde não era bem vindo o estorvo de uma espada longa. Os atenienses zombavam da pouca longitude das espadas espartanas, e os espartanos lhes respondiam “quem não teme se aproximar do inimigo não precisa de espadas longas”.

O hoplita espartano levava ademais uma capa, que era vermelha para dissimular a corpo sangue. As cores visíveis eram, pois, o vermelho da capa, o dourado do bronze, e as cores branca e negra – em alguns lugares em desenho xadrez -, como símbolo dualista. O aspecto do hoplita espartano armado até os dentes devia ser certamente imponente.



Os hoplitas espartanos iam descalços ao combate, porto que seus pés estavam tão curtidos que sua pele era mais dura que qualquer calçado. Com eles podiam escalar rochas ásperas e pisar neve ou arbustos sem se importar. Seu escudo – ferramenta importantíssima e símbolo de camaradagem cuja perda era uma ignomínia (assim como para os germanos, segundo Tácito) – portava a letra helênica Lambda (Λ), a equivalente helênica à Runa Laf, que representa o som “L”, como inicial de Lacônia, Lacedemônia e Licurgo. Ainda que, se fosse pelo significado simbólico, sem dúvida a Runa Ur- que em ocasiões se representava exatamente igual à Lambda e simbolizava a virilidade – seja uma “tradução” mais adequada. A frase associada à dita runa segundo Guido Von List era: “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás tudo.” Esse símbolo de masculinidade, esforço e ascensão era sem dúvida o que melhor representava a Esparta, dado que toda a disciplina espartana de austeridade, sobriedade, depuração, luta e sacrifício era algo exaltadamente viril e ascendente.

Voltemos agora a dirigir nossa atenção aos guerreiros espartanos. Como eram as batalhas? Os capitães arengavam a seus homens com uma fórmula tradicional que rezava: “Adiante, armados filhos de Esparta, entrai na dança de Ares!” Em combate marchavam em filas bem fechadas, com calma, disciplina e gravidade, confiando na incomensurável dureza de toda sua instrução, ao som dos pífaros e entoando o solene canto de marcha conhecido como o Pean – hino a Apolo. Essa formação fechada era chamada Falange – da qual os espartanos eram os maiores mestres, levando a cabo táticas que os demais generais gregos consideravam extremamente complicadas. Os escudos formavam uma muralha impenetrável desde o qual os soldados, em fileiras apertadas, cotovelo com cotovelo, ombro com ombro, e escudo com escudo, apunhalavam e cortavam com suas lanças e espadas. Os macedônios e os romanos (inclusive, a sua maneira, os tercios espanhóis e os exércitos dos séculos XVIII e inclusive XIX) herdariam essa forma de combater que punha especial ênfase na ordem fechada. John Keegan, em sua “História da Guerra”, o explica muito bem:

“Após cruzar uma terra de ninguém quiçá de 150 metros às presas, sob um peso de armas e couraça de mais de 32 kg, os contundentes investiam. Cada indivíduo teria escolhido um espaço para o momento do choque, com a intenção de introduzir a ponta da lança no resquício existente entre um escudo e outro, e tratando de acertar em uma porção de carne não protegida pela couraça: garganta, axila ou virilha. A oportunidade era efêmera. Conforme a segunda e sucessivas fileiras se apinhavam por efeito do encontrão, a falange, em uníssono, largava o peso de sete homens sobre as

costas dos primeiros da fila em colisão com o inimigo e sob esse impacto alguns homens caíam inevitavelmente mortos, feridos ou esmagados pelos de trás; isso podia criar uma brecha no muro de escudos e os das fileiras segunda e terceira se esforçavam para ampliá-la com as lanças, espetando desde sua posição relativamente protegida. Se a brecha se aumentava, produzia-se o *othismos* ou “empurrão com o escudo” para abri-la ainda mais e criar mais espaço para poder desembainhar a espada, segunda arma do hoplita, e proporcionar talhos nas pernas do adversário; e era o *othismos* o método mais eficaz, pois podia produzir a *pararrexis* ou “rotula” quando aqueles mais fortemente apurados pela pressão do inimigo cediam ao impulso de fugir, e desfaziam as fileiras de trás us, o que era mais humilhante, tratavam de retroceder a partir da mortífera brecha, contagiando de pânico seus companheiros.”.

Como vemos, era um tipo de guerra que exigia muito boa preparação, um tipo de combate metódico que contrastava com o anterior combate bárbaro – mais aberto, livre, individualista e furioso. A evolução da guerra assinalava a evolução do povo: haviam descoberto que eram mais fortes unidos e bem coordenados, como se fossem uma só entidade – um Deus.

Todas as mudanças de direção ou de ataque eram comunicadas mediante a música dos pífanos. Hoje em dia, na ordem militar fechada, as ordens podem ser dadas com uma corneta. Cada melodia representa uma ordem determinada. Em verdade, toda a ordem fechada dos exércitos modernos não é mais que uma herança do espírito da falange espartana, uma instituição socialista até a medula. Apesar de que a ordem fechada não seja a chave do êxito no combate, é inegável que reforça a coordenação coletiva, a camaradagem, o orgulho, o *Esprit de Corps* e a ritualidade cerimonial que tanto importa em nossos dias, e que tanta diferença pode ainda marcar na hora de converter um conjunto de homens em uma unidade.

As batalhas eram sanguinárias e cruéis. Obviamente, o enfrentamento era de corpo a corpo, e os ataques se faziam cortando ou atravessando com os fios ou pontas de lâminas de metal extremamente afiadas. Isso produzia feridas e mutilações terríveis. Como consequência, apareciam numerosos feridos de guerra e aleijados. Que faziam esses aleijados em um Estado como Esparta? Apresentavam-se na batalha com o maior fanatismo, para acelerar a própria destruição e a chegada de sua glória. Era normal que veteranos mancos (recordemos Cervantes), cegos, coxos e outros mutilados combatessem nas fileiras espartanas. A um hoplita espartano cego, um estrangeiro perguntou por que ia combater nesse estado. O cego respondeu

que “no mínimo, estragarei a espada do inimigo”. Um povo cujos homens tenham essa mentalidade é invencível.

Como qualquer heleno da época, e como qualquer bom ariano antigo, o espartano pensava que ao cair em combate iriam aos Campos Elíseos, onde os heróis caídos desfrutavam da plenitude e da sublimação espiritual. Alguns alcançariam o próprio Olimpo dos Deuses. Os espartanos que marchavam ao combate recebiam sempre o escudo das mãos de sua mãe, que o entregavam com as graves palavras: “Volte com ele ou sobre ele” – voltar com o escudo ou sobre o escudo, com vitória ou com morte, por que em caso de cair em combate, os camaradas co-caídos levavam seu cadáver e depois suas cinzas sobre o escudo. Os espartanos, como todos os arianos desde a Escandinávia até a Índia – e muito além de ambas – praticavam o ritual funerário da incineração. O escudo era, pois, um símbolo lunar equivalente à taça, que recolhe a essência solar do herói caído e, como a taça (ou como a “maçã do pecado”), estava relacionada com o arquétipo da mulher. De fato, a mulher entregando o escudo ao homem é um motivo arquetípico bastante comum na arte ocidental. Para um homem moderno é difícil compreender o significado místico desse “ritual”. O escudo tinha, como um talismã, a faculdade de proteger, e não só a si mesmo, mas sim aos camaradas de armas. Por isso o escudo devia ter uma consideração quase mágica.

Os espartanos rendiam culto à guerra. Toda a doutrina ariana de lealdade, guerra e ressurreição do herói permitia aos espartanos marchar ao combate mais encarniçado com uma calma, serenidade e alegria que em nossos dias poucos compreendem e muitos repudiam, pois sabendo que eles mesmos seriam incapazes de fazê-lo, a única coisa que lhes resta é vilipendiar o que, por valor próprio e por vontade interior, sim é capaz. Pode-se alegar que os demais gregos também eram herdeiros dessa doutrina, porém realmente foram os espartanos os únicos que a interiorizaram e a compreenderam de verdade. Antes dos combates, a tranquilidade era óbvia entre eles: alguns penteavam, limpavam ou cuidavam com esmero de seus longos cabelos. Outros enceravam suas armaduras e capacetes, limpavam ou afiavam suas armas, faziam exercícios atléticos ou se mediam entre si em combates de boxe ou luta livre. Inclusive antes da lendária Batalha das Termópilas, os observadores persas informaram ao atônito Imperador Xerxes que os espartanos estavam lutando entre si e penteando os cabelos.

A camaradagem, forjada nas situações difíceis, inclusive frente à morte, era uma parte importantíssima da sociedade espartana, pois reforçava a união e a confiança mútuas. O culto à força, à beleza, à competência e à masculinidade, fazia com que os camaradas de armas se superassem e

protegessem mutuamente. Muitas vezes, homens adultos tomavam sob sua proteção um jovem ou criança, ainda que nesse caso a relação fosse do tipo mestre-aluno, mentor e apadrinhado, como era a relação entre Aquiles (o jovem e vigoroso herói temerário) e Pátroclo (seu prudente e sábio mentor, mais velho que ele), relação que, sem nenhum tipo de justificativa, foi classificada sem mais nem menos como homossexual pelos professores do Sistema.

E é aqui onde os astutos enfermiços de nossos tempos crepusculares tem metido seus grandes narizes, referindo-se a uma época na qual os Estados gregos decadentes desfiguraram essas relações.

O ritmo de vida que levava o varão espartano era de uma intensidade como para matar a uma manada de rinocerontes, e nem se quer as mulheres de Esparta teriam podido suportá-lo. Assim pois, o mundo da milícia espartana era em si mesmo todo um universo – um universo de homens. Por outro lado, a intensa relação afetiva, o culto à virilidade e a camaradagem que se dava entre os componentes do binômio, entre mestre-aluno, na falange de combate e em toda a sociedade – e que os débeis de nossos tempos não entendem nem poderão entender jamais -, serviu para alimentar em nossos dias o falso mito da homossexualidade. E isso apesar de que os componentes do binômio eram considerados irmãos, pois a cada espartano lhe era inculcado que cada varão de sua geração era seu irmão.

Sobre isso, escreveu Xenofonte:

“Os costumes instituídos por Licurgo estavam em oposição a todos os outros. [Às dos outros Estados gregos, principalmente Atenas e Corinto.] Se alguém sendo um homem honesto admirava a alma de um jovem e tentava fazer dele um amigo ideal sem defeitos e associar-se com ele, aprovava, e acreditava na excelência desse tipo de treinamento. Porém se estava claro que o motivo da atração era a beleza exterior do jovem, proibia a conexão como uma abominação, e assim os pretendentes se abstinham dos jovens não menos do que os pais se abstém de relações sexuais com seus filhos, ou irmãos e irmãs entre eles.”
(“Constituição dos lacedemônios”, dois.).

Aqui vimos que tal relação entre homem e adolescente em Esparta era do tipo mestre-aluno, fundada no respeito e na admiração, e constituía um treinamento, um modo de aprender, uma instrução a sua maneira. A sacralidade da relação mestre-aluno ou instrutor-aspirante, foi impugnada pelo Sistema desde muito tempo, assim como a camaradagem. E mesmo assim, ambos os tipos de relações são o fundamento da unidade dos

exércitos. Hoje em dia, as crianças crescem à sombra da influência feminina das professoras, inclusive até a adolescência. É difícil saber até que ponto a falta de influência masculina limita suas vontades e suas ambições, convertendo-os em seres mansos, maleáveis e manipuláveis, que é o que ao Sistema lhe convém.

Outros falaram sobre a instituição espartana do amor de mestre a discípulo, porém sempre deixaram claro que esse amor era “casto”. O romano Aelio disse que se dois homens espartanos “sucumbiam à tentação e se permitiam relações carnavais, deviam redimir a afronta à honra de Esparta indo-se em exílio ou acabando com as próprias vidas.” O que significava basicamente que a pena pela homossexualidade em Esparta era a morte ou o exílio (considerado naqueles tempos pior do que a morte).

Cabe mencionar que se a homossexualidade era em verdade algo tão natural para os helenos originários como foi para os gregos dos Estados decadentes, a mitologia helênica estaria infestado de referências explícitas de relações sodomitas, e não está, já que a homossexualidade foi uma praga alheia ao espírito helênico que apareceu quando Grécia já decadente. Isso bem o atesta as repelentes cenas pintadas sobre algumas vasilhas, cenas cujo estilo nos recorda inevitavelmente os etruscos, e que nos assinalam que a raça pré-ariana havia voltado a prevalecer sobre os conquistadores arianos, não mediante a guerra, mas sim através da mistura. Na época de Platão, por exemplo, a homossexualidade estava começando a ser tolerada na própria Atenas. Ainda assim, os autores antigos e até alguns modernos deixam claro que nessa sujeira Esparta não caiu. E não poderia ser de outra maneira, posto que um verdadeiro guerreiro abraça a camaradagem e repudia a homossexualidade.

Já em tempos remotos, e também agora, os medíocres amaneirados e cândidos, sem caráter nem personalidade, e concupiscentes até o tutano, acusam sempre de homossexualidade a todos os pontos de referência que possamos ter da Raça Ariana: desde os espartanos até os romanos, e desde os templários até os Nacional-Socialistas, ou inclusive os atletas como coletivo, passando por todos os grandes líderes e artistas da História. O sistema foi muito inteligente em fomentar essa corrente, pois sabota de entrada o interesse que qualquer pessoa possa sentir por esses assuntos.

Porém isso não muda o fato de que nossos astutos instrutores judeus e pró-judaicos sigam tentando apagar de nossas mentes a realidade, e é que a suja homossexualidade, a aberração sodomita, sobrevém tão somente em épocas de decadência e perdição irremissíveis – como em efeito acabou sucedendo

nas etapas decadentes de Babilônia, Grécia ou Roma, por exemplo – e como, de fato, está acontecendo agora em todo Ocidente.

Capítulo 15 – A Batalha de Termópilas como Exemplo do Heroísmo Espartano

“Nosso orgulho é o que nos faz cumprir com nosso dever.”
(Nietzsche)

“Uma luta desesperada permanece para sempre como um exemplo resplandecente. Recordemos a Leônidas e a seus trezentos espartanos!”
(Adolf Hitler, Berlim, 1945).

Ter visto o filme “300” não implica em saber sobre a Batalha de Termópilas. O desenvolvimento da batalha aparece ali muito resumido, e não é preciso. A verdadeira história da Batalha oculta muitos detalhes interessantes.

Trata-se de uma das batalhas mais famosas da História e decidiu o futuro da Europa. Mais ainda, nela os espartanos demonstraram ao mundo sua imensa qualidade.

A Batalha das Termópilas veio marcada dentro do contexto das guerras médicas, cujo catalisador foi à ampliação da presença grega na Ásia Menor com a extensão de suas colônias no Leste. Durante a Primeira Guerra Médica, o Imperador Dario de Pérsia foi derrotado na famosa Batalha de Maratona de 490 AEC, após a qual Esparta e Atenas firmaram um pacto militar orientado à defesa da Grécia contra os persas em um futuro próximo. Dario foi sucedido após sua morte em 485 AEC pelo Imperador Xerxes, cujas ambições eram maiores, já que pensava em apossar-se de grandes extensões da Europa.

Situemo-nos.

A Pérsia era um vasto domínio regido por uma casta nobre iraniana, os descendentes dos povos Medas que, junto com os persas antes deles e os partos depois, monopolizaram, durante sua existência, o domínio do Império – o maior do mundo – que abarcava desde a Turquia até o Afeganistão. A Pérsia era um estado unido e centralizado, contava com vastas multidões, exércitos massivos e especializados, e intermináveis extensões de terra. Sua existência já de per si era uma façanha digna dos arianos que a fizeram possível. Ainda que a herança desse Império fosse claramente ariana, se havia convertido em um abismo de mestiçagem, já

que exercia seu domínio sobre uma ampla variedade de povos não arianos que constituíam os estratos sociais inferiores.

Ademais, no que hoje é Túnis, os púnicos de Cartago, aliados da Pérsia, estavam preparados para cair sobre os domínios gregos na Itália e na Sicília. Europa se enfrentava com hordas não arianas e com sangue oriental, por muito que estivessem a serviço de uma aristocracia ariana.

Grécia, por outro lado, a parte de ser infinitamente menor, nem se quer era um Estado, mas sim abarcava uma série de cidades-estados ou polis que comumente guerreavam insensatamente entre si. Não havia vontade de Império (isso chegaria com os macedônios). O nível racial era, em seu conjunto, muito superior na Grécia do que na Pérsia, e a firma organização existente nas polis helênicas fazia com que a Grécia fosse o único obstáculo de peso na conquista da Europa Oriental por parte da Pérsia.

No ano de 481 AEC, antes da invasão da Grécia, a Pérsia enviou a Esparta dois embaixadores persa para oferecerem a possibilidade de rendição. O Rei Leônidas diretamente ordenou que fossem arremessados em um poço. Esse ato impulsivo, pouco “diplomático” e muito condenável, tem uma explicação: Leônidas não havia sido educado como príncipe espartano porque em um princípio o trono não lhe correspondia. Havia um rei, porém tinha saúde ruim e não sobreviveu, razão pela qual sua sucessão recaiu sobre o seguinte da linha, que já havia sido educado como príncipe em previsão dos problemas de saúde do anterior. Esse, porém, caiu em batalha, e de repente Leônidas se viu no trono de Esparta, tendo sido educado como uma criança espartana normal, e sem a “finura” diplomática que se imparia na educação principesca.

Leônidas era um soldado. Contundente, simples e sem rodeios. É patente, em todo caso, que o Eforato não considerou justo o assassinato dos embaixadores, posto que mandasse dois voluntários espartanos para irem à Pérsia, apresentar-se perante Xerxes e oferecer-se como sacrifício para “expiar” a tremenda injustiça cometida contra os embaixadores persas. Xerxes rechaçou a oferta e os deixou partir. Não queria cometer um erro similar, nem sujar as mãos de sangue, nem ser considerado culpável de desonra.

Os atenienses eram mais finos. Quando chegaram os embaixadores persas com suas ofertas, eles as rechaçaram sem mais, cortesmente.

Nesse mesmo ano, Xerxes enviou emissário a todas as cidades gregas à exceção de Esparta e Atenas, para obter sua submissão. Muitas,

aterrorizadas perante seu poderio, se submeteram, enquanto outras, prudentemente, se declararam neutras ainda que suas simpatias estivessem com a Grécia. Esparta e Atenas, vendo que se perfilava uma aliança anti-helênica, fizeram um chamamento às demais polis para formarem uma aliança contra a Pérsia. Poucas responderam. A Pérsia era a nova superpotência, a nova estrela. Seu avanço avassalador era um fato. E seu triunfo quase se dava como garantido.

Pérsia começou a embarcar seu exército (o maior do mundo) e o transportou a Europa com o fim de conquistar a Grécia. Segundo Heródoto, o Exército Persa se compunha de dois milhões de homens. Na atualidade, alguns reduziram essa cifra inclusive a 250.000 ou 175.000 (incluindo 80.000 de cavalaria), porém segue tratando-se de um exército massivo e esmagador, com uma entidade numérica brutal, especialmente se a compararmos com a minúscula força grega. À medida que avançava a maré persa, todos os povos pelos quais passavam se submetiam sem lutar.

Os aliados helênicos se reuniram então em Corinto. Enviados de Esparta, Atenas, Corinto, Tebas, Platea, Téspias, Fócis, Tessália, Egina, etc., debateram sobre a estratégia a ser seguida. Foi formada a Liga do Peloponeso, confirmando a aliança helênica para resistir ousadamente à Pérsia. Quase todas as polis do Peloponeso (excluindo Argos, tradicional e obstinada inimiga de Esparta) se uniram à aliança. A Liga foi posta sob comando de Esparta, como não poderia ser de outra maneira, pela confiança que tinha toda a Grécia em seus homens. O Comandante-em-Chefe das tropas da Liga foi o famoso Rei Leônidas I de Esparta.

As ligas eram algo recorrente na Grécia, e expressavam as tendências mais “federalistas”, que buscavam de algum modo a unificação. Algumas ligas se criavam apenas para fazer frente a um inimigo comum, dissolvendo-se depois, e outras ligas perduravam por mais tempo, já que perseguiam fins políticos e comerciais de longo prazo. A Liga do Peloponeso foi uma das efêmeras “ligas de emergência”.

Formou-se um exército de 10.000 gregos peloponésios, postos sob o comando do espartano Eveneto. Já que haviam concordado em defender o Passo do Templo, ali se posicionaram, nas ladeiras do Monte Olimpo, no Nordeste da Grécia. Mesmo assim, O Rei Alexandre I da Macedônia, que tinha boas relações com a Pérsia, porém tinha simpatia pelos helenos e especialmente por Esparta, advertiu aos comandantes espartanos do Exército Peloponésio de que a posição era demasiado vulnerável pela presença de vários caminhos, e assim decidiram abandoná-la em favor de

algum outro posto mais defensável. Nesse momento os tessálios, vendo-se já perdidos, se submeteram à Pérsia.

O lugar definitivo para a defesa da Grécia se estabeleceu no Desfiladeiro das Termópilas. Termópilas significa em grego “portas quentes”, já que segundo a lenda, Hércules se havia precipitado em suas águas para apaziguar o fogo interior que o atormentava, convertendo as águas do lugar em térmicas. A zona era basicamente um estreito passo entre o empinado Monte Otea e o mar. Em sua parte mais estreita, o desfiladeiro tinha 15 metros de largura. Isso significava que, ainda que os gregos fossem menores em número, pelo menos os combatentes se enfrentariam em um funil que igualava o equilíbrio, já que só um número determinado de guerreiros de cada bando poderia lutar de cada vez. E ainda assim era desesperado, posto que os gregos não tardassem em cansar-se, enquanto que os persas contariam sempre com ondas de tropas frescas.

Segundo Heródoto, os espartanos receberam do Oráculo de Delfos a seguinte profecia:

“O vós, homens que morais nas ruas da extensa Lacedemônia! Ou bem vossa gloriosa cidade será saqueada pelos filhos de Perseu ou, ao contrário, a terra da Lacônia chorará a morte de um rei da estirpe de Hércules. Pois Xerxes, poderoso como Zeus, não será detido pelo valor dos touros ou dos leões. Proclamo, enfim, que não se deterá até haver alcançado sua presa: vosso rei ou vossa cidade, devorando-os até os ossos.”

Quer dizer, ou morreria um rei de Esparta, ou cairia à própria Esparta. Pensemos em como deveu influenciar Leônidas essa profecia. De repente, um pesado fardo de responsabilidade foi descarregado sobre seus ombros. Essa monstruosa fatalidade, que mataria de susto a maioria e faria suar e tremer outros muitos, foi acolhida pelo rei com dignidade e sentido do dever régios. A missão de qualquer espartano era sacrificar a vida por sua pátria se fosse necessário. Era algo natural e alegre para eles.

No verão de 480 AEC, as tropas peloponesas chegaram às Termópilas e levantaram ali seu acampamento. Havia uns 80 homens de Micenas, 200 de Fliunte, 400 de Corinto, 400 de Tebas, 500 de Mantinea, 500 da Tegéia, 700 de Téspias, 1.000 da Fócia, 1,120 de Arcádia e todos os homens de que dispunha Lócra. Os atenienses estavam ausentes, pois havia posto seus hoplitas e seu empenho na frota naval, ainda que fossem também ridículas comparadas com a persa. Porém o bando mais heroico, o grupo que mais ovações e aplausos deve ter recebido, a formação cuja mera presença infundiu ânimo e confiança, foi o bando de tão somente 300 espartanos que

se apresentou à Batalha. Assim, formavam juntos uns 7.000 gregos – 7.000 gregos contra 250.000 persas (dois milhões segundo Heródoto e 175.000 segundo outros historiadores modernos). Imaginemos a variedade de cores daquela congregação, o brilho do bronze, o ambiente solene, os comentários sobre os bandos estrangeiros, os emblemas sobre os escudos, as típicas fofocas das rivalidades masculinas e militares, aquele sentimento de união, de respeito e de destino comum. O acampamento inteiro devia estar rodeado de uma aura de virilidade e heroísmo (tal aura resultaria mortalmente venenosa para feministas-sodomitas-pacifistas modernos). Esses gregos, em sua maioria, eram hoplitas e estavam bem instruídos. Desde jovens se haviam acostumado a manejar as armas e a exercitar seu corpo. Mesmo assim, o único exército “profissional” que havia era o espartano, já que nos demais lugares os hoplitas viviam com suas famílias, treinavam por conta própria e só eram chamados em caso de guerra, enquanto que em Esparta estavam permanentemente militarizados desde a infância, sob a terrível disciplina que os caracterizava, e jamais deixavam de treinar.

Entre os persas, não obstante, a situação era muito diferente. Apesar de contar indubitavelmente com a vantagem numérica e de recursos, a maioria de seus homens eram não arianos do tipo mourisco, que haviam sido recrutados à força e não tinham instrução militar. À diferença dos gregos, que, condicionados por seu terreno, haviam obstinado em aperfeiçoarem-se em nível de infantaria heroica, os persas contavam com uma formidável cavalaria, carros de combate e excelentes arqueiros. Nas imensas planícies asiáticas, dominar esses tipos de formas de guerra era essencial.

O Império Persa contava também com uma famosa unidade de elite chamada Os Imortais, composta de 10.000 guerreiros seletos escolhidos entre os aristocratas persas e medas, e que constituíam a Guarda Real do Imperador, colocada às ordens do General Hidarnes da Pérsia. O oficialato persa se compunha, assim, de membros da casta ário-iraniana.

Quando Xerxes chegou ao passo, acampou suas tropas na entrada, em Tráquis. Leônidas, tão pronto chegou às Termópilas, mandou reconstruir o antigo muro de 2 metros na parte mais estreita do passo, e fortificar as tropas atrás dele. Tendo sido informado de que existia um caminho que rodeava o desfiladeiro para dar no outro lado, destacou os 1.000 focenses para que defendesse esse caminho.

Xerxes – não concebendo que os gregos se obstinassem em lutar – enviou sobre o terreno um emissário para negociar com Leônidas, animando-o a entregar as armas. A resposta lacônica do soldado foi “Venham pega-las!”.

Nessa mesma noite, quando um hoplita da Lócria comentava em tom derrotista que a nuvem de flechas dos arqueiros persas escureceria o céu e converteriam o dia em noite, Leônidas respondeu: “Então lutaremos na sombra.”.

Na manhã seguinte, as tropas formaram. Os persas agruparam milhares e milhares de medas e quísio (povos arianos) e os posicionaram na entrada do passo. Em um princípio, suas ordens eram de capturar vivos os gregos, já que o confiante Xerxes pensava em carrega-los acorrentados e exibi-los pela Pérsia como troféus, ao estilo dos posteriores triunfos romana. Leônidas, por sua parte, mandou formar os gregos na parte mais estreita do desfiladeiro, e ocupou seu posto real na extrema direita da falange. Decidiu não misturar os contingentes dos distintos povos, já que segundo sua experiência, os soldados preferiam morrer ao lado de camaradas conhecidos, e lhes era mais difícil fugir do combate se os que abandonavam à própria sorte eram amigos de toda a vida. Leônidas pôs seus espartanos à frente da formação, como ponta de lança. Seriam os primeiros a entrar em combate.

Os persas avançaram e entraram no desfiladeiro ameaçadoramente. Os espartanos entoaram o “Peân” com solenidade religiosa. Quando os persas começaram a atacar entre gritarias avassaladoras, a inexorável trituradora de carne da gloriosa Falange Espartana se pôs a funcionar em silêncio. Os persas se chocaram contra a muralha de escudos com um estrondo ensurdecedor, brandindo suas armas e espetando-se finalmente nas lanças espartanas. Imaginemos o aspecto que deveu apresentar aquilo. O sangue que deve ter corrido, as gloriosas ordens dadas a grito, os gritos de guerra e de dor, os cortes e punhaladas, as lanças avermelhadas entrando e saindo ritmicamente, atacando com precisão os pontos fracos ou pouco protegidos dos corpos inimigos, como sinistras puas a partir da couraça de escudos salpicados de sangue, os choques e os golpes, as feridas terríveis, os cadáveres dos caídos, os espartanos mantendo a calma e o silêncio em meio a confusão e o terrível estrépito do combate; os persas – valentes porém ineficazes – imolando-se em uma gesta gloriosa. Os espartanos pareciam estar no ápice, e ali onde estavam, inspiravam os demais gregos a imita-los, fazendo-os ver que a vitória era possível e elevando a moral. Estavam demonstrando que seu socialismo de união e sacrifício era claramente superior a qualquer outro sistema político, e que eram os mais preparados para enfrentar a Idade do Ferro.

Xerxes – diferentemente de Leônidas – não combatia. Sentado sobre seu trono de ouro, situado em um posto idôneo, observava com horror o que estava sucedendo: suas tropas estavam sendo massacradas

catastroficamente. Os persas tinham armaduras muito mais leves e ineficazes que as pesadas couraças gregas, já que o tipo de luta persa estava baseado na mobilidade, rapidez, fluidez e na flexibilidade de grandes multidões, enquanto que a grega estava baseada na resistência organizada, na precisão, na coordenação, na dureza do diamante e na vontade de resistir como pedras. Ademais, as lanças persas eram mais curtas e menos grossas, e não podiam alcançar os espartanos com facilidade. Caíram às centenas, enquanto que os espartanos apenas tiveram feridos. Os melhores oficiais persas arianos caíram quando, ao ir à frente de suas tropas não arianas para tentar inspira-las, eram feridos pelas armas helênicas. Quando Leônidas mandou relevar os espartanos, passando outras unidades a entrar em combate, a situação continuou: os persas caíram massacrados. Diz-se que três vezes Xerxes pulou de seu trono ao ver o que estava acontecendo, como um treinador de futebol que vê como sua equipe é goleada. Leônidas se limitou a dizer que “os persas tem muitos homens, porém nenhum guerreiro”.

O General Hidarnes mandou recuar o contingente de quísios e medas, descobrindo um solo de cadáveres destroçados. E mandou entrar em combate os seus Imortais, convencido de que conseguiria mudar o curso da batalha. De sua parte, o Rei Leônidas mandou que seus espartanos se situassem novamente na vanguarda. Os Imortais avançaram impassivelmente sobre os cadáveres dos persas caídos, e com um glorioso valor investiram furiosamente contra a Falange Espartana. Os espartanos sofreram algumas baixas, porém sua falange não se desfez. De sua parte, os Imortais, às dezenas, eram atravessados por longas lanças e caíram feridos e mortos. Muitos caíram nas águas do Golfo de Malis, onde vários, ou por não saber nadar, ou pelo peso de suas armas e armaduras, ou arrastados pelas correntes marinhas, morreram afogados.

Os espartanos puseram em prática suas táticas mais treinadas e complicadas de executar, demonstradoras de uma perfeita instrução que só eles possuíam. Abriam brechas por onde penetravam inimigos confiantes, apenas para serem cercados e massacrados por rápidas lanças que surgiam de todos os lados. Outras vezes simulavam entrar em pânico e fugir em debandada, após o quê os persas os perseguiram encorajados e em desordem. Porém os espartanos, exibindo sua maestria em táticas de manobra, logo davam a volta, tornando a formar rapidamente a falange ocupando cada um seu lugar no último momento e rasgavam rapidamente as fileiras persas, semeando cadáveres e regando-os com sangue. Assim transcorreu um dia inteiro. Quando chegou a noite, os combatentes se

retiraram e tiveram seu repouso. Os gregos estavam exaustos, porém com a moral altíssima. Os persas, ao contrário, estavam menos cansados, porém com a moral no chão. Devia perguntar-se se eles eram tão ruins ou se eram os gregos que eram bons demais.

No amanhecer seguinte recomeçou o combate. Xerxes enviou persas frescos esperando que talvez abrissem brechas nos extenuados defensores gregos. Nada mais distante da realidade. Onda após onda, os gregos rasgavam o inimigo novamente. O terror começou a se espalhar entre os persas. Muitas vezes tentaram escapar dos espartanos, e seus oficiais os fustigavam com chicotes para obrigar-lhes a voltar ao combate. Isso não nos lembra, por acaso, os comissários comunistas sacrificando onda após onda na Frente Oriental? Naturalmente, esta não era uma guerra judaica e os oficiais persas não eram judeus, mas sim arianos. Ainda havia honra, e isso dava à guerra um ar glorioso e cavalheiresco.

A essa altura, Xerxes devia estar maravilhado e desesperado ao mesmo tempo. Sua frota não havia derrotado a frota grega no Cabo Artemísio, e não podia flanquear as Termópilas por mar. Então sucedeu a traição, maldição de heróis. Um pastor local chamado Efialtes pediu para falar com Xerxes e – em troca de uma grande soma de dinheiro – lhe revelou a existência do caminho que beirava o desfiladeiro, em um processo arquetipicamente similar ao que se reproduziram muitos séculos depois no Castelo de Montségur. O General Hidarnes, a mando dos Imortais, se encarregou de atravessar o caminho, guiado por Efialtes. Quando percebeu à distância uns gregos preparando-se para a luta, hesitou por um instante e perguntou a Efialtes se eram espartanos. Esse lhe disse que eram focenses, e Hidarnes prosseguiu. Desde esse momento, a sorte já estava selada: a partir de então, os gregos estavam condenados. Perderiam a batalha inevitavelmente.

Leônidas, de sua parte, recebeu uns mensageiros (provavelmente tessálios arrependidos que lutavam sob os persas) que lhe informaram que seriam cercados pelos persas. E os gregos realizaram imediatamente um conselho. Leônidas sabia já que perderia a batalha. Mandou que todos se retirassem menos os espartanos e os tebanos. Os téspios, liderados por Demófilo, se obstinaram em permanecer na luta por vontade própria, e assim fizeram, cobrindo seu pequeno povo de uma glória incomensurável. Quando já só restavam espartanos, tebanos e téspios (1.400 homens ao princípio, menos as baixas que haviam sofrido ao longo dos combates), as tropas tomaram o café da manhã. Durante esse café da manhã, Leônidas disse a seus homens: “Essa é nossa última refeição entre os vivos. Preparem-se bem amigos, pois essas noites jantarão no Hades!”

Os gregos formaram dessa vez todos juntos, a falange. Diante deles, tinham o vasto Exército Persa, e à suas costas os Imortais. Em vez de atacarem os Imortais para talvez derrota-los e abrirem caminho para a retirada (que não serviria de nada porque abriria as portas gregas para os persas), Leônidas mandou atacar o grosso do Exército Persa, em uma magnífica demonstração de heroísmo e valor em estado puro, com o objetivo de manter a luta durante o máximo tempo possível, e dar assim tempo à Grécia para se preparar. Sabiam que iam morrer em todo caso, de modo que escolheram morrer heroicamente, dando mostras de uma imensa grandeza. Os gregos eram conscientes de que aquilo não era mais uma resistência com esperanças, mas sim uma luta de sacrifício na qual o objetivo era lançarem-se apaixonada e furiosamente nos braços da Glória e causar ao inimigo o maior dano passível no processo.

No meio do combate, e após ter eliminado incontáveis persas, caiu Leônidas. Ao redor de seu cadáver se produziu um tumulto infernal enquanto gregos e persas lutavam por sua posse. Vária vez caiu em mãos dos persas e várias vezes foram recuperadas pelos gregos. Ao final o cadáver foi assegurado pelos espartanos que, lutando sem cessar, recuaram até o muro focense.

Os tebanos, por sua vez, ficaram separados do grosso da falange grega. Durante longos momentos lutaram com grande valor, porém ao final, exaustos, enlouquecidos e vendo-se perdidos, soltaram as armas e estenderam as mãos em gesto suplicante para se renderem aos persas. Esses, em plena animação da adrenalina, mataram ainda a vários. O resto dos tebanos foi capturado. Após a batalha, foram marcados na testa a ferro e fogo, e depois foram vendidos como escravos. De que serviu se renderem? Os quês conseguiram? A vida? Uma vida de escravidão e humilhação, eles, orgulhosos e valentes hoplitas da Hélade? Não teria sido melhor e mais digna uma morte em combate, lutando até o final?

Os espartanos e os téspios, por sua vez, seguiram lutando junto ao muro focense. Em um dado momento, sob a pressão das investidas e dos golpes, o muro desmoronou, esmagando guerreiros dos dois exércitos. A luta continuou surda e impiedosa. Muitos caíram esgotados e não conseguiram se levantar mais. Outros morreram atravessados pelo metal inimigo. Quando por fim apareceu o General Hidarnes a frente dos Imortais, os poucos gregos que sobraram praticamente todos eles espartanos, subiram uma pequena elevação para poderem se defender melhor. Puseram-se de costas para uma parede para não ficarem completamente desprotegidos.

Este foi o ponto terrestre sagrado da glória conquistada. Sobravam já menos de cem gregos contra, pelo menos, 100.000 persas (alguns dizem que 150.000 e outros falam de cifras bem maiores). Ali e então, cada grego se enfrentava a mais de mil persas.

Nesses momentos de resistência final se viram a mostras do heroísmo mais entusiasmados da História. A última luta na colina das Termópilas foi inspiração para inúmeras obras de arte ao longo dos séculos posteriores. Provavelmente sobravam já apenas espartanos. Quase todos eles estavam feridos e sangravam por inúmeras feridas. Suas lanças estavam quebradas e seus escudos destroçados, de modo que recorreram à espada. Aqueles que estavam desarmados após quebrarem ou perderem a espada utilizaram pedras para golpear seus inimigos, ou simplesmente se lançaram fanaticamente sobre ele para mata-lo com suas mãos ou seus dentes, estrangulando, quebrando, golpeando, rangendo, rasgando e mordendo com ferocidade sobre-humana, em um sanguinário e encarniçado corpo a corpo. Isso é histórico. Por acaso não foram esses homens possuídos pela mítica Ira Sagrada, a dos berserkers e os guerreiros inspirados? Bem se poderia perguntar-lhes: “Por que lutais se perdereis? Está destroçada, a beira da morte e mais próximos do Outro Mundo do quê da Terra. Como podeis, então, seguir lutando?”. Porém essas eram reflexões impróprias de heróis. Aquilo ultrapassava em muito qualquer coisa desse mundo. A razão havia ficado esmagada sob os pés da vontade helênica, que exprimiu ao máximo as forças daqueles homens. Era uma fúria que vinha de cima. Era fanatismo cego, era um sentimento invencível, visceral, vermelho e instintivo. Era lutar até o fim, como os bravos guardiões de Berlim em 1945.

Os persas não conseguiam suprimir aqueles fanáticos valentes e, totalmente desmoralizados, se retiraram. Então avançaram seus arqueiros, e lançaram sucessivas chuvas de flechas que massacraram os valentes resistentes. Um exército imperial multitudinário de centenas de milhares, lutando contra umas dezenas (provavelmente ao redor de 100) de gregos enlouquecidos, e ainda assim tiveram que vencer de longe porque no corpo a corpo jamais poderiam ter vencido!

Quando o último espartano – esgotado, delirante e ensanguentado, com a mente posta em sua esposa, seus filhos, sua Pátria e o Céu – caiu crivado por flechas lançadas de longe, terminou a Batalha das Termópilas. Os gregos haviam perdido e os persas haviam vencido. Os caídos se haviam

sacrificado furiosamente até o último homem, consumando cavalheirescamente seu juramento de honra e fidelidade eternas, e ascendendo as escadas da glória imortal. Em uma única batalha, esses caídos conquistaram uma iluminação maior do que a que mil sacerdotes e filósofos conseguem em vidas inteiras de dedicação.

Para fazermos uma ideia do medo que essa matança de persas insuflou no coração de Xerxes, basta dizer que ordenou a crucificação e decapitação do cadáver do Rei Leônidas. Isso é muito mais revelador do que parece, já que os persas, como bons arianos, tinham a tradição de honrar um inimigo valente morto. Porém Leônidas havia se demonstrado algo muito acima de seu respeito, algo aterrador que superava completamente a tudo que consideravam possíveis e que conheciam da Europa. Os demais cadáveres gregos foram jogados em uma fossa comum. Xerxes perguntou, fora de si em seu trauma, se sobravam na Grécia mais homens como aqueles 300 espartanos. Podemos imaginar perfeitamente o que sentiu quando lhe informaram que em Esparta havia 8.000 espartanos tão valentes e treinados como os 300 caídos!

Façamos agora uma pequena recontagem da Batalha das Termópilas: 7.000 gregos contra (ponhamos) 250.000 persas. O bando grego teve 4.000 mortos, incluindo Leônidas, seus 300 espartanos e os 700 téspios. Porém o bando persa teve nada mais, nada menos, que 20.000 mortos incluindo dois irmãos de Xerxes: Abrocomas e Hiperantes. Quer dizer, um exército 30 vezes menor que o inimigo lhe infligiu perdas cinco vezes maiores que as suas. Proporcionalmente, isso significa um triunfo de 150 para 1. São desnecessários os comentários, ainda que saibamos que, contudo, as frias cifras numéricas nada entendem de heroísmo e de vontade.

O quê ocorreu após a Batalha? O quê conseguiram os caídos? Dar tempo à frota naval e ao contra-ataque grego. Os persas prosseguiram sua marcha para Atenas, encontrando-a vazia, pois seus habitantes puderam ser evacuados enquanto ocorria a Batalha das Termópilas. Os persas saquearam e queimaram o que puderam. Na Batalha de Salamina desse mesmo ano de 480 AEC, a frota grega derrotou a persa em glorioso combate. Xerxes teve que se retirar com parte importante de seu exército, pois sem a frota, a logística e o abastecimento eram precários. Deixou, pois, 80.000 persas (outros dizem que 300.000) sob o comando de seu cunhado, o General Mardônio, para que continuassem com a campanha.

Poucos meses depois, na Batalha de Plateia de 479 AEC, 5.000 espartanos, junto com seus aliados, e sob o comando do Rei Pausânias de Esparta, derrotaram definitivamente os persas, e o General Mardônio caiu em combate. A Pérsia foi derrotada. A Grécia ganhou a Segunda Guerra Médica. O sacrifício da Termópilas, portanto, não foi em vão. O poeta Simônides escreveu uns versos em honra aos espartanos caídos em Plateia:

*“Estes homens deixaram um altar de glória em sua terra
Brilhando sem importar o tempo que faça
Quando foram envoltos pelas negras névoas da morte
Porém ainda que tenham morrido
Não estão mortos, pois seu valor lhes alça em glória.
“Desde as estâncias de Hades.”*

Qual foi a possibilidade catastrófica que Leônidas evitou. Tivesse se retirado da luta, a cavalaria persa lhe teria atacado em massa e em campo aberto, cercando-o por trás e pelos flancos e massacrando suas tropas. A Pérsia teria conquistado toda a Grécia e provavelmente uma porção significativa da Europa Oriental, talvez mais além dos Bálcãs e do Danúbio. E isso teria sido um desastre racial, já que a Pérsia era mestiça e a Europa ainda eram bastante puras. E graças aos Caídos, continuou sendo por muito tempo.

Antes de partir à luta, a Rainha Gorgo, esposa de Leônidas perguntou-lhe: “Quê farei se não voltares?”. A lacônica resposta foi: “Casa-te com alguém digno de mim e tenha filhos fortes que sirvam à Esparta.” Na perpetuação da Raça não há pausa aceitável. O caminho segue inexoravelmente e o sangue se transmite aos novos herdeiros.

A Batalha das Termópilas foi arquetípica. Leônidas (heráclida, descendente de Hércules) caiu no lugar em que, segundo a Tradição, Hércules se lançou nas águas para acalmar seu fogo interior. No local se colocou uma estátua de um leão (animal cuja pele vestiu Hércules, e que figura no próprio nome “Leônidas”, e se colocou uma placa com a simples inscrição: “Caminhante, vá a Esparta e diz aos espartanos que aqui fazemos obedientes a suas leis.”).

A gloriosa história da Batalha das Termópilas é acessível para qualquer um em inúmeros livros.

Capítulo 16 – História Posterior de Esparta

“Se acusa de relaxamento aquela sociedade da qual a corrupção se apodera, e é visível, em efeito, que o valor da guerra e a inclinação à guerra diminuem e que se aspira a desfrutar da vida, com tanta ânsia como antes aos lauréis da guerra e da luta.”

(Nietzsche, “A Gaia Ciência”, Livro Primeiro, 23)

Toda a educação espartana era considerada admirável pelos povos que rodeavam a Esparta, que respeitavam enormemente a seu valoroso vizinho, ainda sendo inimigos às vezes e amigos outras. O próprio Platão, quando escreveu sua “República”, se refere a medidas estatais que parecem diretamente tiradas das leis espartanas, pois ele nelas se inspirou, e foram também admiradas por Aristóteles, com alguma reserva enquanto a que o Eforato seria supostamente totalitário e tirânico. Em uma época em que as Cidades-estados helênicas estavam já em decadência, surgiram nelas vozes que pediam a adoção do exemplar modelo espartano. Eram os fascistas da época. E os covardes se referiam a essas vozes pró-espartanas como hoje em dia os mesmos se referem aos fascistas: com indignação, ressentimento, desconfiança e medo. Seja como for, as leis espartanas proporcionaram uma estabilidade que jamais conheceram os demais Estados helênicos. Esparta é o mais parecido que há ao Nacional-Socialismo. E dito seja de passagem, é um exagero afirmar que, em sua essência instintiva, Esparta era mais Nacional-Socialista inclusive que o próprio Terceiro Reich?

No século VI A.C., Esparta iniciou novas conquistas sobre os povos vizinhos. Sobre o ataque a Tegéia, Heródoto disse que um de seus motivos foi que os espartanos buscavam os ossos do mitológico Orestes (filho do lendário Rei Agamenon, líder de todos os gregos na Guerra de Tróia), considerado como um dos antepassados distantes do povo espartano. A Pítia de Delfos prometeu a vitória aos espartanos se encontrassem os ossos. E, efetivamente, encontraram-nos e venceram. Porém não encontraram ossos normais, mas sim um esqueleto de tamanho imenso, como os heróis gigantes aos quais alude Homero.

No mencionado caso de Tegéia, os espartanos foram audazes ao não anexá-la, mas sim estabelecer um tratado pelo qual Tegéia devia proporcionar soldados, armas e demais equipamentos, ademais de se aliar com Esparta e segui-la em todas as suas estratégias de política exterior. Em troca, Tegéia pode conservar sua independência.

Mediante políticas similares, Esparta conquistou os Estados de todo o Peloponeso, finalmente inclusive a Argos, Arcádia e Corinto, até o ponto

que, com a invasão dos Persas em 490 AC, Esparta era a maior potência helênica, muito acima de Atenas.

Segundo Heródoto, na mencionada Batalha de Platea de 479 AC lutaram 5.000 espartanos, 5.000 periecos e 35.000 helotas. Apenas os espartanos eram guerreiros consumados, enquanto que os emais estavam obrigados a tomar as armas, e a enorme quantidade de helotas (completamente carentes de treinamento guerreiro) constituíam a bucha de canhão. Na época da maior população, em Esparta havia 200.000 helotas e 9.000 famílias espartanas. Em 480 havia um total de algo menos que 8.000 hoplitas espartanos mobilizáveis.

Esses tipos de batalhas foram heroicos, porém fratricidas e prejudiciais para a Raça. Pérsia e Grécia eram nações arianas aparentadas. O poeta grego Ésquilo (525 AC – 456 AC) pôs na boca da mãe de Xerxes: “Me parece ver duas virgens soberbamente enfeitadas. Uma ricamente vestida à moda dos persas; a outra, segundo o costume dos dórios. Ambas superam em majestade às outras mulheres. Ambas, de uma beleza impecável. Ambas, irmãs de uma mesma Raça.” Com isso vemos que inclusive naquela época havia indivíduos que se davam conta das quão absurdas resultavam essas querelas de povos claramente superiores. O que tinham que ter feito helenos e persas era se unirem e submeter às multidões inferiores que habitavam suas respectivas terras e que acabariam por lhes afundar gradualmente, através da mistura e do roubo de sua pureza racial, na decadência mais absoluta.

O certo é que o numeroso Exército Persa estava composto principalmente de raças escuras e que somente os chefes e a elite guerreira eram persas autênticos e puros, porém em todo caso as guerras da época eram travadas por um bando de arianos contra outro, junto com os escravos de cada bando, quando o que tinham que ter feito era se unirem, bando ariano com bando ariano, ombro com ombro, escudo com escudo, para massacrar a todos os escravos, estivessem unidos ou não. Teria-lhes sido extremamente fácil fazê-lo, e não lhes teria causado problemas, já que aos antigos arianos não lhes importava manchar-se com sangue. Porém não o fizeram, porque não tinham aprendido a renunciar a eles mesmos em favor do que os superava: a Raça. Repetimos a sentença de George Bernard Shaw: “Os fortes se destroem entre si, e os fracos continuam vivendo.” Crasso erro passado, por culpa do qual a decadência impera no presente.

Em 464 AC houve em Esparta um grande terremoto que destruiu o ginásio enquanto os efebos, a flor e nata da juventude espartana, se encontravam dentro se exercitando, matando muitos deles. Essa tragédia propiciou que

os helotas (aproveitando a desordem e o vazio criado) iniciassem outra revolta, confiantes em sua avassaladora superioridade numéricas em relação aos espartanos. Assim começou a Terceira Guerra Messênia.

A rebelião aberta foi esmagada pelos espartanos com eficácia e sem a menor piedade. Os atenienses enviaram a Esparta um contingente militar liderado pelo patriota e pró-espartano Cimón para lhes auxiliar, porém os espartanos rechaçaram altivamente a ajuda, e o contingente teve que retornar estupefato a Atenas. Os restos da revolta se retiraram ao Monte Itmé – já símbolo da identidade messênia. Desde ali, e sob o assédio espartano, os messênios se dedicaram por cinco anos a uma guerra de guerrilhas contra os espartanos, que também recorreram com maestria à tática guerrilheira, empregando seus fanáticos e selvagens filhotes em atividades seletivas de caça, repressão e castigo.

Após esses cinco anos, os espartanos, talvez levados ao respeito pela valente e desesperada resistência dos messênios, lhes permitiram escapar do Peloponeso. Porém reforçaram ainda mais sua severidade para com os helotas.

Capítulo 17 – O Crepúsculo de Esparta

“Se alguém me pergunta se eu creio que as leis de Licurgo permanecem imutáveis ainda hoje, por Zeus, já não poderia afirmá-lo com segurança. Realmente, sei que os lacedemônios antes preferiam viver eles sozinhos em sua Pátria desfrutando de seus moderados bens, do que serem harmostas de uma cidade estrangeira e, ao ser adulado, caírem vítimas da corrupção. Também sei que antes temiam ser vistos com ouro; ao invés, agora inclusive há alguns que alardeiam possuí-lo. Também conheço que antes havia expulsões de estrangeiros e que não se permitia sair do país aos cidadãos para que não se contaminassem com a moleza dos estrangeiros. Agora, por sua vez, sei que os que se consideram os melhores se esforçam em serem governadores no estrangeiro e que nunca abandonem o cargo. Houve um tempo em que se preocupavam em serem dignos de mandar; por sua vez, agora se ocupam muito mais de conseguir o mando do que de serem merecedores dele. Em consequência, os gregos iam antes à Lacedemônia e pediam-lhes que tomassem o mando contra os que pretendiam ofender-lhes. Agora, ao contrário, são muitos os que se auxiliam mutuamente para lhes impedir de voltarem a liderar.”
(Xenofonte, “Constituição dos Lacedemônios”, 14).

“Todas as grandes culturas do passado caíram na decadência devida unicamente a que a raça da qual haviam surgido envenenou seu sangue. A causa última de semelhante decadência sempre foi o fato de que o homem esqueceu que toda cultura depende ele e não vice-versa; que para conservar uma cultura definida, o homem que a construiu também precisa ser conservado.”
(Adolf Hitler, “Minha Luta”, Volume I, Capítulo IX).

A rivalidade entre Esparta e Atenas culminou com a longa Guerra do Peloponeso (431 a C – 404 a C). Essa guerra teve certo caráter espiritual-ideológico: os atenienses viam a Esparta como um Estado de brutalidade, opressão ao indivíduo e rigidez inflexível, enquanto que para os espartanos, Atenas era um poço escuro de decadência, homossexualidade, e moleza que ameaçava contaminar toda a Hélade.

Em 415 a C, uns emissários espartanos acudiam ao Santuário de Delfos. O oráculo lhes fez um augúrio sombrio: logo os espartanos veriam os muros de sua pior inimiga reduzidos a escombros, porém eles mesmos não tardariam em sucumbir ante uma amarga derrota. Essa foi talvez a primeira advertência sobre o ocaso vindouro de Esparta.

O espartano Lisandro, chefe da marinha espartana, derrotou efetivamente o ateniense Alcibíades em 404 a C, e outorgou a vitória a sua Pátria. Depois de longos e penosos anos de assédio, privações e batalhas contra Atenas, quando finalmente triunfou Esparta, Lisandro escreveu simplesmente em suas memórias: “Atenas caiu”. Outra mostra de laconismo. Lisandro era um *mothake* (bastardo), pois seu pai era espartano e sua mãe helota. Mesmo assim, durante sua infância, foi aceito por algum motivo no brutal sistema de treinamento da Agogé. Lisandro era, contudo, um militar metido a político e um conspirador, e acariciava ideias de uma nova revolução das leis em Esparta. O simples fato de que um indivíduo como Lisandro tivesse chegado a um posto tão alto já implicava que algo estava podre em Esparta.

A guerra resultou na ruína de Atenas, consolidando-se a supremacia espartana. Nesse mesmo ano de 404 a C, os muros de Atenas foram derrubado ao som de pífaros espartanos, tal e como foi vaticinado em Delfos, e o governo de Atenas foi tomado pelos “Trinta Tiranos”.

Porém a supremacia espartana seria curta, porque havia sido conquistada a custo do sacrifício do melhor sangue espartano e, como já se disse, negros presságios sobrevoavam Esparta. Estava-se ficando sem sangue de qualidade, esgotado em inúmeras guerras. Seus números minguavam. A dureza dos espartanos produzia cada vez mais ódios da parte dos povos submetidos, que se multiplicavam endiabradamente. Esparta estava envelhecendo. Por outro lado, se mostrava muito zelosa em suas leis de cidadania (ser filho de pai e mãe espartanos e passar pela eugenia, a Instrução e a admissão nas sistias do Exército), de tal modo que com a vinda das misturas e das guerras sanguinárias, nas que caíam os melhores espartanos, o número de autênticos espartanos se foi reduzindo desde os 10.000 do apogeu, até chegarem finalmente a pouco mais de mil, porém ao menos esses poucos seguiam sendo iguais aos seus antepassados espartanos.

Haviam preferido ser, a todo custo, uma seleta minoria superior, dominando a uma maioria inferior e sendo leais às leis de Licurgo até o fim de sua agonia nacional. Estavam obstinados em resistir como grupo seleta, elite aristocrática, e se negavam a dar concessões ou compartilhar privilégios, permanecendo cada vez mais orgulhosos à medida que seus números foram diminuindo mais e mais. Sabiam que uma minoria somente pode se impor se cultiva sua qualidade. Os números de espartanos autênticos, varões hoplitas, jamais haviam superado a cifra de 10.000.

Toda essa política demográfica contrastava, pois, com a ateniense, que consistiu em inflar artificialmente os números de sua população (Atenas tinha aproximadamente cinco vezes a população de Esparta) mediante a imigração não ariana, a reprodução descontrolada e a falta de eugenia. Isso deu como resultado bairros insalubres, sujos e lúgubres, de ruas estreitas e retorcidas, onde se acumulavam os escravos e onde se estendiam as infecções os ratos e as pestes.

A derrota de Atenas motivou que comesçassem a circular as riquezas como troféus por Esparta. Plutarco escreveu: “O princípio da corrupção e da decadência da República dos Lacedemônios quase se deve situar-se em que, tendo destruído o império dos atenienses, começaram a abundar em ouro e em prata.” Isso não teria sido um problema se tivessem conservado puro o seu sangue, pois teriam rechaçado o ouro, mantendo sua lealdade às leis de Licurgo. Como dissemos, Esparta havia sangrado muito em sua guerra contra Atenas. A flor e nata de sua virilidade guerreira se haviam imolado no altar de sua Pátria, e os números dos espartanos começaram a fraquejar.

Em 398 a C, o Rei Agesilau ascendeu ao trono gêmeo de Esparta. Um ano depois, sucedeu outro funesto presságio. Enquanto um sacerdote levava a cabo um sacrifício, entreviu horrorizado algum nefasto signo arquetípico no ritual, e anunciou com grande alarme que Esparta estava sobre espregue de seus inimigos, e que nesse mesmo instante se encontrava seriamente ameaçada. Em vista da prostração de seus inimigos exteriores, o presságio provavelmente não foi tomado com a seriedade que deveria. Porém o presságio se referia aos inimigos interiores de Esparta.

Agesilau descobriu um ano depois, em 397 a C, uma conspiração urdida por Lisandro contra as leis de Licurgo. Nessa conspiração jogava um importante papel um indivíduo chamado Cinadón. Esse formava parte dos hypomeiones, ou “inferiores”, isso é cidadão espartano “degradado” por terem mostrado covardia em combate, por não terem provido a sua sistia das rações estipuladas, por não terem sido admitidos em sistia alguma, ou por outros motivos desonrosos. O importante dessa conspiração radicava em que parecia reunir a todos os que não eram autênticos espartanos, quer dizer, helotas, periecos e espartanos degradados, todos os quais – segundo o próprio Cinadón – queriam “comer crua” a elite dos autênticos espartanos, pois guardavam contra eles um ressentimento imenso e venenoso. Após terem feito suas confissões, Cinadón e sua loja de conspiradores foram conduzidos através da cidade de Esparta sob a ponta

de lanças e o açoite dos chicotes. Depois de serem levados a Kaiada, foram executados e arremessados no fosso.

Agésilau foi acusado de quebrar uma velha lei de Licurgo que proibia fazer a guerra durante muito tempo seguido contra o mesmo inimigo para que esse não aprendesse a se defender, pois com suas incursões em Beócia, estava praticamente ensinando os tebanos a lutar. Em 382 a C. Esparta tomou Tebas. Porém essa vitória estava maldita, pois Esparta havia decaído muitíssimo e os tebanos estavam se fortalecendo. Quatro anos depois, os tebanos lograram expulsar os espartanos, no primeiro sinal político de que Esparta estava decaindo. Anos depois, 7.000 tebanos altamente motivados, sob o líder carismático Epaminondas, se levantaram contra Esparta e derrotaram os espartanos na Batalha de Leuctra de 371 a C. Naquela batalha já só lutaram 1.200 espartanos, que eram todos os que sobravam. 400 deles morreram.

Diz-se que quando os soldados tebanos entraram em Esparta durante os combates de rua que se sucederam, perguntavam: “Onde estão os espartanos?” e que um ancião lhes respondeu “Já não existem, caso contrário, vocês não estariam aqui.”.

Após a invasão, os inteligentes tebanos deram outro imenso golpe ao poderio de Esparta: libertaram os helotas. A cidade de Messênia (em apenas 74 dias) se rodeou de um muro, simbolizando que havia se emancipado do jugo espartano e que pretendia conservar essa emancipação a todo custo.

Os espartanos haviam caído, porém os tebanos haviam mantido seu sangue puro e sua vitalidade. Contavam com uma unidade de elite chamada o “Bando Sagrado”. Em toda a Grécia, as mulheres tebanas (descritas por Dicearco como “loiras”) eram já consideradas superiores às espartanas, as mais belas da Hélade, e em toda parte se reconhecia que os espartanos haviam mantido seu sangue puro. Os tebanos descendiam de invasores tessálios, magníficos cavaleiros que chegaram à Grécia na época das grandes invasões. Após terem sido expulsos do Peloponeso pelos dórios, estabeleceram sua capital, Tebas, na Beócia. A Batalha de Leuctra consumava a vingança dos tessálios contra os dórios.

Desde 640 a C. nenhum exército havia conseguido submeter Esparta. O poderio espartano estava acabado. Suas leis de ferro e pedra – sabiamente promulgadas e gravadas a sangue e fogo – não contiveram a mistura sanguínea eternamente, ao mesmo tempo em que nas guerras morriam

desastrosamente os melhores espécimes biológicos e espirituais da elite espartana. Houve uma traição, uma deslealdade, uma perda de memória e uma queda.

A partir daqui, a história de Esparta é vergonhosa, desesperada, triste e trágica. Sentimos vergonha alheia diante dela pelo muito em que contrasta com o heroísmo anterior. Poderia se dizer que era humilhante para seus herdeiros, porém devemos agregar que não eram já os herdeiros da Esparta dória, porque não corria por suas veias sangue dório puro – sangue ariano puro.

A mistura sanguínea e a guerra fratricida com Atenas haviam debilitado muito as numerosas Cidades-estados helênicas, de tal modo que caiu presa da nova estrela ariana dos macedônios do Rei Filipe II (382 – 336 a C.), um povo heleno que se havia mantido na periferia da Grécia vivendo em modo bárbaro, conservando a dureza das origens e a pureza de seu sangue. Valendo-se da Liga Tessália, os macedônios começaram a penetrar gradualmente na Grécia. Em 367 a C. se constituiu a Liga Etólia.

Em 339 a C. os macedônios já tinham chegado a dominar a Hélade, incluindo Esparta. O filho de Filipe II, o famoso Alexandre Magno (356 – 323 a C.), conquistaria o maior Império conhecido até então, desde a Grécia até a Índia, e desde a Cáucaso até o Egito, Império que sucumbiria pelo amolecimento e a mestiçagem institucionalizada que promoveu erroneamente para helenizar a povos estranhos que eram menos puros que os macedônios e que, ainda assim, graças à conservação da nobreza macedônia em muitas de suas províncias (como Egito), e a sua interação com outras aristocracias arianas, pode seguir dominando de forma fragmentada.

Em 330 a C., o Rei Agis III de Esparta atacou Antipater, lugar-tenente de Alexandre Magno, porém foi vencido e morto na Batalha de Magalópolis. Durante a Guerra Lamiana iniciada após a morte de Alexandre Magno em 323 a C., Esparta se encontrava demasiado débil até mesmo para participar.

Durante o século IV a C. teve lugar uma reforma de Epitadeu, um éforo ambicioso que, por desavenças com seu próprio filho, redigiu uma lei segundo a qual todo cidadão poderia outorgar sua herança a quem quisesse. Isso teve uma enorme influência na distribuição das parcelas de terra, confirmando uma vez mais que o estado da terra, as “reformas agrárias” de caráter “progressista” são a ruína da Nação. De todas as maneiras, a posterior ruína de Esparta não foi consequência dessa lei, mas sim que a

redação de dita lei foi consequência de uma silenciosa decadência no âmbito do espírito e do corpo, e que se manifestava materialmente na contaminação do sangue, na desintegração das famílias nobres e nos males derivados disso.

Durante essa época decadente de misturas e corrupção, a liberdade feminina se voltou contra Esparta. As “espartanas”, sendo por tradição proprietárias e administradoras da economia e do lar, se tornaram sediciosas e egoístas. O materialismo que invadia Esparta procedente da Atenas se enraizou nas mulheres com grande facilidade. Esqueceram a naturalidade atlética, esqueceram os esforços físicos, esqueceram seu papel de mães severas, esqueceram a gravidade da esposa sagrada, esqueceu-se de inspirar esperança e contemplação, e abraçaram o luxo, os adornos e o conforto. Durante a decadência espartana, as mulheres chegaram acumular de forma insensata a maior parte das riquezas de Esparta. Obviamente, a essas alturas, a liberdade feminina não fazia sentido, posto que já não se tratasse de mulheres de sangue ariano puro. Naqueles momentos, pôr a mulher sob um sistema de severa submissão (como no resto da Grécia, ou como depois em Roma) tivesse preservado um pouco mais a decadente existência de Esparta, porém não é nobre prolongar uma agonia, mas sim pôr fim a ela mediante um golpe de misericórdia.

Ao final do século IV a C., Esparta foi rodeada de muralhas defensivas, violando sua tradição e revelando ao mundo que havia perdido a confiança em si mesma.

O Rei Agis IV de Esparta (reinou entre 244 – 241 a C.) tentou restaurar as leis de Licurgo, posto que havia se educado no patriotismo e sonhava em restituir a grandeza de Esparta. Param então, os lotes de terra estavam desigualmente repartidos e mal aproveitados graças à péssima administração feminina, e ele quis torná-los mais equitativos. Agis adiou a redistribuição de terras para se unir à Liga Aqueia de Arato de Sición, que desafiava o crescente poder dos macedônios. Em 243 a C., a Liga Aqueia derrotou a guarnição macedônica de Corinto, resultando em uma breve expansão da Liga. Porém durante a ausência do Rei, a resistência às suas reformas foi encabeçada por seu co-regente, o Rei Leônidas II. Esse rei traidor, indigno do seu nome, era o exemplo perfeito da decadência espartana: casado com uma mulher persa gostava de manter em sua corte um estilo de luxo oriental que teria lhe garantido execução imediata na velha Esparta. Assim que apareceu Agis, foi preso pelos éforos que, já

completamente corrompidos, condenaram-no a morte. Agis foi assim o primeiro Rei de Esparta a ser executado pelos éforos.

Em 230 a C. já apenas sobravam 700 espartanos, divididos, desorientados, fracos e sem rumo. A diferenciação de castas, as barreiras sanguíneas, havia sido derrubada. Os lotes de terra estavam em mãos de mulheres de sangue impuro que as administravam sediciosamente. E existiam já helotas que possuíam terras próprias. Plutarco escreveu:

“Assim é que não teriam ficado mais do que uns setecentos espartanos, e desses apenas uma centena possuía terras, e todos os demais não eram mais que uma multidão escura e miserável, que nas guerras exteriores defendia a República tibia e frouxamente, e em casa estavam sempre à espreita da ocasião oportuna para a mudança e derrubada do governo.”

O Rei Cleómenes III de Esparta (reinou entre 235 -219 a C.) procurou fazer outra volta às leis de Licurgo. Sua meta era criar de novo um grupo de espartanos que restituíssem o antigo poder espartano. Após uma série de esperançosas alianças como Tegéia e a recuperação de Manitea dos arcádios, Esparta parecia estar renascendo, oposto à Liga Aqueia. Restabeleceu-se a austeridade espartana e as comidas em grupo. Esparta derrotou a Liga Aqueia em 228 a C., na ribeira do Rio Liceo. E em 227 a C., voltou a derrotá-la próximo a Leuctra. O vitorioso Cleómenes, assim que voltou a Esparta, mandou executar os corruptos éforos e aboliu a instituição do Eforato.

Esparta continuou conquistando e triunfando: anexou Manitea e, em 226 a C., voltou a derrotar a Liga Aqueia na Batalha de Hecatombeion. Apoiada pelo Egito, Esparta estava literalmente reconquistando o Peloponeso.

Os dirigentes da Liga Aqueia – terrivelmente atemorizada pelo ressurgir do lendário poderio espartano – decidiram pôr fim a sua política antimacedônica e chamar cinicamente os macedônios para que freassem os novos espartanos. Arato de Sición pediu ajuda a seu suposto inimigo, o Rei Antígono III da Macedônia, oferecendo-lhe o controle de Corinto. A Liga Etólia e a Liga Macedônica, aterrorizadas e unidas, juntaram um exército de 30.000 homens, que venceram os 10.000 espartanos e aliados na Batalha de Selásia de 222 a C. Ali se extinguiu definitivamente o Poder Espartano; os novos espartanos caíram, as muralhas de Esparta foram derrubadas e Cleómenes teve que se exilar em Alexandria. Após ter tentado a partir de lá um golpe de estado com a ajuda do Egito, morreu em 220 a C. Com ele desapareceu a linhagem real heráclida.

Tanto o Rei Agis IV como o Rei Cleómenes III são figuras trágicas, homens de qualidade que nasceram tarde demais, e que representavam a voz agonizante do Arquétipo Espartano durante seu mais sinistro ocaso. Sem embargo, esses reis não souberam compreender a verdadeira causa da derrubada de Esparta: a dissolução, sob a degradação espiritual da Idade do Ferro, do sangue dos elementos dórios originários que construíram Esparta.

Em 208 a C., Nabis, posteriormente conhecido como Tirano de Esparta ascendeu ao trono. Posto que a linhagem dupla dos Heráclidas houvesse desaparecido com o Rei Cleómenes III, se fez único Rei de Esparta, mandando edificar de novo muralhas defensivas que a rodearam e tentando revitalizar as reformas que haviam procurado levar a cabo os reis Agis IV e Cleómenes III. Introduziu com ajuda da Liga Etólia uma espécie de democracia em Esparta, e esse foi seu maior erro, pois deu liberdade a grande quantidade de helotas que não tardariam em misturar seu sangue com o dos espartanos. Os mothakes (bastardos) começaram a ter influência no próprio organismo nacional espartano, e surgiram os neodamodeis, “novos cidadãos”.

Em 205 a C. Esparta se aliou com Roma em sua esperança de afastar os macedônios. Porém em 197 a C. Roma se voltou contra Esparta, aliando-se com os demais Estados gregos. A Liga Aqueia obrigou em 192 a C. a Esparta que se unisse a ela para tentar vigiar seus movimentos, porém quando Nabis considerou que a Liga havia se excedido em seus assuntos, levou a cabo sua secessão. Filopemén liderou o Exército Aqueu, que irrompeu em Esparta e executou os líderes antiaqueus, incluindo a Nabis, derrubando de novo as muralhas de Esparta, liderando os escravos e abolindo a Instrução.

Tudo o que nessa época faziam os aqueus contra Esparta era uma expressão do terror inconsciente que sentiam ante a possível ressurreição do Poder de Esparta, e foi então, quando Esparta estava fraca, que quiseram destruí-la para impedir qualquer ressurgimento futuro.

Em 146 a C., Esparta foi conquistada pelas legiões romanas. Sob a dominação romana, alguns costumes de dureza espartana subsistiram despojados de sua essência: o festival da Deusa Ártemis se converteu em uma cerimônia grotesca na qual simplesmente se açoitavam crianças em público, às vezes até a morte, rito aberrante e já sem sentido, e que me parece algo tipicamente oriental, semítico, etrusco e fenício. Na tranquilidade da Pax Romana, Esparta se dedicou a essas práticas

aberrantes que atraíram um grande número de turistas excitados de todo o Mediterrâneo.

Em 267 Esparta foi saqueada pelo povo germânico dos hérulos – o mesmo povo que derrubaria o último Imperador Romano do Ocidente dois séculos mais tarde. Os germanos eram a nova estrela ariana da Europa, e o seriam por muitos, muitos séculos. Conservavam “incontaminada” sua Vontade de Poder, e sua mentalidade bárbara lhes impulsionava a conquistar e dominar, o que fizeram perfeitamente. Durante essa época estavam se precipitando sobre um Império Romano já decadente e irreconhecível, em que o Cristianismo estava minando irremissivelmente os sagrados pilares da sociedade ariana pagã, militarista e patriarcal que outrora tiveram os romanos.

Após o desastre romano contra os godos na Batalha de Adrianópolis (378), a Falange Espartana derrotou um bando de saqueadores germanos, em um medíocre lampejo de força. Porém em 396 a C. Esparta foi arrasada pelos visigodos do Rei Alarico I, que acabaram sendo os encarregados de administrar o golpe de misericórdia contra um Império Romano que já se declarava oficialmente cristão, perseguindo a pagã após uma característica inversão judaica, demolindo os templos pagãos e destruindo as esculturas helenísticas. Os bravos visigodos prosseguiram seu caminho até saquear a própria Roma e logo irromperam na Espanha, onde acabariam formando a turbulenta aristocracia que tanto realizou na Idade Média, a que tanto deve a Reconquista, e que tanto influenciou na posterior expansão espanhola na forma de um Império, ficando a memória dos godos até o Renascimento.

Próxima das ruínas de Esparta se edificou o povoado de Mistra.

Os bizantinos, posteriores conquistadores do Sudeste da Europa, edificaram sobre Mistra uma nova cidade a que chamaram Lacedemônia, tal como se chamava antes de se chamar Esparta. Segundo fontes bizantinas, em pleno século X grandes zonas do território da Lacônia ainda eram pagãs.

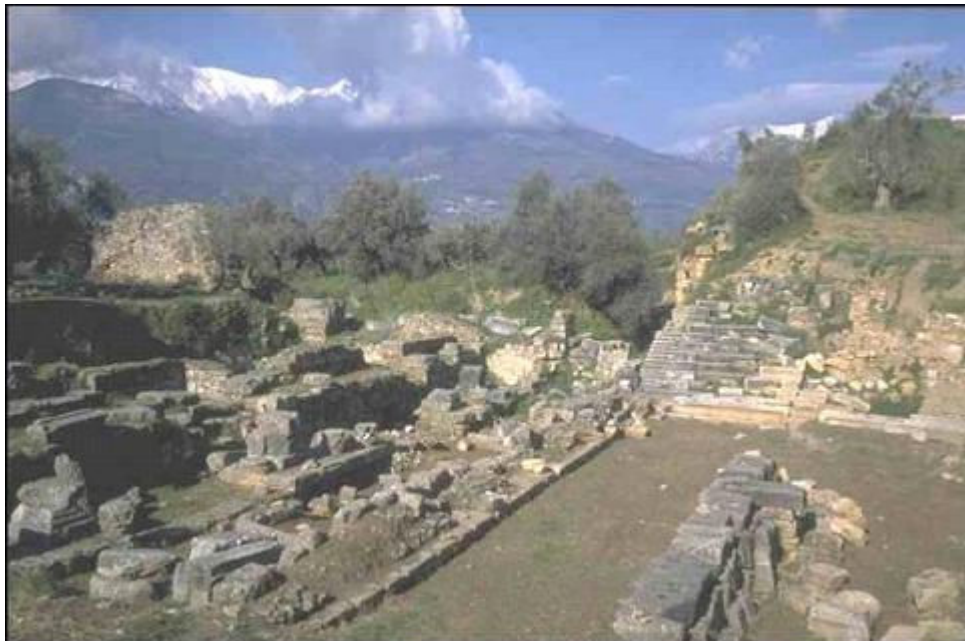
Quando os turcos otomanos começaram a assumir o controle da Grécia e do Sudeste da Europa nos séculos XIV-XV, ficaram redutos de etnia dória que conservaram a religião ortodoxa e sua pureza racial tanto em Creta (os esfaquiotas) como no próprio Peloponeso (maniotas). Esses núcleos, que se retiraram a zonas montanhosas afastadas e bem protegidas, mantiveram sua identidade intacta até que os turcos foram expulsos da Grécia no século XIX, após o quê desceram das montanhas para povoar de novo as zonas mais propícias à vida, mantendo sempre a fama de bravos guerreiros. Há

autores que relacionam esfaquiotas e maniotas com os próprios espartanos, por compartilharem estirpe dória entre si. Seja ou não certo, não deixa de ser um caso digno de reflexão e menção.

Após a expulsão dos turcos, se edificou a que é atualmente Sparti, sob um avançado plano urbanístico.

Hoje Esparta é um conjunto de ruína simples, toscas e pouco vistosas. Tucídides disse:

“Se fosse desolada a cidade dos lacedemônios, e só restassem os templos e os cimentos dos edifícios, penso que ao cabo de muito tempo, os homens do amanhã teriam muitas dúvidas a respeito de se o poderio dos lacedemônios realmente correspondia a sua fama... Ao contrário, se ocorresse o mesmo aos atenienses, ao serem mostradas aos olhos dos homens do amanhã a aparência de sua cidade, conjecturaria que a força de Atenas era o dobro da real.”



Capítulo 18 - A Lição de Esparta

"Parece-me que a civilização tende mais a refinar o vício do que aperfeiçoar a virtude"

- Edmond Thiaudière

Uma nação tão excepcional como Esparta, que arrasava seus inimigos em uma época em que o homem era infinitamente mais duro que agora, uma nação que era temida em "uma idade que tudo tritura e salpica de sangue", teve uma missão excepcional: assinalar um caminho para nós, filhos do Ocidente e por tanto herdeiros de Esparta. Esse foi o propósito de Licurgo, e a sibila de Delfos soube quando o viu, santificando sua missão. Mas Esparta teve também que nos assinalar o único ponto fraco de tal civilização, de modo que sua decadência também nos há de servir de lição, para que a espartana disciplina da grande dor, a ascese militar, não haja sido em vão.

A Esparta sucedeu o que sucede a toda civilização: sucumbiu sob a maldição multirracial, o ouro dos comerciantes, a corrupção das mulheres, a fraqueza dos homens, o relaxamento, os luxos e as guerras fratricidas, se bem que as leis de Licurgo prolongassem sua glória e sua agonia. Os melhores e mais valentes homens da Grécia estavam acabados. Logo seus restos foram pisoteados por povos mais puros, juvenis e vigorosos.

Porém qual é a lição principal? Que o despertar da humanidade europeia, como em seu dia o despertar de Esparta, só poderá ocorrer após a vinda de um terrível trauma sobre a raça, que atue como uma iniciação do tipo da "morte mística". Quem dará à Europa a temida iniciação?

Esparta nos ensina também que não podemos permitir que devessem evitar a todo custo, que os homens de qualidade morram sem deixar uma descendência abundante, pura, protegida e cultivada, procriada com congêneres de idêntica qualidade racial. Cultivar o melhor sangue é a solução. Ter um jardim perfeitamente ordenado e distribuído é a solução. E Esparta teve êxito durante muito tempo, porém acabou falhando. E caiu, roída em suas raízes desde dentro.

Se hoje em dia, pois, tivéssemos que nos perguntar que país se parece mais a Esparta quanto a sua situação estratégica e seus métodos, somente poderíamos dar por resposta Israel. A judiaria compreendeu que perder a cabeça e se deixar seduzir pela confiança que embriaga o vitorioso são o momento do maior perigo, e por isso estabeleceu algo tão inaudito e

incompreensível à primeira vista como o Estado de Israel. Apesar de haver conquistado todo Ocidente, graças a Israel, a judiaria pode ainda se permitir o luxo de estar em ambiente de perigo e de guerra. Aí, o inimigo se encontra no interior e ameaça constantemente com atacar. Aí, somente a opressão dos palestinos e o se manter em guarda perpétua garante sua segurança e lhes imagina para não decaírem. Aí, tem a um povo fanático, histérico, armado até os dentes e militarizado, rodeado de vizinhos hostis que acrescentam ainda mais sua paranoia, seu racismo, sua mentalidade de autodefesa e seu afã de compensar mediante a qualidade sua inferioridade numérica, alimentando um sentimento de estarem sozinhos perante o perigo - sentimento absolutamente falso, já que tem a seus pés os meios de quase todo Ocidente.

Em comparação com o barbarismo imperante nas favelas e vilas-miséria do Terceiro Mundo, com a organização corporativa da Ásia Oriental, com o embrutecimento dos imigrantes nas ruas do Ocidente, e com esse barbarismo estatal e consolidado que é o Estado de Israel, o Ocidente aparece como algo extremamente suave, velho, cabisbaixo, afeminado, sem instintos, sem coluna vertebral e condenado a desaparecer. Ocidente, agora mesmo, transita sua etapa mais vulnerável e essa condição se acrescenta a passos agigantados. O Ocidente não se salvará se não logra despertar seus instintos primários.

Capítulo 19 - A Sobrevivência do Arquétipo Espartano

"Ao super-homem sim podeis criar! Talvez não possais criá-los vós mesmos, porém podereis vos converter em pais e ascendentes do super-homem. Que essa seja vossa melhor criação!"

- F.W. Nietzsche, "Assim Falou Zaratustra".

Os esparciatas foram herdeiros de um arquétipo: o arquétipo do Estado militar europeu, das filas de tropas disciplinadas, do orgulho, da honra, da austeridade e do sacrifício. O arquétipo, como dissemos, seria herdado por outros ao longo da história, como os romanos, os templários, os espanhóis, os ingleses ou os alemães. Os esparciatas formaram, assim, parte da linhagem de gigantes do Ocidente e do gênio humano. Em seu caso, tiveram o privilégio de ser nem mais nem menos que um povo inteiro e unido.

Comparemos os europeus de hoje com os espartanos. Sentimos pânico ao constatar semelhante degeneração física, mental e espiritual, semelhante desvalorização. O homem europeu, aquele que era o homem mais duro e mais valente da Terra, se converteu em um farrapo e degenerou biologicamente por efeito da comodidade. Sua mente é débil, seu espírito é frágil, e acima se crê o ápice da criação. Porém esse homem, somente pelo sangue de que é portador, já tem um enorme potencial.

As regras sobre as quais estava assentada Esparta eram eternas e naturais, tão válidas hoje como ontem, porém hoje em dia o bem-estar dualista de *mens sana in corpora sano* foi esquecido: a forma física é abandonada, produzindo monstros fracos, doentes e deformados; e o envenenamento mental produziu abominações semelhantes no campo do espírito. O europeu moderno não conhece a dor, nem a honra, nem o sangue, nem a guerra, nem o sacrifício, nem a camaradagem, nem o respeito, nem o combate e por isso tampouco conhece antigas e amáveis deuses como a Iluminação, a Glória ou a Vitória.

Todos os renascimentos europeus estiveram inspirados nesse espírito Greco-romano ou europeu clássico, do qual o arquétipo espartano foi a manifestação mais realizada e depurada. As leis imutáveis de Esparta seguem sendo tão válidas ontem como hoje, esperando simplesmente que alguém tenha a sabedoria de obedecê-las.

